

Jane Petry da Rosa

**CORRIDAS DE RUA:
APRENDIZAGENS NO TEMPO PRESENTE**

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Belinaso
Guimarães

Florianópolis
2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Rosa, Jane Petry da
CORRIDAS DE RUA : APRENDIZAGENS NO TEMPO PRESENTE /
Jane Petry da Rosa ; orientador, Leandro Belinaso
Guimarães - Florianópolis, SC, 2013.
198 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, . Programa de Pós-Graduação em Educação.

Inclui referências

1. Educação. 2. Corridas de rua. 3. Estudos Culturais.
4. Pedagogias Culturais. 5. Consumo. I. Guimarães, Leandro
Belinaso. II. Universidade Federal de Santa Catarina.
Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Folha de Aprovação

A todos que correm atrás dos seus sonhos

AGRADECIMENTOS

Um simples muito obrigada, muitas vezes, não exprime o quanto realmente somos gratos pelas ajudas que recebemos. Por isso gostaria de deixar registrado o meu desejo de dar um abraço bem apertado e sincero em todos os que sonharam comigo e me ajudaram a completar mais esse ciclo.

Um ciclo que começa dentro de uma sala de aula. No dia que contei para um aluno que estava pensando em desistir da carreira acadêmica. Ele virou-se para mim e disse: Você nasceu para ser professora.

Serei eternamente grata pelo incentivo.

Um grande abraço, Edson!

Mãe, teu coração sempre soube compreender os momentos em que estava precisando de um carinho, de uma amiga.

Pai, teus olhos sensíveis se endureceram quando precisei de uma lição e tua mão esteve sempre estendida quando pedi um auxílio.

Pai e mãe, agradeço pela força, pelo exemplo e pelo amor com que me dirigiram pela vida.

Com vocês quero um abraço bem demorado!

Mana, tão longe de mim, mas sempre tão próxima e solícita, me auxiliando nas traduções e ouvindo meus escritos via *Skype*. Obrigada, Monique, por seres minha grande amiga e um lindo exemplo de vida.

Um abraço daqueles cheios de saudade.

Meu amor, quanta generosidade cabe dentro de ti? Obrigada pela paciência, por entenderes minhas muitas ausências, por corrigires minhas frases sem sentidos e por estares sempre ao meu lado.

Rafa, quero um abraço daqueles de novela (onde os dois ficam rodando).

Meu orientador... o que dizer. Quanto conhecimento, quanta modéstia, quanta preocupação, quanta leitura, quantas ideias, quanta competência.

Obrigada por tudo isso, Leandro, e também por me colocares na malhação.

À ti, meu abraço de gratidão e veneração!

À Heloísa, minha companheira de trabalhos, de disciplinas e de longas confissões via telefone.

Um abraço de urso!



Aos colegas do “Tecendo”, especialmente à Juliana, à Gabriela e ao Jorge, obrigada pelo conhecimento compartilhado.

Um abraço amigo!

Aos professores do PPGE que literalmente abriram meus horizontes e mostraram as possibilidades de fazer pesquisa em educação.

Meu abraço de reconhecimento!

Professora Gilka, agradeço indicações de leitura, as belíssimas aulas e a atenção destinada ao meu trabalho na disciplina Seminário de Dissertação.

Professora Dulce, obrigada por acreditar nas possibilidades desta pesquisa desde o início, por me “apresentar” Zygmunt Bauman e por contribuir com sua leitura e olhar críticos.

Professora Marise, agradeço a gentileza, o cuidado e o carinho presentes no parecer enviado por ocasião da qualificação. Ele serviu como um guia.

A todas vocês, meu abraço de consideração e respeito!

Aos treinadores de grupos de corrida, especialmente à Mariana e ao Ricardo meus professores na equipe *Time*, por abrirem as portas, por me ensinarem a correr, por ouvirem e responderem meus questionamentos.

Um abraço daqueles de final de corrida!

Aos corredores que participaram da pesquisa, agradeço as redações, o acesso ao *facebook*, as conversas e o incentivo.

Um abraço cheio de energia!

A duas “amizadas” que fiz através da rede quando buscava material para o trabalho e que se materializaram através do envio de livros e artigos para esta pesquisa. Professor Carlos Gomes e Bernardo, muito obrigada.

Um abraço virtual!

Ao Instituto Federal de Santa Catarina, à grande colega amiga e conselheira Risolete e aos meus alunos que souberam compreender meus momentos de angústia e são o maior motivo para realização deste trabalho.

Meu abraço mais carinhoso!

A todos que tornam meu dia a dia mais leve, alegre e que fazem com que eu agradeça a Deus todos os dias o presente da vida, “Aquele Abraço”!



Tudo um dia acaba

Meu relacionamento mais íntimo e verdadeiro é com meu tênis. E mesmo assim, nunca é duradouro. Somos parceiros até o fim, até que ele se esfole e desintegre feito pó. Nosso amor é sujo e o laço não foi amarrado para durar. Sem lamentos sertanejos, ele cumpriu sua missão, tudo um dia acaba. Eu não meço esforços para o melhor companheiro. O tênis é o meu cachorro de rua.

Eu adoro correr. É quando me sinto dentro da minha pele, é quando tenho certeza que minha alma não vai explodir e sair flutuando de mim, para longe do meu braço dolorido de tanto esticar. A respiração de cada passo sanfona meu espírito, que encolhe e incha, mantendo tudo sob controle, o mais absoluto equilíbrio.

De todos os vícios que eu tenho – fumo, café, comida, sexo – é o único que me faz tão bem. Correr, sentir o suor salpicando meu rosto, a dopamina transitando, a camiseta empapada, o som quieto da ação patelar dos joelhos, na companhia singela do meu tênis, as canções. É o momento do dia em que não estou competindo com ninguém, nem comigo mesmo.

Embora o exercício suponha algum esporte, e esporte pressinta medalhas e vencedores, não me interessa, isso é entre mim e eu. Trabalhando em equipe comigo, afinal, estamos correndo para lugar algum, fugindo de ninguém. O único passado para trás aqui é o asfalto duro e seco e áspero e escuro, metáfora pra vida.

Correr é uma espécie de transcendência. É meditação, é contemplação, é conexão, é aprender a fruir cada coisa por vez. Nada existe, nenhuma cena, obstáculo ou situação, antes de passar pela vida acontecendo em cada pisada.

É avançar sobre o tempo, que a esta altura nem é mais tão importante. Correndo, e só correndo, eu entendo o valor do que não pode ser somado, medido, adulterado, apossado. Eu corro para liberar a droga que retarda minha doença degenerativa que é viver, sentir, ser, ter, estar.

Às vezes, outros corredores passam na contramão com aquele meio sorriso de reconhecimento, como planetas desconhecidos se cruzando numa órbita comum, dois asteroides anônimos que optaram pela maratona de um homem só. No entanto, a solidão não me alcança, pois, a passos largos, eu me desligo. Na cooperação de um revezamento, é a vez do corpo se mexer enquanto o cérebro dorme.

Ao quebrar a última esquina antes da porta de casa, os pés no freio sustando o percurso, parando na calçada final antes da ducha, corcundando as mãos sobre os joelhos, pingando cachoeiras de satisfação, as pernas bambas

tentando seguir sozinhas, é aí que o corpo todo dói a melhor dor do mundo. É o mal vindo para o bem.

O latejar de cada músculo, de cada nó de veia, de cada sociedade celular, de cada encaixe de órgão, de cada articulação de classe operária, é um alarme pulsante, um pequeno lembrete para onde você deve voltar amanhã. A ansiedade e a depressão não correm mais que eu, que só sei andar rápido quando não tenho pressa.

A favorita do meu MP3 Player para longos percursos é “YouCan’t Always GetWhatYouWant”, dos rapazes dos Stones. Você não precisa de análises, conselhos ou guias, quando tudo se resume naquele refrão te dizendo Você não pode ter tudo aquilo que você quer. Mas você pode tentar, às vezes.

Nem sempre, por vezes quase nunca, você conseguirá as tralhas materiais que cobiça, o patamar social, ou as pessoas que te fazem bem por perto. Elas podem morrer, afogar-se na inconsciência de um Alzheimer, chafurdar em alguma droga, jogar-se de uma janela alta, ou simplesmente decidir que não querem mais ficar perto de você.

Tudo um dia acaba. Assim como o tênis velho que, de tempos em tempos, abre espaço para um com cheiro de novo. Que continuará ensinando – andar não significa perseguir”.

GabitoNunes

RESUMO

Inscrita em um referencial teórico inspirado nos Estudos Culturais, esta pesquisa busca investigar e demonstrar as relações da corrida de rua com a produção de sujeitos. Entender a corrida como uma prática cultural que influi na construção de modos de viver, levando em consideração sua articulação com o mercado de produtos e serviços (incluindo aí os eventos e os grupos de corredores) e a educação. O referencial teórico baseia-se em autores que problematizam questões referentes às práticas culturais contemporâneas, dentre eles destaco: Magnani, Bauman, Murakami, Costa, Canclini e Hall. Para estruturar o trabalho foram definidas quatro categorias de análise: a relação das corridas de rua com os eventos (enquanto mídia), com o consumo, com a educação e sua influência na sociabilidade. Pesquisei em livros, revistas, *blogs*, *sites* e redes sociais. Matriculei-me em um grupo e passei a correr. Fiz diversos apontamentos em um caderno de campo. Conversei com corredores, treinadores e organizadores de eventos. Observei, trabalhei e participei de provas de corrida. Solicitei que corredores escrevessem redações sobre três temas diferentes: as motivações que os levaram a correr, as possíveis transformações de hábitos ocasionadas por sua prática e a importância dos eventos nesse processo. Recolhi evidências, confirmei hipóteses e fui surpreendida com muitos dos depoimentos e relatos. Organizei uma bagagem que me permite afirmar que a corrida exerce influência nos modos de ser e viver e que as motivações desta prática vão muito além da busca por uma vida saudável. A corrida produz lições de vida, concede ferramentas para o autoconhecimento, provoca a exposição de si e favorece a sociabilidade. Seus praticantes são moldados pelo consumo, pelo pontilhismo provocado pela participação em eventos e pelo desejo de testarem-se como se desejassem provar algo a si mesmos ou venderem determinada imagem à sociedade.

Palavras-chave: 1.Corridas de rua. 2.Estudos Culturais. 3.Pedagogias Culturais. 4.Consumo. 5.Eventos. 6.Sociabilidade.

ABSTRACT

Based on theoretical references inspired in Cultural Studies, this research aims to investigate and demonstrate the connection between road running and the creation of subjects. Understanding running as a cultural practice that contributes to the creation of new ways of living, taking into consideration its correlation with the services and products industry (including events and groups of runners) and education. The theoretical reference is based on authors that tackle today's cultural practices, such as Magnani, Bauman, Murakami, Costa, Canclini and Hall. This study is compartmentalised into four different research areas: it analyses the relationship between road running and events (as media), consumerism, education and its influence in sociability. I researched books, magazines, blogs, websites and social networking sites. I joined a group and started to run. I made several notes. I spoke to runners, coaches and event organisers. I observed, worked and took part in running events. I asked runners to write about three different subjects: the factors that motivate them to run, the potential changes that the practice of running brought to their lives and the importance of running events. I gathered evidence, confirmed hypothesis and found myself surprised by many of the stories I heard. I collected enough material to confirm that the practice of running influences people's ways of living, and the factors that motivate people to run go beyond the pursuit of a healthy life. Running provides lessons of life and helps people to learn about themselves, to expose themselves and to become more sociable. Runners are moulded by consumerism, by the sense of belonging when taking part in events and by the desire to prove themselves or project a particular image to society.

Key words: 1. Road running. 2. Cultural studies. 3. Cultural pedagogy. 4. Consumerism. 5. Events. 6. Sociability.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Publicações mensais dirigidas aos corredores.....	31
Figura 2 – Livros sobre corrida	32
Figura 3 – Corridadas Fraldas, realizada na Romênia e Corrida das Noivas, realizada na Sérvia.	33
Figura 4 – Corridadas Fraldas, realizada na Romênia e Corrida das Noivas, realizada na Sérvia.	33
Figura 5 – Cartazes de Corridas de Rua	34
Figura 6 – Anúncios de empresas de turismo com pacotes especiais para provas de corrida	35
Figura 7 – Empresas que promovem <i>city tours</i> pra corredores	35
Figura 8– Fotos do Evento <i>Mountain Do Lagoa da Conceição</i> 2005 ...	37
Figura 9 – Fotos do Evento <i>Mountain Do Lagoa da Conceição</i> 2005 ..	39
Figura 10 – Arena montada para a corrida São Paulo-Rio	46
Figura 11– Número de provas de Corrida de Rua realizadas no Estado de SP de 2001 a 2010	47
Figura 12 – Cópia do Jornal que noticiou a primeira corrida de rua realizada no Brasil.....	48
Figura 13 – Cronometragem eletrônica realizada na Maratona Internacional de Florianópolis 2012.....	49
Figura 14 - Calendário de Corrida de Rua	50
Figura 15 - Provas de corrida diferentes das convencionais	51
Figura 16 - Evolução de atletas cadastrados na Corpore (1994 a 2011) 53	
Figura 17 – Perfil do corredor de rua no Brasil.....	54
Figura 18 - Lojas especializadas em corrida de rua	56
Figura 19 - Contato com os “amigos” da rede <i>facebook</i> solicitando participação na pesquisa e informando o tema da primeira redação	77
Figura 20 - Contato com os “amigos” da rede <i>facebook</i> informando o tema da segunda redação.....	78
Figura 21 - Contato com os “amigos” da rede <i>facebook</i> informando o tema da terceira redação.	79
Figura 22 - Campanhas publicitárias estimulando a atividade física	86
Figura 23 - Campanhas publicitárias que relacionam a comida a atributos positivos	86
Figura 24 - Exemplos de programas que tem a comida como tema.....	87
Figura 25 - Exemplos de programas que tem a perda de peso como tema	88
Figura 26 - Propaganda contra o patrocínio das marcas de junkfood nas Olimpíadas de Londres.....	89
Figura 27 – Capas da Revista <i>Runners</i>	90

Figura 28 – Capa do Suplemento Especial sobre perda de peso e nutrição da Revista O2.....	91
Figura 29 – Postagens no facebook onde os corredores demonstram seu “estilo de vida”.....	94
Figura 30 – Postagens no facebook onde os corredores demonstram seu	96
Figura 31 – Recortes de matérias publicadas pela Revista Veja (2000) e pelo Jornal Zero Hora (2013).....	99
Figura 32 - Exemplos de confraternizações das equipes de corrida marcadas através do <i>facebook</i>	112
Figuras 33 e 34 – Corredores da equipe <i>Time</i> após a realização da Maratona Caixa de Santa Catarina (a grande maioria com a camiseta do grupo) e membro da equipe (de bicicleta) acompanhando um colega maratonista.....	118
Figura 35 - Postagens dos membros da Equipe <i>Time</i> no <i>facebook</i> que ilustram questões envolvendo a sociabilidade via rede.....	121
Figura 36 - Postagem dos membros da Equipe <i>Just Run</i> no <i>facebook</i> mostrando a equipe reunida ao final da Meia Maratona de Buenos Aires.....	122
Figura 37 - Membros da equipe <i>Time</i> participando de treinamentos e eventos em espaços públicos.....	124
Figura 38 – Corridas de rua realizadas tendo como cenário cartões postais de vários países	125
Figura 39 – Roupas e acessórios utilizados pelos corredores de rua .	127
Figura 40 – Campanhas publicitárias de tênis feitas pela empresa Mizuno	130
Figura 41 – Visual dos corredores e produtos utilizados	131
Figura 42 – Visual dos corredores atualmente e na década de 1980...	134
Figura 43 – Medalhas do Circuito Adidas.	140
Figura 44 - Vista área da Meia Maratona de Floripa- 17/06/2012.....	143
Figura 45 - Cartazes de divulgação de Circuitos de Corrida.....	145
Figura 46 – Montagem estrutura meia maratona internacional de Florianópolis	147
Figura 47 – Estrutura da Meia Maratona de Floripa	149
Figura 48 - Seção do Portal “Eu Atleta” onde são exibidos a agenda de eventos e as histórias de alguns participantes	150
Figura 49 – <i>Banners</i> divulgando eventos.....	156
Figura 50 – Divulgação de eventos por meio do <i>facebook</i>	157
Figura 51 - Informações sobre os eventos.....	158
Figura 52 - Divulgação dos eventos.....	160
Figura 53 – Exemplos de <i>kits</i> de corrida.....	161

Figura 54 – Informações no site do “Circuito Vênus”	162
Figura 55 – <i>Mountain Do</i> – Canela 2012	165
Figura 56 – Simpósio Festivo <i>Mountain Do</i> Costão do Santinho 2012.....	166
Figura 57 – Maratona Caixa de Santa Catarina - 2013	169

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	23
1. O UNIVERSO DAS CORRIDAS	31
1.1 AS EXPERIÊNCIAS DO PRIMEIRO EVENTO.....	36
1.2 A CORRIDA DE RUA	40
1.3.1 Os eventos de corrida de rua	46
1.4 PRODUTOS E SERVIÇOS VINCULADOS ÀS CORRIDAS DE RUA	52
2. VAI SER DADA A LARGADA	61
2.1 INSPIRA E EXPIRA... ..	62
2.2 O TRAJETO E OS PRIMEIROS ENCONTROS	65
2.2.1 Encontros inusitados	71
2.3 A PARTICIPAÇÃO DOS CORREDORES.....	73
2.4 OS EVENTOS ESCOLHIDOS.....	80
3. COMO A CORRIDA ENTROU EM MINHA VIDA	85
3.1 OPÇÃO CONSCIENTE OU PRESSÃO SOCIAL? CORRENDO ATRÁS DE QUE?	85
3.2 NECESSIDADE VONTADE, NECESSIDADE DESEJO.....	104
3.3 CORRENDO E SOCIALIZANDO.....	111
3.4 A CORRIDA MODIFICA HÁBITOS? QUESTÕES ENVOLVENDO CONSUMO.	126
4. OS EVENTOS, OS ENSINAMENTOS E A CORRIDA	143
4.1 COMO SÃO CONSTRUÍDOS OS EVENTOS DE CORRIDA?.	144
4.1.1 Os bastidores – estruturando um evento de corrida	146
4.1.2 Colocando a corrida na rua	150
4.1.3 Criando um clima pré-evento	156
4.2 O QUE OS EVENTOS DE CORRIDA ENSINAM?	170
4.2.1 Os eventos como motivadores dos treinamentos	172
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	183
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	189
ANEXO	197
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	197

Os especialistas em corrida dizem que os primeiros minutos são os mais difíceis, pois em virtude do esforço, os músculos passam a precisar de mais oxigênio, a frequência cardíaca aumenta para garantir o transporte de sangue para eles e você sente desconforto. Quem persiste sabe que passada essa fase de adaptação, o organismo entra em estado de equilíbrio, quando o exercício fica confortável e a corrida vira um prazer.

Meu corpo agora respira corrida, minha mente pede que eu corra. A corrida se tornou algo familiar, mas escrever a seu respeito ainda é um desafio. Inserir os leitores num mundo que me é tão próximo, mas que ao mesmo tempo se espalha de um jeito que impede o meu controle, é como escolher uma onda para surfar. Quando chega o momento de optar, ela ainda não está totalmente formada, mas é preciso acreditar na escolha, subir na prancha e encará-la.

Para falar sobre a corrida também fiz escolhas. Cada dia aparecia um novo produto, alguém contava sobre um evento diferente, eu descobria mais um blog, um amigo indicava um livro ou eu ouvia um depoimento que “pedia” para ser colocado no trabalho. Aos poucos fui demarcando um território, mas não o cerquei. No entanto, em determinado momento, foi necessário parar, delinear e recortar. Mas a corrida continua correndo por aí...

Gostaria de convidar o leitor deste trabalho para levantar da cadeira, alongar os braços e pernas, respirar fundo e acompanhar-me nessa jornada.

INTRODUÇÃO

Basta sair à rua, olhar para os lados e prestar um pouco de atenção. Logo você irá se deparar com alguém correndo. Não para pegar o ônibus ou tentar minimizar um possível atraso ao trabalho, mas praticando um esporte que conquista novos adeptos a cada dia: a corrida de rua. Uma prática difundida pelo mundo, um fenômeno sociocultural contemporâneo¹. Talvez isso já fosse suficiente para sugerir uma reflexão. Todavia, o mundo das corridas que eu conheci, fez com que as possibilidades de estudo fossem ampliadas – de uma simples atividade física para uma prática que constrói modos de viver.

Permiti-me pensar sobre os motivos que fazem aqueles calcanhares com os mais variados donos e histórias pisarem as ruas. Que tipo de ambição, penitência, promessa ou diversão leva-os a percorrer dez, quinze, quarenta e dois quilômetros? O que faz com que se exponham, consumam e participem daquelas sessões de psicanálise a céu aberto que ocorrem nos domingos pela manhã? O que está por trás daquela catarse coletiva?

Era uma tarde de sexta-feira quando sentei para tomar um café com meu orientador e analisar o desenvolvimento da pesquisa. Conversamos sobre as leituras realizadas, as disciplinas cursadas e as sugestões apontadas por colegas e professores ao longo do semestre. Ele ouviu atentamente meus dilemas e angústias e após um breve silêncio, propôs mudanças no foco da pesquisa. Até então, a ideia era analisar os eventos realizados nas escolas, sua contribuição para educação e propor novos formatos e maneiras de construí-los.

Quando elaborei o projeto visando à seleção, estava animada com as possibilidades de utilização dos eventos enquanto mídia alternativa. Isto porque vinha confirmando na prática o que, até então, só tinha lido nos livros. Trabalho com eventos há dez anos e com tempo percebi que eles são ferramentas bastante efetivas, principalmente quando o objetivo é a comunicação dirigida. Ao entrar no clima daquele acontecimento único, especialmente preparado para reunir pessoas, o participante tem a possibilidade da experiência, da interatividade e da troca, algo que as mídias tradicionais como o rádio, a televisão e o jornal não proporcionam. No entanto, ao buscar aprofundamento nas questões que embasariam o trabalho, percebi que minha experiência com

¹A tese de Martha Dallari (2009) e o artigo de Augusti e Aguiar (2011) usam o termo fenômeno sociocultural contemporâneo ao se referirem à corrida de rua.

planejamento e organização de eventos não seria suficiente para analisar práticas pedagógicas nas escolas.

A ideia então foi substituir os eventos escolares pelo estudo de um tema que suscitava minha curiosidade e que estava cada vez mais presente em minha vida: a corrida de rua. Além de ser um assunto atual e pouco pesquisado na educação, havia possibilidade de examiná-lo sob perspectivas diversas. As primeiras ideias que rascunhei sobre esse novo enfoque partiram de constatações bem particulares. Revistas com reportagens sobre corridas pareciam brotar a minha frente, amigos próximos estavam correndo, alunos comentavam nas redes sociais sobre as corridas que participavam e meu orientador também corria. Como corredor, ele vinha percebendo algumas alterações provocadas pela prática do exercício em sua própria vida, principalmente no que diz respeito à aquisição de novos hábitos e abandono de antigos. Poderia uma atividade física impulsionar tais mudanças?

Além de contar sobre a substituição de refrigerantes por isotônicos (do tipo *Gatorade*) em sua geladeira, meu orientador falou sobre os treinos que realizava aos sábados junto com seus companheiros de grupo. Quando questionei sobre esses grupos, sua resposta me fez confirmar o que eu já vinha observando nas ruas. Ele comentou que acabara de sair do grupo do qual fez parte durante alguns meses, passando a se reunir com outro, recém-criado na academia que frequenta, demonstrando que atualmente há diversas opções de escolha para quem deseja companhia e supervisão na atividade.

Durante minhas observações em dois dos principais espaços de lazer da cidade (Beira Mar Norte e Parque de Coqueiros), em dias e períodos alternados, constatei a existência de cerca de trinta grupos ou assessorias², cada um reunido sob uma tenda colorida. Daí emergiram outras questões interessantes relacionadas às aulas de corrida, às experiências de sociabilidade e à relação entre professores e alunos durante os treinamentos: por que praticar um esporte individual em grupo? De onde surgiu o interesse dos alunos pela prática? De que forma a corrida faz parte do cotidiano de cada um? O que a corrida significa para eles? O que eles encontram e produzem nos grupos? Como se constroem como sujeitos na pedagogia das corridas?

As provas de corrida eram outras possibilidades de estudo. Cada vez mais numerosas e populosas, traziam com elas a oportunidade de

² Serviço de treinamento especializado, prestado por professores de educação física, para grupos que se reúnem a fim de praticar a corrida em locais e horários determinados.

abordar assuntos como planejamento, organização e comunicação. Qual a estrutura necessária para a organização de uma corrida? Como é escolhido o público alvo? De que forma é feita a divulgação? Como são definidos os patrocinadores? O que eles desejam comunicar vinculando a marca ao evento? Que estratégias são usadas para promover encontros? Por quais experiências as pessoas passam ao participar de um evento? Elas têm relevância para suas vidas?

Vários foram os questionamentos. Acredito que a grande maioria surgiu devido a minha proximidade com o estudo dos eventos e a do meu orientador com a prática da corrida.

Além disso, o “novo” tema estava muito mais próximo das minhas áreas de formação e atuação, o que contribuiu para esse desejo de ver as corridas por outro prisma. Digo isto porque meu interesse inicial por examinar eventos “escolares” estava associado a um conceito restritivo que carregava – o de que pesquisa em educação era pesquisa na escola.

Antes de conhecer os trabalhos que são realizados na área da educação – mais especificamente na linha educação e comunicação –, admito que navegava em águas mais rasas e turvas. Minha atenção estava centrada nos aspectos técnicos e mercadológicos dos eventos: projetos, estrutura, planejamento, captação de recursos e patrocínio.

Tais interesses tinham explicação. Sou bacharel em Educação Física e em Administração. Por conta disso, lecionei por muitos anos nas redes pública e particular e também na Universidade. Atuei nas áreas de ginástica, treinamento, projetos, gestão e *marketing* esportivo e, atualmente, sou professora de eventos na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Além disso, também fui atleta, tendo participado de diversos eventos e competições esportivas.

Unir todas essas “paixões” em uma pesquisa era como receber um presente. No entanto, desde o surgimento da proposta, mais questionamentos povoaram meus pensamentos: o que as corridas de rua tinham a ver com a educação? Como faria para relacionar as áreas?

Vislumbrei a possibilidade de responder minhas indagações no momento em que conheci as pesquisas inspiradas nos estudos culturais. Minhas primeiras leituras foram obras e artigos de Néstor Garcia Canclini, Marisa Vorraber Costa, Raymond Williams e Stuart Hall, indicadas pelos professores da linha educação e comunicação.

Descobrir que há um campo de estudos que procura dirigir sua atenção aos discursos “marginais”, ou seja, àqueles que propriamente não têm direito a voz pública, e que, dentre outras coisas, investiga a cultura popular, em áreas tão variadas como a ecologia, a psicologia, a

pedagogia, a crítica literária ou a comunicação (dos meios às audiências), foi como me deparar com um mundo novo.

Percebi que deveria procurar e explorar as intersecções e os cruzamentos entre os objetos da pesquisa e entender como trabalham juntos para a formação dos sujeitos e constituição de identidades sociais. Para isso me apoiei no conceito de entre-lugar proposto por Lopes (2012). Para ele “o entre-lugar não é uma abstração, um não lugar, mas uma outra construção de territórios e formas de pertencimento” (p.25). É o “ponto de partida do estudo das paisagens transculturais, capaz de propor tanto uma leitura estética quanto cultural de obras artísticas, produtos culturais e processos sociais” (p. 21). Dentro deste contexto, situo a corrida como uma prática que pode nos ajudar a realizar uma leitura do mundo contemporâneo.

Encaro a corrida como uma atividade repleta de contradições. Um esporte essencialmente individual, mas que mobiliza grupos. Uma prática que na teoria é simples e democrática, exigindo apenas um calçado adequado e vontade de sair às ruas, mas para a qual foram criados e são consumidos diversos produtos. A corrida que aceita todos, também segmenta e exclui. Uma prática social e política, na qual saberes são desenvolvidos através do esporte em si e da participação em eventos.

Diferente da maioria dos estudos sobre esportes, especialmente os dedicados às corridas, este trabalho não trata de questões de caráter biológico, biomecânico ou de rendimento atlético. O ponto de partida é, na verdade, a representatividade social das corridas de rua no cenário urbano, principalmente no que concerne à sociabilidade, ao potencial de subjetivação, às formas de ocupação dos espaços públicos e ao consumo de produtos e serviços relacionados (AUGUSTI e AGUIAR, 2011).

A leitura de artigos e dissertações cujo foco eram jogos indígenas, celulares e infância, *videogames* e aprendizado, além de outros trabalhos que relacionavam temas como cultura *rave*, cinema, teatro, trilhas urbanas, *internet* e *shopping center* com educação, fez com que eu acreditasse ser possível a realização de um estudo diferenciado sobre as corridas de rua. Jamais imaginei realizar um trabalho como este. Durante minha formação acadêmica, pesquisa era sinônimo de estatística, controle de variáveis, objetividade, neutralidade e isenção total do pesquisador. Fiquei ao mesmo tempo perdida e motivada diante das possibilidades que este trabalho proporcionou.

Um dos primeiros desafios foi entender a corrida como prática cultural, uma atividade que pode servir de objeto de estudo para várias áreas do conhecimento. Encontrei respaldo para isso em um artigo de

Stuart Hall (1997), no qual o autor apresenta argumentos sobre a relação que a cultura mantém com os aspectos sociais, políticos e econômicos. Ele entende que a cultura, apesar de ter conquistado um lugar de destaque na explicação das questões sociais, não quer de forma alguma estar acima dessas dimensões. Pelo contrário, a cultura permeia todos os aspectos (ações, atividades e instituições) dos campos político e econômico. Do mesmo modo, estes campos também se relacionam com a cultura, impondo-lhe limites – daí a importância de se considerar a dimensão cultural como elemento fundamental para a construção de leituras e explicações no campo social.

Durante o percurso encontrei outras tribos que se encontram e se reconhecem através de uma atividade esportiva ou cultural comum. O pessoal da dança de salão, do *cosplay*³, do *skate*, da capoeira e do circo. Como diz Magnani (1993), o desfrute dessa prática comum – o compartilhamento de uma experiência urbana com ênfase nos aspectos simbólicos de cada uma delas – faz com que sejam criadas redes de relações, identidades locais que consomem e compartilham informações globais. Além disso, é criado um espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público onde “se desenvolve a sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade” (p. 116).

Quando iniciei a pesquisa passei um bom tempo refletindo sobre os motivos que fizeram com que as corridas atingissem esse “patamar” de prática cultural globalizada, uma atividade capaz de mobilizar pessoas, pesquisas e indústrias em todo o mundo. Compreendi que eventos simultâneos, com características semelhantes, aliados a interesses diversos e necessidades latentes identificadas pelas mais diversas indústrias, contribuem para a formação de uma nova cultura. A corrida não é, hoje, apenas uma cultura local, mas uma cultura híbrida, globalizada, imune a fronteiras.

³É a abreviação de *costume play* ou ainda de *costume roleplay* (ambos do inglês) que pode traduzir-se por “representação de personagem a caráter”, “disfarce” ou “fantasia” e tem sido utilizado no original, como neologismo, para referir-se a uma atividade lúdica praticada principalmente por jovens. Consiste em disfarçar-se ou fantasiar-se de algum personagem real ou ficcional, concreto ou abstrato, como, por exemplo, animes, mangás, comics, videogames ou ainda de grupos musicais — acompanhado da tentativa de interpretá-los na medida do possível. Os participantes (ou jogadores) dessa atividade chamam-se, por isso, *cosplayers*. Ver mais em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Cosplay>

Ela é uma atividade aparentemente simples, considerada democrática por não depender de espaço físico ou equipamentos específicos. No entanto, tem se mostrado dispendiosa (para os corredores) e extremamente lucrativa (para os investidores). As indústrias do esporte e do entretenimento, que direcionavam a maioria das suas estratégias para as crianças e jovens, passaram a contar com um novo consumidor, o público de meia idade – principal praticante da corrida de rua. Por isso, hoje é possível observar uma gama de produtos televisivos, virtuais e publicitários voltados para este público.

Considerando este amplo espectro de possibilidades, definir o que contar sobre as corridas de rua tornou-se tarefa árdua. Busquei identificar os elementos que se relacionavam e que possibilitariam a construção de um texto fluido. O resultado foi um trabalho entrecortado, onde compartilho as surpresas que tive e as descobertas que fiz, incluindo todos aqueles detalhes que podem fazer diferença na história.

Este é um trabalho que aborda as corridas como uma prática cultural. Por isso o foco está nos processos, nos fios que tecem as relações entre a corrida de rua e os vários elementos que a atravessam. O objetivo deste trabalho é investigar e mostrar as relações da corrida e dos eventos de corrida com a produção de sujeitos. Entender a corrida como uma prática que influi na construção de modos de viver, levando em consideração sua articulação com o mercado de produtos e serviços (incluindo aí os eventos e os grupos de corredores) e a educação. O mercado integra a pesquisa, seguindo a linha proposta por Lopes (2012), “[...] como parte indissociável não só das condições de produção e circulação de bens culturais, mas também da experiência, parte de nossa vida cotidiana, de nossos afetos e memórias, bem como dado estético fundamental” (p.35).

Adotei neste estudo uma forma particular de aproximação para analisar as corridas de rua, que é certamente uma das muitas possíveis. O tipo de abordagem atende ao meu objetivo de mostrar a corrida como um lugar de constituição de sujeitos. A pesquisa não visa à totalidade. Quero oferecer uma visão que foi construída por uma pesquisadora que subiu ao palco, faxinou os bastidores e espiou através das coxias. Senhoras e senhores... apresento-os a corrida de rua como espaço não formal de educação onde identidades são construídas - através da própria corrida, do consumo, dos eventos, dos espaços públicos, e da sociabilidade – e onde experiências são vivenciadas.

O primeiro capítulo, intitulado “O Universo das Corridas de Rua” traz uma contextualização dos temas que fazem parte da pesquisa: a corrida, os eventos, as provas e os produtos e serviços que estão vinculados a essa prática. A ideia é trazer ao leitor números, estatísticas, curiosidades, matérias de jornais e revistas e um pouco de história, enfim, conhecimentos que possibilitem uma compreensão das nuances dessa atividade.

Também utilizei este espaço para contar sobre o meu primeiro contato com as provas de corrida, acontecido em 2005. Recordar essa experiência me auxiliou na escolha de algumas categorias de análise presentes no estudo e na percepção das possibilidades que a corrida oferece como prática educativa.

Uma discussão mais profunda será realizada nos capítulos três e quatro, dedicados à apresentação e análise dos dados obtidos através desta pesquisa.

1. O UNIVERSO DAS CORRIDAS

Se alguém tivesse a ideia de desenvolver um trabalho como este, no Brasil, antes da década de 1990, provavelmente pesquisaria a Corrida de São Silvestre ou alguma maratona – a mais popular das provas de corrida de rua. As possibilidades de análise seriam mais restritas, pois todo o universo criado em torno das corridas é algo mais recente.

Até então a corrida era uma prática solitária e seus praticantes, na maioria das vezes, eram pessoas com baixo poder aquisitivo. Em pouco tempo, no entanto, muita coisa mudou, incluindo o perfil dos corredores. Atualmente, vários segmentos do mercado se movimentam em torno desta prática: turismo, entretenimento, alimentos, confecções, equipamentos, mídia, eventos, indústria farmacêutica, dentre outros.

Durante a pesquisa, este mundo das corridas me envolveu, despertando toda a minha atenção e curiosidade. Encontrei referências a essa atividade nos mais variados lugares. Explorei *blogs*, *sites*, livros, revistas, fiz amizades virtuais, recebi o apoio de escritores e pessoas com as quais nunca tive contato pessoalmente. Sempre que comentava publicamente sobre o trabalho, alguém tinha algo para contar: um amigo que também corria, uma reportagem que viu na TV, um evento que testemunhou. Meu interesse motivou até o jornalista. Fui à banca comprar um jornal e ele me levou ao setor de publicações esportivas para mostrar uma novidade. Disse que havia percebido que eu já tinha comprado alguns outros títulos e que sempre que passava ali, parava para ler as manchetes de revistas de corrida. Por falar nisso, são muitas as publicações especializadas dirigidas aos corredores. Somente na estante daquela banca encontrei oito.

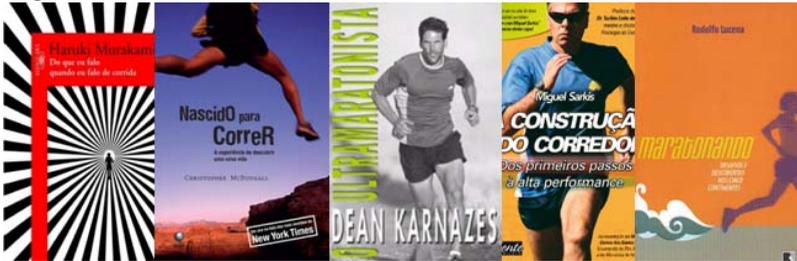
Figura 1 – Publicações mensais dirigidas aos corredores



Fonte: Acervo próprio de imagens

Flutuei por este universo. Recolhi tudo o que foi possível. Recortei matérias de jornais e revistas, guardei anúncios e panfletos que recebi nos eventos, salvei vídeos que encontrei na rede, gravei programas de rádio e TV. Colegas de mestrado enviaram mensagens de texto anunciando reportagens sobre corridas e colegas de trabalho levaram revistas. Os colegas do grupo de corrida – sim, estou correndo, mas isso é assunto para depois – trouxeram matérias, indicaram livros e filmes, contribuindo com novidades para a pesquisa. Esses pequenos gestos fizeram com que eu percebesse haver muito mais gente envolvida com este trabalho do que eu imaginava. Esta pesquisa não foi uma construção solitária, muito pelo contrário, estive sempre acompanhada de textos, de pessoas e de experiências.

Figura 2 – Livros sobre corrida



Fonte: Acervo próprio de imagens

Recebi por *e-mail* e pelas redes sociais, convites para participar de diversos eventos de corrida. Isso demonstrou a quantidade de empresas que trabalham nesse segmento e o esforço que fazem para diferenciar-se, atraindo assim a preferência dos consumidores e a atenção da imprensa. Posso citar inúmeros tipos de provas: de revezamento, de distâncias variadas (5, 10, 21 e 42 quilômetros), no asfalto, na praia, durante o dia, à noite, de 24h, da paz, da luta contra o câncer, do vinho, contra o tabagismo, do batom, do papai Noel, da esperança, das noivas, da amizade, dos bombeiros, das fraldas, e muitas outras, patrocinadas por organizações diversas.

Figura 3 – Corridadas Fraldas, realizada na Romênia e Corrida das Noivas, realizada na Sérvia.



Fontes:<http://goo.gl/WWNpGGq> e <http://goo.gl/CNR8Wy>

Figura 4 – Corridadas Fraldas, realizada na Romênia e Corrida das Noivas, realizada na Sérvia.



Fontes:<http://goo.gl/WWNpGGq> e <http://goo.gl/CNR8Wy>

Figura 5 – Cartazes de Corridas de Rua



Pesquisando *sites* especializados em corridas de rua (correr pelo mundo, *webrun* e corredor de rua) encontrei eventos em todas as partes do mundo. Nas Américas, além das provas com trajetos mais curtos, vários países têm suas maratonas: Argentina, Bahamas, Brasil, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica, Equador, Estados Unidos, Jamaica, México, Panamá, Paraguai, Peru, Suriname, Uruguai e Venezuela.

Em alguns deles, como nos Estados Unidos, elas ocorrem de ponta a ponta. Há maratonas no Havaí, no Alasca, nos Parques da *Disney* em Orlando, em Nova Iorque, Boston, Chicago, Dallas, Las Vegas, Miami, São Francisco, Los Angeles, entre outras. Além dos tradicionais percursos que passam por pontos turísticos, organizadores também procuram por locais inusitados: fábricas, favelas, zoológicos, parques temáticos, circuitos de fórmula 1, desertos e até escadarias.

Empresas prestadoras de serviços “pegam carona” nesse grande número de eventos oferecendo pacotes turísticos que incluem passagens aéreas, hospedagem, *city tours* e inscrições nas provas.

Figura 6 – Anúncios de empresas de turismo com pacotes especiais para provas de corrida

MARATONAS
Turismo Esportivo
NO MUNDO

PACOTES DE VIAGENS | INSCRIÇÕES | HOTEL + TRANSLADO

9 de Setembro de 2012

AGÊNCIA MARATONAS OFICIAL

Roteiro Completo

- Transporte POA/Punta/PQA
- Translado Hotel/Prova/Hotel
- Ônibus Double Deck (DD), Leito Turismo
- 2 dólares hotel e café da manhã
- 1 café da manhã extra (ônibus)
- 1 Kit Especial (Camiseta + Suplementos)
- City Tour: Casa Pueblo, La Mano, Conrad
- Seguro viagem / Seguro Atletas
- Vaga garantida para prova**

Saída: 06/Set - 22h
Retorno: 09/Set - 14h

VAGAS LIMITADAS!

CORRER É A SUA ÚNICA PREOCUPAÇÃO!

MARATONA DE AMSTERDAM

Saída 18 de outubro 2012

ESPORTES

MARATONA CADA RIO DE JANEIRO

128th

PRATIQUE VIAGENS ESPORTIVAS REGULARMENTE.

3.000 Praticantes por mês em eventos regulares.

MARATONA BMW DE BERLIM	CORRIDA PARIS VERSAILLES	FÓRMULA 1 DE MONACO A SÃO PAULO
427 th	1.244 th	294 th

TAM VIAGENS

ESPREM E VEJA O MUNDO COM NOVOS OLHARES. QUAL O SEU?

Fonte: Acervo próprio de imagens

Ainda nesse ramo, em algumas cidades como Paris, Londres e Amsterdã há empresas que organizam visitas guiadas aos principais pontos turísticos de maneira pouco convencional. Os turistas conhecem a cidade correndo.

Figura 7 – Empresas que promovem *city tours* pra corredores

URBAN RUNNING TOURS

TE INVITA A DESCUBRIR BUENOS AIRES
CORRIENDO POR SUS CALLES Y A TU PROPIO RITMO

TOURIST RUN

AMSTERDAM

See more of London
Take a City Jogging Tour!

Fonte: Acervo próprio de imagens

A indústria de materiais esportivos não poderia ficar de fora. Elas ofertam uma infinidade de produtos ligados ao esporte. Falaremos desse assunto no capítulo três.



1.1 AS EXPERIÊNCIAS DO PRIMEIRO EVENTO

Meu desconhecimento sobre as corridas de rua terminou em abril de 2005, quando um grupo de alunos convidou-me para fazer parte de uma equipe de corredores. Eles estavam se organizando para participar de uma prova de revezamento que aconteceria em outubro daquele ano, chamada *Mountain Do*, e buscavam o oitavo integrante para a formação de uma equipe mista. Como almejavam o patrocínio da universidade para o pagamento das inscrições, usaram a estratégia de convidar uma professora para fazer parte do grupo. Relutei um pouco, mas aceitei. Era um evento diferente, que promovia o contato com a natureza. O convite surgiu justamente no momento em que eu buscava motivação para voltar a praticar uma atividade física.

A dinâmica da prova era simples. O percurso era dividido em oito trechos, que totalizavam cerca de setenta quilômetros, suficientes para dar uma volta completa em torno da Lagoa da Conceição. Cada um dos integrantes deveria percorrer um desses trechos, cuja extensão variava de seis a doze quilômetros e passava por terrenos e locais diversos: areia da praia, bosques, trilhas e montanhas.

Com a equipe formada, organizamos uma trilha e percorremos parte do percurso. Depois desse encontro ficamos de combinar alguns treinamentos coletivos, mas o clima e os compromissos pessoais não permitiram que isso acontecesse. O semestre letivo terminou e não tínhamos mais o mesmo contato semanal. Comecei a torcer para terem desistido ou convidado outra pessoa. Embora consciente do compromisso assumido, continuava nutrindo meu sedentarismo.

Numa quinta-feira à noite, quando encerrava uma aula, fui surpreendida com eles me esperando no corredor. Tinham em mãos uma camiseta, um número de inscrição, uma sacola, uma pochete e um portaCDs, todos estampados com a logomarca do evento. Eram portadores de uma “excelente” notícia: a corrida aconteceria no sábado.

Como eu já estava inscrita, não tinha outro jeito, o negócio era enfrentar. Ao chegar ao local combinado me espantei com o número de pessoas e o clima descontraído. Todos se cumprimentavam, conversavam, pareciam se conhecer há muito tempo. Só depois percebi que muitos não se conhecem, mas por praticarem o mesmo esporte compartilham experiências e interesses. Eles se encontram em eventos de corrida, que ao contrário do que eu imaginava à época, aconteciam com frequência.

Numa quinta-feira à noite, quando encerrava uma aula, fui surpreendida com eles me esperando no corredor. Tinham em mãos uma camiseta, um número de inscrição, uma sacola, uma pochete e um porta CDs, todos estampados com a logomarca do evento. Eram portadores de uma “excelente” notícia: a corrida aconteceria no sábado. Como eu já estava inscrita, não tinha outro jeito, o negócio era enfrentar. Ao chegar ao local combinado me espantei com o número de pessoas e o clima descontraído. Todos se cumprimentavam, conversavam, pareciam se conhecer há muito tempo. Só depois percebi que muitos não se conhecem, mas por praticarem o mesmo esporte compartilham experiências e interesses. Eles se encontram em eventos de corrida, que ao contrário do que eu imaginava à época, aconteciam com frequência.

Embora os eventos sejam tema do capítulo quatro, utilizarei dados do *site* “corridassc” para ilustrar o que mencionei sobre a periodicidade das provas. De acordo com o calendário apresentado pelo *site*, de agosto a dezembro de 2012, aconteceram no Estado de Santa Catarina quarenta e cinco provas de corrida de rua, uma média de dois eventos por final de semana. Para quem, como eu, nunca havia participado de um evento desse tipo, as conversas dos grupos soavam estranhas. Elas giravam em torno dos novos modelos de tênis e de monitores

Figura 8– Fotos do Evento *Mountain Do Lagoa da Conceição* 2005



Fonte: CD Rom do Evento

de frequência cardíaca, das matérias sobre treinamento que saíam nas revistas especializadas e, principalmente, da prova do dia.

Minha participação, como já era esperado, não foi das melhores. Recebi o bastão para o quarto trecho em primeiro lugar e devo tê-lo entregado em quinto ou sexto. Corri seis quilômetros, boa parte morro acima. Achei que sóencontraria os demais integrantes da equipe no posto de troca, mas para minha surpresa, nesse tipo de evento os companheiros podem dar suporte durante o trajeto. Fui incentivada pelos colegas que me seguiam de carro. Estava me sentindo tão envergonhada que não tive coragem de caminhar, embora minhas pernas pedissem um descanso. Quando passei o bastão senti um grande alívio e aprendi duas lições: que era necessário treinar para correr e que não deveria assumir um compromisso que envolve outras pessoas sem me preparar devidamente. O embaraço era apenas meu. Os componentes da equipe estavam felizes e vibraram por mais uma etapa cumprida.

Parabenizaram-me e fomos juntos para o carro a fim de acompanhar o percurso e motivar o colega que me sucedeu. Foi aí que observei mais um aspecto importante: para a maioria dos corredores o objetivo era estar ali, aproveitar o evento, praticar um esporte entre amigos e cumprir com o estabelecido. A colocação era o que menos importava. Isso não exclui, é claro, o desejo de alcançar metas pessoais, tais como: melhorar o tempo, aperfeiçoar a técnica e superar desafios. Nesse caso, correr nos mais diferentes tipos de terreno.

Cerca de cinco horas depois, o último integrante da nossa equipe se aproximou da linha de chegada. Corremos ao encontro dele e passamos todos juntos pelo portal. Alguns minutos mais tarde, recebemos nossa medalha de participação. Foi muito prazeroso fazer parte de tudo aquilo. Para quem sempre praticou esportes visando ao desempenho e às primeiras colocações, vivenciar um evento esportivo cujo objetivo é a participação, foi como conhecer um lado do esporte que eu, até então, ignorava. Achava impossível algo ter graça se não houvesse a disputa pelo primeiro lugar.

Com o tempo, percebi que essa prova não era uma exceção. A maior parte dos eventos de corrida de rua privilegia a participação. O formato das provas incentiva intercâmbios e trocas. O *Moutain Do* também promove momentos de encontro. No dia que antecedeu a prova, foi realizado o congresso técnico – reunião entre organizadores e participantes onde são fornecidas informações sobre o percurso, os pontos de hidratação e os horários.

Ao final dessa reunião, foi oferecido um coquetel, momento em que os atletas trocaram ideias e circularam entre os estandes dos patrocinadores – um ambiente descontraído e propício ao consumo.

No dia seguinte à prova, o organizador ofereceu um almoço de confraternização aos corredores. Amigos e familiares que adquiriram ingresso também puderam participar. Nesse almoço, além da divulgação dos resultados finais e da entrega de troféus aos primeiros colocados, foram exibidas imagens do evento e cada equipe recebeu um CD com fotos e um DVD com o filme oficial.

Passado o entusiasmo do dia anterior, direcionei meu olhar para questões que envolviam o planejamento e a organização do evento. Percebi que tudo havia sido pensado de forma a privilegiar a participação: o tamanho, a divulgação, o local, o preço, o formato, o público-alvo, os brindes e os pequenos eventos paralelos. Tais constatações auxiliaram na definição das características que seriam observadas nos eventos visitados nesta pesquisa, principalmente no que concerne à estrutura e à sociabilidade.

Minha participação aconteceu na segunda edição do *Mountain Do* – evento que em outubro de 2013 completou dez anos. Ao longo desse período, novas etapas foram criadas: Costão do Santinho, Canela, Campos do Jordão, Praia do Rosa e Deserto do Atacama, no Chile. A prova atraiu patrocinadores, que perceberam nela grande potencial e passaram a investir. O número de participantes aumentou substancialmente e a estrutura acompanhou tal desenvolvimento.



Figura 9 – Fotos do Evento *Mountain Do* Lagoa da Conceição 2005



Fonte: CD *Rom* do Evento

1.2 A CORRIDA DE RUA

Ao longo do tempo, as práticas esportivas passaram por diversas transformações. Elas já serviram para auxiliar na sobrevivência, para preparar exércitos e para divertir a população. Atualmente a prática da atividade física, aliada a uma alimentação equilibrada, é recomendada àqueles que almejam manter ou adotar um estilo de vida saudável. É quase como um mantra repetido aos quatro cantos por profissionais da área da saúde e amplamente divulgado nos meios de comunicação.

Embora pesquisa realizada pela Sociedade Brasileira de Cardiologia (2012) indique que metade da população brasileira (49,2%) não pratica atividades físicas regulares – enquanto a média mundial de inativos é de 31% – houve um aumento na adesão aos exercícios nos últimos anos. Entre os brasileiros que costumam praticar atividades físicas, 28% fazem caminhadas ou corrida, 13% futebol, 6% musculação, 4% ciclismo, 2% natação ou hidroginástica, 1% vôlei, handebol ou basquete, 1% ginástica aeróbica, 1% alongamento e 1% artes marciais.

Ao investigar as razões que fizeram com que a corrida de rua se tornasse uma das atividades mais praticadas no Brasil, encontrei nos livros, na *internet* e nas conversas com colegas corretores motivações econômicas, logísticas, psicológicas, estéticas, técnicas e físicas. Talvez as razões para o crescimento da modalidade estejam vinculadas, em menor ou maior grau, a todos esses motivos.

Ao ser questionado sobre o aumento da adesão às corridas de rua, o especialista em fisiologia do exercício Turíbio Barros (2010) disse acreditar que a corrida adquiriu tal patamar por ser a evolução natural do andar: “Eu costumo dizer que a corrida é a ‘pós – graduação’ da caminhada. Na medida em que as pessoas começam a caminhar, que é a atividade ideal para quem inicia, logo melhoram seu condicionamento físico e começam a sentir prazer em correr, tornando-se pouco a pouco praticantes de corrida de rua” (BARROS, 2010).

A corrida de rua é, também, uma atividade aeróbica, ou seja, um exercício contínuo, dinâmico e prolongado que estimula a função dos sistemas cardiorrespiratório e vascular e acelera o metabolismo, promovendo grande gasto calórico. A corrida estimula o funcionamento dos osteoblastos, células envolvidas na formação de massa óssea, sendo importante na prevenção da osteoporose. A prática regular da atividade ainda provoca uma melhora nos níveis de colesterol – aumento do HDL, o bom colesterol, e diminuição do LDL, o mau colesterol – e a liberação

de endorfinas, promovendo a sensação de relaxamento e bem-estar (BARROS, 2010; WEINECK, 2003).

Além dos benefícios físicos, a corrida tem outras vantagens: não exige equipamentos específicos (embora o mercado ofereça uma infinidade de produtos para os corredores), pode ser praticada em qualquer lugar (parques, estradas, ruas e praias) e, mesmo que exija treinamento de determinadas técnicas, é um gesto motor natural executado pelo ser humano desde os primórdios. Romanini (2009) acredita que a possibilidade de juntar os benefícios da atividade aeróbica à ampliação do círculo de amizades ajuda a explicar o aumento espetacular no número de grupos de corrida no país.

Essa foi uma mudança bastante significativa nos treinamentos da modalidade. Nos anos setenta e oitenta do século XX, a modalidade era praticada individualmente e alguns até consideravam a corrida um esporte solitário. Aos poucos foram sendo criadas as assessorias, que reúnem corredores nos treinamentos, nas corridas, nas viagens para participar de provas e até em eventos sociais criados com intuito de estreitar os laços entre eles.

A Revista “Isto É Dinheiro” publicou em 2011 uma reportagem intitulada “A corrida das marcas”. A matéria destaca as razões que levaram ao aumento no número de praticantes e o conseqüente interesse de diversos outros setores da economia:

Basta um par de tênis e roupas confortáveis. Na lista de motivações dos aficionados, está o combate ao estresse e a busca por qualidade de vida. A combinação desses fatores está levando para as ruas das grandes cidades brasileiras quatro milhões de pessoas de todas as idades e sexo, que vão, pelo menos três vezes por semana, para parques e avenidas praticar o esporte. Embora os investimentos por parte dos atletas sejam mínimos, as corridas de rua viraram um negócio estimado em R\$ 3 bilhões ao ano – somando-se aí a venda de material esportivo, as cotas de patrocínio e o surgimento de empresas organizadoras de competições (SOBRAL, 2011, p.1).

Outras revistas de circulação nacional, como “Meio e Mensagem” e “Veja”, também deram destaque ao aumento do número de praticantes e de negócios envolvidos com a corrida de rua.

Com 4,5 milhões de praticantes e o título de segundo esporte mais popular do Brasil, as corridas de rua, além de atrair mais adeptos todos os anos, estão chamando a atenção por aquecer setores da economia além daqueles ligados à modalidade” (FUSCO, 2010, p.1).

É impossível deixar de notar o fenômeno em que se transformou a chamada corrida de rua: já são mais de 600 provas realizadas em todo o País e 100 mil associados a clubes de corridas, sendo que 37,8% dos praticantes correm três vezes por semana, 33,8% correm há mais de cinco anos e 66% têm entre 30 e 49 anos. Os dados da Federação Paulista de Atletismo (FPA) mostram que, apenas em São Paulo, em 2008, foram 372.352 corredores inscritos em provas (KULLER, 2009, p.1).

Em 2004, a “Folha de São Paulo” já noticiava a nova moda entre os paulistanos. O título da matéria de Estanislau Freitas (2004) era “Hábito de correr e competir vira mania entre paulistas”.

[...] Nos nove meses deste ano, a FPA (Federação Paulista de Atletismo) já atuou em mais corridas no Estado do que nos três anos anteriores somados. Foram 80 eventos contra 11 em 2001, 17 em 2002 e 34 em 2003. A explosão, iniciada lentamente nos anos 90, é confirmada por organizadores de corridas, treinadores, federação de atletismo, gente ligada ao marketing esportivo, médicos e corredores. [...] Não é só o número de eventos que cresce, mas o de corredores. A corrida do Centro Histórico de São Paulo reuniu 700 pessoas na primeira edição em 1996, e chegou aos 6.500 neste ano. A Corpore, uma ONG que organiza treinos e corridas, tinha em 1992 cerca de 200 cadastrados e hoje registra 75 mil corredores. A atividade virou também um grande negócio. Só em inscrições esse mercado, segundo a FPA, movimentará R\$ 7 milhões neste ano no Estado. Dados da Corpore apontam que cada evento dá ocupação a algo entre 800 e mil

peessoas, entre socorristas, médicos, bloqueios, pessoal da medição, inscrições, organização, arbitragem, montagem de kits, placas, palcos, grades e barracas (p.1).

Independentemente dos motivos que fazem com que as pessoas pratiquem a corrida de rua, percebe-se que essa prática vem se consolidando. Corredores fazem parte das paisagens das cidades, eventos acontecem com grande frequência, lojas de materiais esportivos têm sessões com produtos específicos para corredores, o mercado editorial lança novos títulos, surgem *sites* e *blogs* onde pessoas comuns e celebridades contam suas experiências e empresas contratam treinadores de corrida e criam clubes internos para estimular os cuidados com a saúde e proporcionar uma maior convivência entre os colaboradores.



Eventos dos mais variados tipos fazem parte do dia a dia das pessoas. Eles podem ser grandes, pequenos, regionais, internacionais, institucionais, mercadológicos, abertos, fechados, específicos, dirigidos e, ainda, ter objetivos, características e públicos diferentes. Outro fator de distinção refere-se à finalidade: social, cultural, empresarial, técnico-científica, esportiva, religiosa, etc.

Canton (2004) relata que, de uma forma geral, “os eventos surgem em função da dinâmica da própria sociedade, que dita seus valores e necessidades refletidos em uma determinada época, propondo investimentos compatíveis com seus propósitos”. (p.307)

Atualmente os eventos fazem parte da estratégia de comunicação de governos, instituições, empresas e até pessoas físicas. De acordo com Allen et al (2003):

Os governos apoiam e promovem eventos como parte de suas estratégias para o desenvolvimento econômico, crescimento da nação e *marketing* de destino⁴. As corporações adotam eventos como elementos essenciais em suas estratégias de

⁴ Utilização dos eventos para promoção de um destino turístico.

marketing e promoção da imagem. O entusiasmo dos grupos comunitários e indivíduos por seus próprios interesses e paixões motiva o surgimento de uma maravilhosa coleção de eventos sobre praticamente todos os assuntos e temas que se possa imaginar (p.4).

Evento é uma palavra originária do latim *eventos*, que significa acontecimento, ocorrência, acidente, acaso. É participio passado de *evenire*, cujo sentido é resultar, acontecer. A etimologia da palavra talvez explique o motivo do conceito de evento vir sempre marcado pela palavra acontecimento. Outro traço comum nas definições são as palavras “planejamento”, “resultado” e “agrupamento de pessoas”. Dessa forma, pesquisadores da área conceituam evento como um acontecimento planejado, com data, local e horário, que visa a alcançar resultados definidos junto a determinado público (CANTON, 2004).

Quando comecei a pesquisar o mundo dos eventos percebi que eles trazem consigo algumas características bastante significativas que podem nos ajudar a entender o porquê da sua expansão e, principalmente, de seu uso como mídia alternativa. De acordo com Britto e Fontes (2006), o evento já atingiu o patamar de atividade relevante na área da comunicação e é adotado para vencer os obstáculos gerados pelo distanciamento entre a mensagem e o receptor. De acordo com as autoras

[...] o veículo comunicacional – evento – dirige uma mensagem eficaz a um público predeterminado, produzindo neste os efeitos desejados. [...] É um momento único que sempre ocorre num determinado espaço e tempo, aproxima as pessoas, produtos e serviços e promove eficaz interação entre eles (p.35).

Os tipos e objetivos dos eventos são bastante variados: sociais (angariar fundos, reunir pessoas e comemorar); institucionais (criar ou manter imagem positiva junto ao público); promocionais (promover determinado marca) e mercadológicos (divulgar ou vender produtos, serviços ou ideias). Os estudiosos em gestão de eventos argumentam que, independentemente do propósito, há sempre a necessidade de um planejamento meticuloso. É na primeira fase, denominada pré-evento, que o organizador define o projeto, planeja todas as atividades, detalha receitas e despesas, verifica a viabilidade e define os fornecedores e

profissionais contratados. É também nessa fase que são equacionados os controles administrativos e financeiros. Todas as decisões giram em torno dos objetivos do evento e das receitas estimadas (MARTIN, 2008).

Grande parte dos organizadores trabalha com eventos cujo escopo está na comunicação. O evento é considerado, por Britto e Fontes (2006) e Canton (2004), parte do *mixde marketing*⁵ de uma empresa. Ou seja, dentre as estratégias de comunicação que a empresa utiliza para se comunicar com o público, o evento é uma alternativa. Ele é classificado por Canton (2004) como um veículo de comunicação dirigida “a públicos pré-definidos, com interesses comuns e atividades afins” (p. 319). Ainda de acordo com a autora, esse tipo de evento nem sempre requer grandes investimentos, facilita a avaliação do grau de aceitação do cliente e enfoca de forma direta e quase exclusiva o participante do evento.

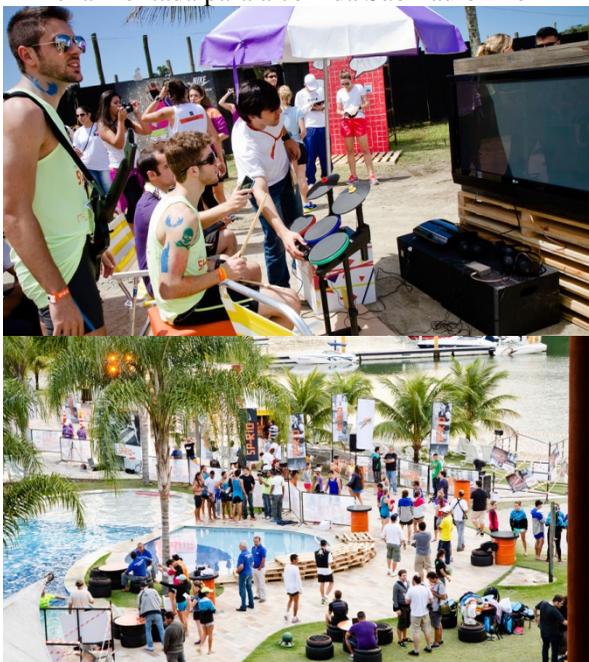
As principais características dos eventos são: intangibilidade, consumo e oferta simultâneos e participação do cliente no processo de fabricação. Isso quer dizer que a fruição do evento dá-se no momento em que ele ocorre e que a participação do público pode se tornar fundamental para o alcance dos objetivos. Para Britto e Fontes (2006)

[...] a experimentação se constitui na essência dos eventos, a medida em que estes são criados para agir no intelecto e no comportamento das pessoas por meio de uma mensagem. O evento é um momento único que sempre ocorre em um determinado espaço e tempo, aproxima as pessoas, produtos e serviços e promove eficaz interação entre eles. (p.25 e 35)

Nos eventos de corrida de rua observei grande parte das características descritas pelos teóricos pesquisados. Percebi a estruturação visando uma experiência diferenciada. Posso dizer que as provas são organizadas pensando na promoção de encontros e trocas. Corredores com corredores, corredores com patrocinadores, corredores com a corrida e com tudo que atravessa esse universo. O sucesso do evento depende da efetividade desses intercâmbios.

⁵Conjunto de ferramentas que a empresa utiliza para perseguir seus objetivos mercadológicos junto ao mercado-alvo.

Figura 10 – Arena montada para a corrida São Paulo-Rio



Fonte:<http://www.iguanaports.com.br/2013/>



1.3.1 Os eventos de corrida de rua

Embora não existam estatísticas oficiais sobre o número de provas de corrida de rua realizadas no Brasil, houve um aumento significativo nos últimos dez anos. A maior adesão à atividade trouxe consigo o consequente aumento na quantidade dos eventos.

A Federação Paulista de Atletismo (FPA) realizou um levantamento sobre o número de eventos realizados no Estado de São Paulo. De acordo com a pesquisa, em 2010 foram realizadas 374 provas, contra 301 no ano anterior – um crescimento de 24,3%. Das 374 provas identificadas, a FPA oficializou e regulamentou 287 (76,74%). As 87 corridas restantes (23,26%) foram consideradas irregulares por não

cumprirem todas as recomendações da entidade⁶. Participaram dos eventos oficiais 416.210 corredores, totalizando crescimento de 3,67% em relação a 2009 (RUNNERS WORLD, 2011).

A evolução do número de eventos no estado de São Paulo pode ser verificada na tabela abaixo.

Figura 11– Número de provas de Corrida de Rua realizadas no Estado de SP de 2001 a 2010

Ano	Número de Provas	Crescimento anual
2001	11	
2002	17	54,55%
2003	34	100%
2004	107	214,71%
2005	168	57,01%
2006	182	8,33%
2007	195	7,14%
2008	217	11,28%
2009	240	10,60%
2010	287	19,58%

Fonte: Revista Runners, 2011.

Verifica-se na tabela um grande crescimento no número de provas entre os anos de 2002 e 2005, quando o número de eventos saltou de 17 para 168. Uma realidade bastante diferente daquela da época do surgimento das corridas de rua no Brasil.

De acordo com o *blog* do Professor Carlos Gomes Ventura (2010) foi na Bahia, em 1906, que ocorreu a primeira prova de corrida de rua no país, com sete inscritos e três participantes. O autor enviou-me a cópia da notícia de jornal que contava sobre esse primeiro evento:

⁶ As recomendações da FBA dizem respeito ao percurso, aos postos de hidratação, ao atendimento médico e à segurança e podem ser encontrados no link <http://goo.gl/cqb6uu>

Figura 12 – Cópia do Jornal que noticiou a primeira corrida de rua realizada no Brasil

A primeira prova de rua do Brasil

NA BAHIA

Resultado da primeira corrida disputada no BRASIL.

O esporte base Brasileiro, nasceu na Bahia em 15 de Novembro de 1906, quando foi realizada pela 1ª. vez e oficialmente, uma corrida a pé de longo curso.

Promoveu essa corrida, que tanto sucesso alcançou a ex-Liga Bahiana de Sports Terrestres. Vejamos que disse a imprensa da época:

"LONG -- RACE -- Realizou-se ontem ás 6,3/4 da manhã a corrida de longo curso promovida pela L. B. S. T.

A partida foi dada por meio de um tiro de revólver pelo Sr. W. Swiggs, em frente a Igreja de Nazareth.

Tomaram o arranco os nº. 2, 3 e 4 sendo que o no. 1 não correu por se sentir um pouco encomodado.

"Tomou a frente com alguma vantagem sobre os seus competidores, o no. 4 que manteve essa colocação até a altura do Campo da Polvora e cedendo então aos nº. 3 e 2 que o foram distanciando, até que chegando ao Largo da Piedade desistiu de continuar.

"Os nº. 3 e 2 iam em muito boa marcha na altura do Forte de S. Pedro onde o 3 começou a ir distanciando o 2, que fraqueou bastante em meio do corredor da Vitoria.

"Com o ótimo tempo de 16 minutos e 7 segundos chegou ao ponto terminal o no. 3, entrando o nº. 2 com atraso de 37 segundos.

"As notas dos juizes acusam as seguintes posições nos pontos intermediarios;

Escola Normal—1º. no. 4 —2º. no. 3—3º. no. 2—O juiz Natan Ulmann.

Faculdade de Direito—(Lapa) 1º. no. 3 — 2º. no. 2—3º. no. 4—O juiz Mag. Conde.

Piedade—1º. no. 3—2º. no. 2—3º. nº. 4—O juiz, Max Rothpffel.

Campo Grande—(Chalet) 1º. no. 3—2º. —O juiz Alv. Tarquinio.

Campo Grande—(Banco dos Ingleses) — 1º. no. 3—2º. n. 2—O juiz Oscar Hinrichs.

Corredor da Vitoria— n. 25—1º. nº. 3— 2. nº. 2— O juiz C. Costa Pinto.

CHEGADA—1º. nº. 3—2º. nº. 2—O juiz Dr. José A. Costa Pinto.

Tempo—1º—16'7"—2º. 17'4"

O cronometrista—J. J. Costa Santos.

"Foi o juiz de percurso acompanhado a cavalo toda a corrida, o sr. José J. da Costa Santos que tambem se incumbiu de tomar o tempo exato da long-race.

O nº. 3 da corrida, é o sr. Hans Schlein, socio do C. N. R. São Salvador que fez jus ao premio de uma medalha de prata oferecida pela Liga.

"O nº. 2 que chegou em 2º. é o sr. Henri Guendeville, socio do S. C. Victoria. Os outros dois foram os srs. Ed. Schlapfes no 1 e A. A. Galeão no. 4 Dos 7 inscricor apenas compareceram esses quatro.

O sr. Julio Brandão diretor da C. Linha Circular por á disposição da Liga um bonde que conduziu os juizes e corredores aos seus respectivos pontos.

A corrida como se vê foi disputada dentro de todas as regras officias, nada escapando.

Apesar do interesse despertado pelo publico, não foi adianie a pratica do pedestrianismo.

Fonte: Blog do Professor Carlos Gomes Ventura - <http://goo.gl/VUHKbf>

Passados mais de cem anos desde a primeira prova de corrida de rua, muita coisa mudou. O tiro de revólver foi substituído por um narrador vibrante que faz a contagem regressiva junto com os corredores. Os juízes que faziam a cronometragem e conferência dos percursos montados em seus cavalos deram lugar à cronometragem eletrônica – que é realizada através de leitores de código de barra ou de *chips* que são amarrados nos cadarços dos tênis. O espírito competitivo, claramente marcado na narrativa da primeira prova, cedeu espaço aos eventos cujo objetivo principal é a participação. A organização das

provas, que na primeira corrida cedeu bondes para o transporte dos atletas e juizes, promove uma série de outros eventos com a intenção de promover a sociabilização entre os participantes.

Figura 13 – Cronometragem eletrônica realizada na Maratona Internacional de Florianópolis 2012



Fonte: Acervo da pesquisadora

No Brasil, a Confederação Brasileira de Atletismo é responsável pela oficialização e homologação das provas de corrida de rua. Os calendários dos eventos nacionais e internacionais são publicados em sites especializados, revistas e associações de corredores. Analisando tais calendários, é possível verificar a pulverização dos eventos por todos os cantos do país. A fim de exemplificar, apresenta-se abaixo o calendário exibido pelo site “corredor de rua” com as provas agendadas para os dias 15 e 16 de setembro de 2012.

Figura 14 - Calendário de Corrida de Rua



Data	Prova	Local	Tipo/Distância
15/09	<u>Ecocorrída</u>	Salvador – BA	5km, 10km e Revezamento.
15/09	Correndo na Trilha	Brasília – DF	6km e 12km
15/09	<u>Wine Run</u>	Bento Gonçalves - RS	21k (individual, Dupla, trio)
15/09	<u>Velox Run</u>	Rio de Janeiro - RJ	7,5km
16/09	Circuito das Estações Adidas	Rio de Janeiro - RJ	5km e 10km
16/10	Maratona Pão de Açúcar	São Paulo – SP	42 km (Revez 2,4,8)
16/10	Corrida de Montanha	Itatiaia – RJ	5km, 9km e 12km
16/10	Corrida prevenção câncer	Goiânia – GO	5km e 10km
16/10	Circuito Qualidade Caixa	João Pessoa – PB	5km e 10km
16/10	Corrida contra diabetes	Palmas – TO	5km e 10km
16/10	Circuito de Corridas SESC	Sobral – CE	10km
16/10	Corrida do SESI	Altamira – PA	10km
16/10	IX Corrida da Polícia Civil	Curitiba –PR	10 km
16/10	5 Milhas de Valinhos	Valinhos – SP	5 milhas

Fonte:Acervo da pesquisadora

É interessante observar que no período pesquisado, haviam eventos programados para todas as regiões brasileiras e que as corridas apresentam características diferenciadas no que se refere aos tipos de percurso (trilhas, asfalto e montanhas), modalidades (individual e grupos) e distâncias (5Km, 6Km, 7,5 km, 9km, 10km, 12km, 21km 42 km e cinco milhas).

Os organizadores das corridas de rua, como o próprio nome sugere, utilizam espaços públicos para realização da maioria das provas. Há necessidade da solicitação de autorizações, cumprimento de exigências relativas à segurança dos participantes e em muitos casos pagamento de taxas. Em algumas provas as inscrições são limitadas, em outras é estipulado um tempo máximo para os participantes a completarem. Tais medidas favorecem o planejamento e a execução do evento.

Ao falar sobre a organização do espetáculo do circo, Magnani (2003 p.49) relata que o circo “é uma empresa, com divisão de trabalho,

pesquisa de mercado e um sistema de deslocamento periódico, oferecendo um produto específico, o espetáculo”. Algumas empresas como “Pão de Açúcar”, “Adidas”, “Caixa Econômica Federal”, “Trackand Field”, “Fila” e “Asics”, realizam provas em forma de circuito, com estrutura itinerante, percorrendo várias cidades do Brasil, numa estratégia semelhante à usada pelo circo.

Um exemplo é a “Maratona Pão de Açúcar de Revezamento” realizada em São Paulo desde 1993. Com o passar do tempo, a empresa passou a patrocinar provas no Rio de Janeiro, Brasília e Fortaleza, além de incluir a modalidade *kids*, destinada a crianças de 2 a 12 anos. Os eventos de corrida de rua geralmente ocorrem aos finais de semana, são realizados durante o dia – dependendo da distância a largada é dada entre 7h e 9h – e em locais públicos.

A grande oferta de provas faz com que os organizadores procurem estratégias de diferenciação para conquistar os corredores. Elas focam principalmente no preço, no percurso, nos brindes, nos *kits*, no entretenimento e na estrutura. No Brasil há provas realizadas no Zoológico e no Jardim Botânico de Brasília, no Parque Temático Beto Carreiro e na fábrica da *Volkswagen* em São Bernardo do Campo. Pelo mundo encontramos a *Run for yourlives*, uma corrida de cinco quilômetros na qual os participantes devem fugir de zumbis que querem roubar suas “vidas” (bandeiras carregadas na cintura). Eles passam por obstáculos cobertos de lama e terminam a prova irreconhecíveis. Sujieira e diversão também são os lemas da corrida das cores. Os participantes recebem uma camiseta branca e são bombardeados por tintas de cores específicas em determinados pontos do percurso. Chegar ao final todo colorido significa ter cumprido o objetivo da prova que, segundo o organizador, é fazer o percurso de forma leve e colorida, o que evidencia o caráter amistoso do evento.

Figura 15 - Provas de corrida diferentes das convencionais



Fonte: Acervo da pesquisadora

Em sua tese de doutorado intitulada “Corrida de rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo”, Martha Dallari (2009) apresenta dados nos quais é possível identificar um aumento no número de corredores amadores. Segundo ela “as várias reduções no melhor tempo da maratona nos últimos anos têm sido acompanhadas por um aumento no número de corredores com resultados pouco expressivos com relação às melhores marcas”. (p.39). Ela ainda inferiu que nas provas mais curtas há um número crescente de corredores com resultados distantes dos primeiros colocados.

Ao narrar suas experiências com a corrida de rua e falar sobre as motivações para participação nas provas, Murakami (2010) ilustra bem tal fato realizando uma espécie de generalização. É como se sua voz ecoasse tornando-se a voz de todos os outros.

Corredores de maratona compreenderão o que quero dizer. Não nos importamos se derrotamos este ou aquele corredor particular. Corredores de primeiro nível, é claro, visam superar seus rivais mais próximos, mas para o corredor mediano, do dia a dia, a rivalidade individual não é uma questão de suma importância (p.15).

Talvez esse pensamento explique a opção dos organizadores por eventos especiais, cuja atenção está voltada a uma estrutura que proporcione a fruição: mesas de frutas, distribuição de brindes, massagistas, fisioterapeutas, diversão para a família e música. Alguns eventos oferecem recompensas financeiras aos primeiros colocados. Todavia, a maioria dos corredores paga sua inscrição, consciente de que não receberá premiação em dinheiro. Geralmente as gratificações vêm em forma de uma medalha de participação, camiseta, boné, ou outro material alusivo à prova. Abordarei as questões relacionadas à organização dos eventos no capítulo quatro.

1.4 PRODUTOS E SERVIÇOS VINCULADOS ÀS CORRIDAS DE RUA

Alguns meios de comunicação classificam o crescimento das corridas de rua como “boom”, outros como “fenômeno”. Tais expressões não se referem apenas ao aumento da adesão ao esporte, mas também a ampliação do mercado de produtos e serviços ligados à

corrida. A corrida de rua já é, de acordo com reportagens publicadas pelo jornal "Folha de São Paulo" (2010) e pela revista "Isto é Dinheiro" (2009), o segundo esporte mais praticado no Brasil.

Ninguém discute que o esporte mais praticado no Brasil é o futebol, com seus 30 milhões de adeptos, segundo uma pesquisa recente que inclui desde atletas profissionais até amadores de fim de semana. Mas e o segundo? Nada de vôlei ou basquete. Atrás da maior paixão do brasileiro aparece uma atividade que cresce, literalmente, a passos largos: a corrida. Basta dar uma olhada nos parques públicos, nos clubes e até nas ruas. Uma multidão de quatro milhões de corredores pratica regularmente esse esporte (eram dois milhões há seis anos) (p.1).

Os corredores também estão se organizando em associações, grupos e clubes de corrida. De acordo com Romanini (2009), o número de associados em clubes de corrida no Brasil era de 1.000 em 1998 e saltou para 100.000 em 2009. A Corpore, maior clube de corredores da América Latina, com sede em São Paulo, é uma entidade de utilidade pública, sem fins lucrativos, que organiza eventos de corrida e caminhada, promove encontros onde os temas são discutidos, realiza pesquisas e oferece apoio técnico aos corredores (Corpore, 2011). A evolução no número de atletas cadastrados na entidade, evidenciada na figura abaixo, é mais um indicativo do aumento da adesão ao esporte.

Figura 16 - Evolução de atletas cadastrados na Corpore (1994 a 2011)



Fonte: Corpore

Também foi realizada pela Corpore em parceria com a Fundação Instituto de Administração (FIA) da Universidade de São Paulo e divulgada pela revista “Isto é Dinheiro” (2009) uma pesquisa sobre o perfil do corredor de rua no Brasil. Os dados divulgados revelam que: 81% dos corredores são homens e 19% mulheres; 70% têm entre 35 e 59 anos e apenas 3% têm até 24 anos. No que diz respeito à escolaridade e à renda, o estudo mostrou que 75% dos corredores têm nível superior e 60% têm salário acima de R\$ 5 mil por mês. O levantamento ainda demonstra que 61% dos pesquisados já participaram de corridas fora de São Paulo e 15% já correram em provas internacionais. A pesquisa também revelou que

anualmente um corredor típico pratica o esporte pelo menos duas vezes por semana, mas em muitos casos o treinamento é de três a quatro dias por semana. Esse envolvimento com o esporte faz com que o volume de gastos de um corredor possa ultrapassar R\$ 5 mil por ano na aquisição de produtos, mensalidade de assessoria esportiva, inscrição em provas, compra de alimentos, bebidas e suplementos. Esse valor pode ser ainda maior, se consideradas as viagens para participar de provas em outras cidades e no exterior (p.1).

Figura 17 – Perfil do corredor de rua no Brasil



Fonte: Isto é Dinheiro (2009)

Todo o aparato tecnológico, científico e midiático que envolve as corridas de rua atualmente difere do amadorismo que cercou o início da expansão dessa atividade na década de 1970. Naquela época, a maioria dos corredores teve como principal motivação os resultados alcançados pelos jogadores do Brasil na Copa do Mundo de Futebol. O programa de condicionamento utilizado pelo preparador físico da seleção brasileira, professor Claudio Coutinho, baseou-se no método de reabilitação

cardiovascular elaborado pelo médico americano Kenneth H. Cooper. O método do Dr. Cooper, que tinha por objetivo melhorar o condicionamento físico dos soldados norte americanos, alcançou grande sucesso e repercutiu em todo o mundo. A partir daí, a palavra *cooper* passou a ser sinônimo de corrida e a ideia das corridas de resistência aeróbica tornou-se a “grife” do condicionamento físico. (LOVISOLO, 2000)

Ao utilizar o método, os corredores passaram a cronometrar e a medir as distâncias percorridas em quilômetros, a fim de acompanhar o desenvolvimento da aptidão física, comparando-os com os valores descritos na tabela de condicionamento cardiovascular criada pelo Dr. Cooper.

Bankoff e De Marchi Neto (2007) retratam o clima que envolvia as atividades de corrida de rua naquela época:

A “coopermania” impulsionada pela conquista do tri-campeonato mundial de seleções, ocorrido no ano de 1970, na cidade do México, pela Seleção Brasileira de Futebol, fizera surgir um movimento de euforia e alegria popular, que resultou não só no aumento da popularidade do futebol por todo o país, como também criou uma ideia e expectativa popular de que, se o método de treinamento utilizado pelo professor Coutinho havia dado certo na equipe de jogadores da seleção brasileira de futebol, também haveria de dar certo aos amantes das corridas e demais pessoas que quisessem se aventurar na prática das atividades físico/esportivas e nos programas de exercícios físicos (p.5).

Estimulados pelo aumento do número de atletas amadores na década de 1970, os organizadores de provas de corrida passaram a promover eventos onde era permitida a participação popular junto aos corredores de elite, porém com largadas separadas para os respectivos pelotões.

Posso afirmar que a popular corrida de rua foi despreziosamente uma das atividades precursoras voltadas à melhoria das condições físicas e da qualidade de vida dos praticantes. Por outro lado, nasceu a reboque dessas atividades um expressivo segmento de consumo formado pela oferta de produtos e serviços especializados.

O incremento no número de praticantes e a mudança no perfil dos corredores despertou a atenção de diferentes setores da economia, o que ocasionou um aumento nos negócios ligados à corrida. O simples par de tênis, outrora único equipamento necessário a um praticante da modalidade, passou a ser um dos muitos acessórios disponíveis ao corredor.

Os fabricantes de material esportivo, por exemplo, fomentam pesquisas para desenvolver produtos que auxiliem na melhora do rendimento, na maximização do conforto e na proteção da saúde dos corredores. Tecidos com proteção contra os raios ultravioleta (UV), mais leves e com maior capacidade de absorção do suor, tênis com sistemas de amortecimento, calças térmicas para as temperaturas mais frias, óculos escuros com armações leves, lentes suspensas e sistemas contra embaçamento são alguns dos exemplos. A indústria alimentícia desenvolve bebidas e alimentos adequados aos praticantes da modalidade e a farmacêutica, suplementos, vitaminas e protetores solares. Na TV por assinatura já são dois programas semanais dedicados ao esporte e existem oito revistas de circulação nacional publicadas mensalmente cujo público alvo são os corredores de rua.

Figura 18 - Lojas especializadas em corrida de rua



Fonte: Acervo próprio de imagens

E não são apenas produtos. O setor de serviços também encontrou oportunidades. São muitas as empresas especializadas na promoção de eventos de corridas e é grande a procura por profissionais que prestam assessoria, ou seja, orientam os atletas em seus treinamentos. Os clubes de corredores ganham força dentro das organizações (empresas, universidades, condomínios, escolas, etc.). A economia do turismo também lucra com a atividade: *sites* e empresas turísticas oferecem pacotes para maratonas e corridas nas distâncias mais diversas. De acordo com a revista “Veja” (2011) em 2011 foi realizada em São Paulo a quarta edição da *Running Show*, feira dedicada ao esporte que recebeu 25.000 pessoas em apenas quatro dias.

O segundo capítulo é dedicado à metodologia. Contarei como organizei minha viagem pelo mundo das corridas e como foram escolhidos meus acompanhantes nesse trajeto. Comecei a pesquisa passeando com uma máquina fotográfica e uma pequena sacola. Falarei sobre as coisas que fui recolhendo pelo caminho e que contribuíram para a mala pesada que carrego hoje.

Alguns desafios apareceram no percurso. A escassez de trabalhos envolvendo os temas: eventos/corridas e educação, fez com que eu fosse buscar inspiração para realização deste trabalho em pesquisas que relacionavam outros temas com a comunicação e a educação. No entanto, o que parecia uma dificuldade engrandeceu minha jornada, mostrando-me novas possibilidades, auxiliando-me na definição de categorias e orientando-me nos momentos em que não sabia para onde correr.

2. VAI SER DADA A LARGADA

Escolhas são necessárias... nos trabalhos científicos e na prática da corrida de rua. Em ambos os casos é preciso optar, eleger, nomear, delinear, marcar, apurar, apontar... e fogo! Comecei o percurso cheia de energia, querendo me apropriar de tudo o que aparecia sobre as corridas e os eventos. Conforme o caminho foi sendo percorrido apareceram os primeiros obstáculos, algumas montanhas íngremes, onde foi necessário diminuir a velocidade e repensar a estratégia. Houve momentos em que passei por trilhas fechadas e o rumo mostrou-se incerto. Quando surgiram encruzilhadas, busquei sempre o caminho que me pareceu mais interessante, não necessariamente o mais seguro. Para compensar, longas retas, onde era possível vislumbrar o horizonte.

Durante o trabalho corri por diversos terrenos: históricos, antropológicos, filosóficos, mas também pedagógicos e culturais. Convivi com pessoas, ouvi ideias, participei de eventos, experimentei e conheci diferentes modos de ser e viver. Conforme meu envolvimento com a pesquisa aumentava, crescia também o desejo de demonstrar o potencial das corridas e dos eventos como prática cultural, que educa e subjetiva. Num primeiro momento, a opção foi pela análise dos eventos de corrida de rua e sua relação com a educação, o consumo e a sociabilidade. Mas, aos poucos, outras categorias e objetos de análise foram inseridos na pesquisa.

De acordo com os fisiologistas a prática de uma atividade física provoca no organismo adaptações morfológicas e funcionais, elevando assim a capacidade física dos indivíduos. Da mesma forma, esta pesquisa foi submetida a um processo de “aperfeiçoamento” que ocorreu através das contribuições de colegas corredores, das observações realizadas nos eventos, dos apontamentos feitos pelos professores que fizeram parte da banca de qualificação, das apresentações e discussões realizadas no grupo de pesquisa “Tecendo” e das conversas informais com treinadores e organizadores de eventos. A principal resultante de todas as sugestões foi a inserção dos praticantes da corrida de rua como sujeitos da pesquisa. Também entraram, no meio do percurso, como coadjuvantes, os treinadores e os organizadores de provas de corrida.

Acredito que a inclusão de novos sujeitos na pesquisa ocorreu em virtude da necessidade, que se mostrava cada vez mais premente, de atar o nó entre as corridas, os eventos e a educação. Além de incluir as pessoas, passei a entender que a minha história, minhas vivências, minhas experiências, as leituras realizadas, os insucessos da pesquisa, enfim, a bagagem que eu carreguei até aqui, norteariam minhas decisões

e minhas escolhas. Coloquei-me no papel de observadora curiosa e defini o trajeto da pesquisa por meio do meu olhar. Foi o meu olhar que direcionou as escolhas que fiz. O meu olhar é o meu modo de me expressar. Não o que digo, mas como digo no/através do discurso, na/através da cultura, é a manifestação da minha subjetividade. Essa compreensão encerrou uma busca pelo “dar sentido” ao estudo – torná-lo interessante, relevante, objeto de reflexões. O encontro comigo mesma resultou na estrutura e nos métodos de trabalho apresentados a seguir.



2.1 INSPIRA E EXPIRA...

A opção pelos métodos utilizados nesta pesquisa tem relação com as questões que foram surgindo à medida que a ideia ia se concretizando. Para sustentar melhor as escolhas que deveria realizar, resolvi “reviver”, através de um *flashback*, tudo que tinha registrado nos últimos dois anos. Para isso reuni cadernos, agendas e pequenas anotações em folhas avulsas. Reli os pareceres da banca de qualificação. Voltei aos livros e cadernos e revi os apontamentos feitos durante as leituras e os registros realizados durante as disciplinas cursadas. Percebi que durante esse trajeto foram surgindo hipóteses e questionamentos que poderiam nortear as escolhas dos objetos e da metodologia empregada no trabalho. Separei as questões, sugestões e notas que considere importantes.

Os primeiros questionamentos, os que deram o fôlego inicial à pesquisa, surgiram em uma conversa com o orientador quando discutíamos o conceito de evento: **eventos exercem papel importante nos modos de viver – Como os eventos afetam os sujeitos? Que papel eles têm na construção dos sujeitos da contemporaneidade?** O segundo nasceu de uma constatação feita por uma colega de trabalho, que ao conversar comigo sobre a temática do estudo perguntou: **A corrida é capaz de precipitar mudanças e transformações no cotidiano, influenciar hábitos?** Também considere relevantes indagações feitas durante uma discussão sobre a minha pesquisa na

disciplina seminário de dissertação⁷: **Como as pessoas se constroem como sujeitos nos grupos de corrida ou através da participação em eventos? Que significados estão explícitos, implícitos e quais passam a prática da corrida de rua?**

Com o passar do tempo, novas questões surgiram e uma delas, recorrente, acabou por determinar a opção por relacionar a corrida com os modos de vida: **a corrida é uma potência produtora de subjetividades?** Os dois últimos apontamentos que influenciaram na escolha dos objetos deste estudo vieram da banca de qualificação: (...) **talvez os sujeitos que participam, produzem e são produzidos nessas teias tenham que aparecer um pouco mais**⁸. **Se o foco são os modos de viver gostaria de ver os corredores nessa pesquisa**⁹. Essa retomada foi essencial para definição do que efetivamente iria estudar através da dissertação.

Embora a temática abordada nesses apontamentos, hipóteses e questionamentos fosse muito semelhante, apareciam neles três atores principais: **a corrida de rua, os eventos de corrida e os corredores**, que foram escolhidos como objetos de pesquisa. Realizada a escolha, era preciso definir que tipo de pesquisa realizar e que estratégias utilizar para estudar cada um deles.

Este estudo foi, desde o seu início, influenciado por pesquisas situadas no campo dos Estudos Culturais. Por isso, não há possibilidade de rotulá-lo como algo que se enquadre apenas nesse ou naquele tipo de pesquisa. Não há possibilidade de represá-lo uma vez que ele se esparrama, se desloca, transita e se articula com diversas áreas do conhecimento, dentre elas a educação, a comunicação, a administração, a publicidade, o *marketing* e a educação física. Talvez por esse motivo, trabalhos identificados com os estudos culturais, que transitam por outras disciplinas e que abordam temáticas diferentes da que me propus a examinar, serviram como fonte de inspiração.

Destaco a tese de Schmidt (2006), denominada “Ter atitude: escolhas da juventude líquida” desenvolvida no Programa de Pós Graduação em Educação UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande

⁷Questionamento realizado pela professora Dra. Gilka Girardello durante apresentação do projeto de dissertação realizado na disciplina Seminário de Dissertação – PPGE – UFSC 2012/2

⁸Sugestão apresentada no parecer da Professora Dra. Marise Basso Amaral – membro da banca de qualificação.

⁹Sugestão apresentada pela Professora Dra. Dulce Márcia Cruz, durante explanação realizada no processo de qualificação.

do Sul), a dissertação de Klein (2012), intitulada “Aprendendo a (vi)vercom a Capricho”, desenvolvida junto Programa de Pós Graduação em Educação da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e a dissertação “Vivendo no espetáculo, aprendendo com o espetáculo-cultura RAVE e produção de Jovens Contemporâneos” , produzida por Bortolazzo (2010),no Programa de Pós-Graduação em Educação da ULBRA (Universidade Luterana do Brasil).

As diversas leituras que fiz desses textos me auxiliaram a encontrar o lugar de onde eu gostaria de falar, me mostraram diferentes formas de promover os encontros dos objetos de estudo com as categorias escolhidas para a pesquisa e a perceber as potenciais amarrações entre elas e a educação. Bortolazzo (2010) estuda as relações entre a cultura *rave* e a produção de certos tipos de sujeitos jovens que habitam o mundo de hoje, ou seja, a relação entre eventos (festas *rave*), consumo e construção de identidades. Além disso, o autor, a exemplo do que foi feito neste trabalho, coleta dados em uma rede social. Já a análise de Klein (2012), cujo objeto de estudo é a revista “Capricho”, apresenta todos os desdobramentos da marca – através da oferta e criação de produtos e serviços e relação destes com a cultura da convergência, a identidade e o consumo. A tese de Schmidt (2006) chamou minha atenção, primeiramente, por utilizar como referencial teórico várias obras de Zygmunt Bauman, e abordar o consumo como um dos focos da pesquisa. Uma leitura mais cuidadosa me fez desvendar um método de trabalho muito interessante que utiliza materiais extraídos da revista MTV e os articula com discussões entre acadêmicos de comunicação sobre o tema “ter atitude”.

Quando descobri de onde falava, por onde andava e com quem gostaria de escrever, ficou evidente que meu estudo também tinha sido desenhado, pensado e projetado buscando a interconexão entre as várias áreas do conhecimento. No entanto, nada era estanque. Eu desejava uma pesquisa com as características dos estudos culturais “um projeto aberto ao desconhecido, ao que não se consegue ainda nomear, mas que demonstra vontade em conectar-se; têm interesse em suas escolhas” (HALL, 2003, p.201). Era uma busca pela ressignificação da corrida de rua. Gostaria que ela fosse olhada não apenas como uma prática esportiva, mas também como uma prática e manifestação cultural.



2.2 O TRAJETO E OS PRIMEIROS ENCONTROS

Quando saímos para correr, geralmente encontramos outros corredores. Muitas vezes, os que vêm em sentido contrário inclinam a cabeça, levantam uma das mãos, sorriem ou até gritam algo para você. É como se fosse um código secreto de pessoas que fazem parte da mesma tribo, ou que pelo menos tem um gosto em comum. É muito bom quando isso acontece no momento em que você já está muito cansado, ou procura por algo que o anime, motive. E aí parece que o fôlego ressurgem, as pernas respondem e você pode correr mais e mais. Descrevo nesse item as categorias de pesquisa e os sorrisos, acenos e gritos de incentivo dos autores que encontrei ao longo do caminho.

O primeiro passo para definir as categorias que seriam analisadas durante a execução da pesquisa consistia em entender as corridas de rua como práticas culturais – que expressam e comunicam um significado. Isso foi feito com base em Stuart Hall, no artigo intitulado “A centralidade da cultura”. Logo no início do texto, Hall (1997) comenta que constituem nossa cultura “o conjunto de sistemas ou códigos de significado que dão sentido às nossas ações, que são usados para codificar, organizar e regular nossa conduta com relação aos outros e que permitem interpretar significativamente as ações alheias” (p.1). Partindo desse conceito passei a entender as corridas de rua não só como uma manifestação cultural, mas também como um processo de subjetivação, formação da identidade social, exibição de uma escolha e expressão de desejos.

A operacionalização de um conceito mais amplo de cultura passa a incluir eventos da vida cotidiana como episódios significativos. A cultura popular surge como uma possibilidade de investigação e passa a ser vislumbrada como campo de aprendizagem e conhecimento. Os resultados de pesquisas que estudaram danças populares, tradições, fotografias, filmes, revistas de grande circulação, rádio, teatro, TV, demonstram que estes podem ser artefatos produtivos que representam, dão sentido e operam enquanto prática cultural (MAGNANI, 1993).

As leituras de Hall(1997) e Magnani (1993) ajudaram a demarcar as categorias de análise deste estudo: **a relação das corridas de rua com os eventos (enquanto mídia), com o consumo, com a educação e a influência na sociabilidade.**

Faltava ainda a escolha dos modos como iria empreender minha investigação. Li alguns livros de metodologia da pesquisa e de métodos investigativos em educação com intuito de encontrar “fórmulas” e “modelos” já experimentadas para realização das investigações e

intervenções que planejava realizar. Sabia da importância na escolha dos métodos, tinha consciência que eles iriam determinar as experiências pelas quais eu passaria e que isso iria determinar minhas evidências empíricas, que serviriam como substrato para o desenvolvimento de minhas conclusões. No entanto, mais uma vez, foi difícil encontrar um único método.

Encontrei alento em Umberto Eco (1996) que aponta a possibilidade de construir um método de trabalho: “em uma tese histórica ou filológica existem métodos tradicionais de pesquisa a que o autor não pode se subtrair, enquanto para os trabalhos sobre fenômenos sociais em evolução muitas vezes o método precisa ser inventado” (p.27). No entanto, Eco adverte que tal invenção deve levar em conta alguns critérios:

analisar estudos sérios sobre temas semelhantes, não se meter num trabalho de pesquisa social sem pelo menos ter acompanhado a atividade de um grupo com alguma experiência, munir-se de alguns métodos de coleta e análise de dados, não presumir fazer em poucas semanas trabalhos de pesquisa que comumente são longos e difíceis.(p.27)

Seguindo as orientações de Eco, utilizei sites de busca a fim de encontrar trabalhos relacionados ao objeto principal de análise e utilizei como palavra chave o termo corrida de rua. As primeiras buscas foram realizadas no “Banco de Teses da CAPES” e no *site* da “SciELO (ScientificElectronic Library Online)”. O resultado da pesquisa foram artigos relacionados ao treinamento, e a aspectos físicos, fisiológicos e nutricionais dos corredores, que não tinham relação com as categorias e os objetos escolhidos para análise.

No “Google Acadêmico” encontrei artigos sobre o perfil dos corredores, provas de corrida e outros que relacionavam a prática do esporte a aspectos motivacionais, todos produzidos entre 2005 e 2012. Alguns deles contribuíram com esta pesquisa, embora os temas abordados não tivessem relação direta com as categorias de análise. “Fatores motivacionais de adesão a grupos de corrida” de Truccolo, Maduro e Feijó (2008); “Características associadas aos corredores da maratona do Rio de Janeiro” de Moura, Palma, Costa Filho e Almeida (2010); “Corrida de Rua: análise do crescimento do número de provas e praticantes” de Salgado e Mikail (2006); “Ritos e rituais

contemporâneos das corredoras de longa distância” de Coiceiro e Costa (2005); “Perfil e preferências de praticantes de corrida de rua: um estudo preliminar” de Palhares, Benetti e Bastos (2012) e Corrida de rua: análise da produção científica em universidades paulistas de Palhares, Pedro e Bastos (2009).

Mesmo tendo encontrado todos esses trabalhos, persistia a dificuldade em encontrar pesquisas que fizessem analogia entre as corridas de rua e a educação. Passei então a consultar sites de programas de pós-graduação e encontrei no Banco de Teses da USP (Universidade de São Paulo), a Tese de Martha Dallari “Corrida de Rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo”. Esta tese, apresentada em 2009, está vinculada ao Programa de Pós Graduação em Educação da referida universidade. O trabalho situa a corrida como um fenômeno sociocultural é muito rico em números, estatísticas e história, o que contribuiu com meu estudo. Todavia, para minha surpresa, encontrei na tese relações muito frágeis entre o tema e a educação. As conexões apresentadas fazem uma analogia entre a corrida e o corpo, a identidade, a saúde, as relações pessoais, o feminismo, a globalização, a urbanização, a tecnologia e o empreendedorismo. No entanto, não há profundidade nas análises, tampouco esforço em relacionar os temas escolhidos com a educação.

No site do Programa de Pós Graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense, constava a dissertação “Amizade, Corpo e Consumo entre corredores de rua de assessorias esportivas na Zona Sul do Rio de Janeiro” de Camila Cartaxo (2012). Este foi um “encontro” recente, que a princípio me preocupou. Alguém havia pesquisado exatamente as mesmas coisas que eu estava a investigar? Não exatamente, concluí após a leitura do texto. Embora Cartaxo tenha categorias de análise muito semelhantes, seu trabalho, baseado na etnografia, focaliza principalmente questões relacionadas aos grupos de corredores. Ela aborda assuntos ligados à saúde, ao corpo, às lesões e ao consumo. Mesmo assim, seu trabalho foi uma referência importante e inspiradora.

No portal Domínio Público foram encontradas duas dissertações de mestrado em Administração que relacionam os eventos de corrida ao consumo e ao *marketing*. A pesquisa “Comportamento do consumidor de materiais esportivos para a prática da corrida de rua na Região Metropolitana de Belo Horizonte” de Rubens Albuquerque (2007) faz uma análise do consumo de materiais esportivos por parte de corredores de rua. O outro trabalho, “Eventos de Corrida de Rua em Fortaleza-CE como comunicação de marca”, de Andersson Teixeira Ribeiro

(2009), estudou a eficiência da transmissão de mensagens publicitárias de determinadas marcas nos eventos de corrida. Ambas foram utilizadas como referencial para tratar questões envolvendo o consumo.

Em algumas das leituras arroladas, apareceram as palavras antropologia urbana e etnografia. Fui me apropriando desses termos ao ler, primeiramente o livro “Festa do Pedaco” (comentarei sobre esse “encontro” em seguida) e a partir dele conhecer artigos dos integrantes do NAU– Núcleo de Antropologia Urbana da USP e da revista “PontoUrbe” – publicação deste mesmo grupo. Muitas das publicações, dentre as quais destaco Magnani (1996 – 2002), Peirano (2008) e Uriarte (2012), discutem as características, implicações, possibilidades de uso e buscam esclarecer questões relativas à complexidade do método etnográfico.

Peirano (2008) defende que a etnografia não é apenas uma metodologia ou uma prática de pesquisa, “mas a própria teoria vivida (...) no fazer etnográfico, a teoria está, assim, de maneira óbvia, em ação, emaranhada nas evidências empíricas e nos nossos dados” (p.3). No artigo denominado “De Perto e de Dentro” Magnani (2002) nos diz que quando orientados pelo método etnográfico temos a necessidade de voltarmos o olhar para perto e para dentro em detrimento a enfoques ‘de longe e de fora’. O autor entende que:

o método etnográfico não se confunde nem se reduz a uma técnica; pode usar ou servir-se de várias, conforme as circunstâncias de cada pesquisa; ele é antes um modo de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. Ademais, não é a obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento (p.17).

É também Magnani quem se refere, em outra obra (1996), a este processo de acercamento e descoberta dos significados das ‘experiências humanas’, como parte daquilo que mais importa ao olhar antropológico:

o que mais importa ao olhar antropológico não é apenas o reconhecimento e registro da diversidade cultural, nesse e em outros domínios das práticas culturais, mas também a busca do significado de tais comportamentos: são experiências humanas –

de sociabilidade, de trabalho, de entretenimento, de religiosidade – que só aparecem como exóticas, estranhas ou até mesmo perigosas quando seu significado é desconhecido (p.3).

Ainda sobre o processo de acercamento e descoberta desse significado, Magnani (1996) entende que pode ser trabalhoso, mas o resultado é enriquecedor “permite conhecer e participar de uma experiência nova, compartilhando-a com aqueles que a vivem como se fosse ‘natural’, posto que se trata de sua cultura” (p.18).

Através dessas leituras, percebi que estava realizando uma pesquisa com inspiração etnográfica, mas desejava também localizá-la entre as pesquisas em educação. Lembrei-me da coleção “Caminhos Investigativos”, que trata exclusivamente dos estudos no campo educacional. Encontrei no volume II um artigo da professora Maria Lúcia Wortmann (2007), chamado – “análises culturais: um modo de lidar com histórias que interessam a educação”. No texto a autora destaca que as análises culturais, por influência dos estudos culturais, têm atentado para a importância da história, da antropologia, da literatura e da comunicação na produção discursiva de significados para essas temáticas. De acordo com Wortmann (2007) muitas vezes “as áreas acima citadas isentam seus praticantes da obrigatoriedade de localizar os estudos que conduzem, exclusivamente em uma delas” (p.73). Isso permite com que se faça incursões a teorias e metodologias de muitas áreas do conhecimento, agregando valor a pesquisa em educação.

Considero este trabalho uma tentativa de tradução, inacabada, dos elementos inscritos em uma das culturas contemporâneas que mobilizam pessoas de vários países. Assim, como sugere Wortmann, procurei reunir ferramentas teóricas provenientes de outras áreas do conhecimento além da educação, o que me foi favorecido pelo campo dos Estudos Culturais.



A primeira decisão foi me matricular em uma assessoria de corrida. Isso me permitiria, literalmente, entrar no universo das corridas e dos corredores. Buscava ali inspiração para as temáticas que seriam abordadas, informações mais precisas sobre treinamentos e eventos, subsídios para estudar questões relacionadas ao consumo e à

sociabilidade. Essa decisão também foi motivada pelo desejo da experiência. Fascinou-me a ideia de fazer parte daquele grupo de pessoas que se reuniam embaixo de uma tenda, com camisetas coloridas e que como tribos, estavam espalhadas pela cidade. Seria interessante conhecer suas motivações, seus códigos, seus rituais. Correr com elas, trocar experiências, participar das festas, dos treinos aos finais de semana, mergulhar naquele mundo, deixar aquela prática me afetar. Como sugere Favret-Saada (2005), “fazer da ‘participação’ um instrumento de conhecimento”. (p.157)

Desloquei-me até a Beira Mar Norte (local de maior concentração de assessorias de corrida na cidade) e fui caminhando, procurando pelo grupo de uma ex-aluna do curso de educação física. Sabia apenas que se encontravam nas segundas e quartas nos finais de tarde e que vestiam camisetas vermelhas. Enquanto caminhava, olhava as tendas, os equipamentos (colchonetes, bolas de pilates e cones), os corredores e imaginava como seria participar daqueles momentos. Nos dois quilômetros percorridos encontrei vários ex-alunos, todos trabalhando como treinadores de corrida. Grupo “vermelho” encontrado, horários compatíveis, matrícula feita. Decidi não comentar, pelo menos no início, que a decisão de correr havia sido impulsionada pelo trabalho de mestrado.

O ritual é geralmente o mesmo. As pessoas vão chegando, se cumprimentam, guardam seus pertences em uma caixa trazida pela professora, brincam umas com as outras e saem sozinhas ou em grupo para o aquecimento (comumente dez minutos de trote¹⁰). À medida que regressam, são realizados em grupo, sob comando dos treinadores, alongamentos e exercícios de coordenação motora. A partir daí cada um faz o seu treino (enviado via site da assessoria). Assim que terminam, retornam ao ponto de encontro para os exercícios de alongamento e relaxamento. Muitos permanecem ali, após o final do treino, jogando conversa fora.

Desde o início procurei participar de cada um desses momentos. No entanto, não conseguia me concentrar em nenhuma das atividades: não estava sendo corredora, nem pesquisadora. Observava tudo, prestava atenção nos diálogos, procurava detalhes, pensava na metodologia. Observação participante? Talvez por isso, a ideia de deixar-me afetar, não se configurou em um primeiro momento, quando ainda não me sentia parte do grupo.

¹⁰ Corrida em ritmo lento

Gostaria de esquecer que estava em campo, que estava ali para observar, esquecer que tinha um estoque de questões a responder. Gostaria de ser enfeitada para depois, ser afetada. Identifiquei-me com o dilema exposto por Fravet-Saada (2005)

No começo, não parei de oscilar entre esses dois obstáculos: se eu “participasse”, o trabalho de campo se tornaria uma aventura pessoal, isto é, o contrário de um trabalho; mas se tentasse “observar”, quer dizer, manter-me à distância, não acharia nada para “observar”. No primeiro caso, meu projeto de conhecimento estava ameaçado, no segundo, arruinado (p.157).

As inspirações trazidas pelo artigo “ser afetado” de Jeanne Fravet-Saada vieram mais tarde, quando percebi que eu não estava sendo envolvida, pois não me permitia experimentar todos aqueles momentos e deixar os registros para depois. Além de começar a correr com um grupo foi preciso definir que outras formas de “acercamento” (MAGNANI, 1996) seriam utilizadas. Para estudar as corridas de rua recorri à pesquisa bibliográfica. As informações foram colhidas em livros, revistas, *blogs*, artigos e trabalhos acadêmicos. Para estudar os eventos de corrida foram utilizadas a observação, a pesquisa bibliográfica e as entrevistas semiestruturadas com os organizadores. Para estudar os corredores a estratégia foi utilizar a observação seguida de apontamentos nos cadernos de campo, a análise de postagens no *facebook* e de redações feitas pelos corredores (que apresento com mais detalhes nos próximos capítulos).



2.2.1 Encontros inusitados

Um amigo corredor e uma professora. Esses foram os responsáveis pela sugestão de duas obras, que teoricamente serviriam apenas para que eu entendesse um pouco mais sobre o universo pesquisado. Elas tornaram-se tão importantes que acabaram por nortear meus pensamentos. A leitura dos dois títulos aconteceu no momento em que eu começava a pensar nas relações que iria fazer entre o tema central da pesquisa e os universos que atravessam essa prática. Ao invés

de leituras assessorias “Festa no Pedaco”, de José Guilherme Cantor Magnani (2003) e “Do que eu falo quando falo de corrida” de Haruki Murakami (2010), tornaram-se essenciais e auxiliaram na definição das categorias utilizadas nesta pesquisa: educação, modos de viver, consumo e sociabilidade.

Em “Festa no Pedaco” ocorre meu primeiro encontro “real” com a etnografia. Nesse livro o autor, que planejava estudar o circo-teatro, envolve-se com outros temas que foram emergindo durante o processo de pesquisa, e acaba por estudar as formas de lazer e entretenimento no “pedaco” onde está inserido o circo. Através dele analisa questões ligadas à sociabilidade, a identidade, ao consumo, e a produção de significado por meio de eventos como o circo, o baile e o teatro. O livro é o registro de uma pesquisa acadêmica e, por conseguinte, apresenta uma série de apontamentos teóricos que também serviram de base para este trabalho. Talvez meu encantamento pelo tema e pela forma com que Magnani escreve e apresenta suas ideias, tenha influenciado na relação que fiz, desde o início da leitura, entre o universo da cultura popular e do espetáculo circo, estudados pelo autor e o fenômeno cultural contemporâneo corrida de rua e os eventos. Da mesma forma, passei a entender, que para falar sobre as possíveis influências dos eventos e da corrida no cotidiano dos corredores era necessário inseri-los na pesquisa.

A influência do livro de Haruki Murakami é outra. O autor, um romancista consagrado, resolve escrever um livro para falar de sua relação com a corrida. Ele inicia o livro dizendo

[...] este livro é sobre correr, não é um tratado sobre como ser uma pessoa saudável. Não estou aqui tentando dar conselhos do tipo “Certo, pessoal – vamos correr todos os dias para ficarmos saudáveis!” Em vez disso, este é um livro no qual juntei meus pensamentos sobre o que correr significou para mim como pessoa. (MURAKAMI, 2010, p.7)

Os significados da prática da corrida e dos eventos de corrida de rua para Murakami, me incentivaram a buscar as relações que poderiam ser feitas com a educação. Ao falar sobre objetivos, hábitos, participação em eventos e mudanças, que ocorreram ao longo dos quase trinta anos de prática da corrida, percebi que a corrida ajudou-o a construir uma narrativa de modos de viver, a corrida ganhou centralidade no seu

cotidiano. Murakami emagreceu, deixou de fumar, se lesionou, parou por um tempo, regressou, ficou feliz, sentiu-se triste, comprou tênis, fez massagem, ganhou medalha, enfim, mostrou-me um caminho para enfocar as corridas de rua e os corredores.



2.3 A PARTICIPAÇÃO DOS CORREDORES

Durante algum tempo, fiquei pensando na melhor maneira de efetuar o envolvimento das pessoas nesta pesquisa. A ideia inicial foi acompanhar a preparação de três corredores da minha equipe para a participação em uma prova. Procurei minha treinadora e expliquei os objetivos da pesquisa. Solicitei que ela indicasse três corredores que eram assíduos e que fariam provas nos meses de março e abril de 2013 – período escolhido para coleta de dados. A princípio, considerei dispensável utilizar categorias, tais como sexo, idade e tempo de prática. Meus únicos requisitos eram: correr, participar dos treinos e preparar-se para uma prova. Conversei com os indicados, expliquei que era pesquisadora e que estava escrevendo sobre as corridas de rua. Evitei dar muitas informações, pois temia que elas interferissem no comportamento, nas conversas e nas atitudes dos pesquisados. Todos se prontificaram a participar da pesquisa. Disse a eles que nos primeiros dias iria apenas observá-los e fazer algumas anotações. Acreditava que isso me daria subsídio para realizar as interferências que planejava fazer dali pra frente.

No entanto, com o passar do tempo, percebi que meu caderno de campo foi se tornando um amontoado de anotações e que aquelas transcrições de diálogos e observações de comportamentos não seriam suficientes para abarcar tudo o que tinha proposto: a relação das pessoas com a corrida, com outros corredores, as possíveis transformações, as fases da preparação e as sensações advindas da participação em eventos. Os corredores faziam comentários triviais, tais como: a opção de correr pela ciclovia, o xingamento do ciclista, o clima, o calo feito pelo tênis novo, a dificuldade em treinar na semana anterior, os filhos, o marido e o trabalho. Faziam também conjecturas, dentre elas posso destacar uma longa conversa sobre os porquês da ausência do vendedor de água de coco, que já não aparecia no seu habitual local de trabalho há uma semana.

Como as coisas não estavam acontecendo conforme o planejado, e as horas passadas observando o grupo mostravam-se pouco produtivas, era hora de rever a forma com que realizaria esta parte da pesquisa. Resolvi encarar esse primeiro momento como uma fase de preparação. As observações registradas no caderno de campo foram utilizadas posteriormente, na preparação da estratégia e no acompanhamento dos outros participantes escolhidos para participar do estudo. Os erros identificados também foram usados como filtros, cujo intuito era dirimir falhas no planejamento que vinha se delineando. Por exemplo: não foi interessante observar corredores da mesma equipe, que já se conheciam, que treinavam no mesmo horário e que se preparavam para a mesma prova. Considerei que isso limitou a espectro das observações. Magnani (2003) alerta para os riscos que corre um pesquisador cujo objeto de estudo fez parte da sua própria sociedade. Ele relata que as condições que possam parecer favoráveis tais como conhecimentos prévios e facilidade de acesso podem transformar-se em obstáculos: “(...) a familiaridade, nestes casos, não é senão o resultado de ideias preconcebidas, deformadas, quando não totalmente errôneas” (p.18). Reconhecer o que não dera certo, já era um passo, mas o desafio permanecia: como inserir as pessoas?



Era um domingo chuvoso e resolvi ir a mais um evento de corrida para ver se encontrava algo inusitado, ou simplesmente algo que servisse de inspiração. Quando cheguei ao local, vi a mesma estrutura, a mesma festa, alguns rostos conhecidos e no meio deles o de uma colega de infância que se preparava para sua primeira prova: uma corrida de cinco quilômetros. Surpreendi-me ao vê-la ali. Jamais imaginei que aquela menina, que detestava as aulas de educação física, corria. Conversamos brevemente e quando nos despedimos veio a pergunta: - *tens facebook?* - *Sim*, respondi. Então vou te adicionar, disse ela. Desejei boa corrida e continuei meu passeio.

No final da tarde, “entrei” no *facebook*. Lá está o convite de amizade da minha colega. Aceitei e imediatamente passei a receber as atualizações feitas por ela. A postagem mais recente era a de uma fotografia na qual aparecia com a medalha no peito. Junto à imagem, uma frase onde descrevia os sentimentos por ter completado a primeira prova. Tudo isso seguido dos comentários elogiosos dos “amigos

virtuais”. Ao rolar a tela percebi que várias pessoas que faziam parte da minha rede de contatos do *facebook* também haviam estado naquela mesma corrida. Eram mais de quinze. Corredores frequentes e gente que eu também não imaginava que corria.

Então passei a monitorar virtualmente aqueles corredores e percebi que principalmente em vésperas e após a realização de provas, eram muito comuns postagens de quilometragens percorridas em treinamentos, comentários sobre inscrições em eventos, narrativas de momentos de superação, fotos com medalhas e com os colegas corredores e tempos levados para percorrer determinada distância. Numa análise mais apurada, descobri inclusive que existem aplicativos onde a pessoa posta na rede social sua rotina de exercícios. No caso da corrida a distância percorrida, o tempo e o local escolhido para correr. Ao final de um dado período esse aplicativo traça gráficos e demonstra, através da média aritmética, o “desempenho” do corredor.

Passei a ler com mais interesse as postagens e a procurar nas páginas dos que corriam os comentários que faziam sobre a importância e a influência da corrida em suas vidas. Encontrei no *facebook* uma interessante ferramenta de pesquisa. Antônio Zuin (2008) escreveu um artigo no qual apresenta “O *Orkut*¹¹ como fonte de pesquisa em educação”.

O autor considera o computador um instrumento que

[...]se metamorfoseia num aparelho que possibilita: a realização de encontros sociais e particulares, o processamento e transmissão de dados, a elaboração de atividades de trabalho e de diversão, televisão e comunicação, concentração e dispersão, ser ignorado ou ser percebido, a ponto de todas essas potencialidades se tornarem indiscerníveis entre si (p.227).

Ele também entende que em tempos da denominada “revolução microeletrônica, o espaço virtual da internet se revela uma importante fonte de pesquisa, principalmente em virtude do fato de que os partícipes das comunidades virtuais se sentem encorajados a expor aquilo que verdadeiramente pensam sobre os temas em questão”. (p.227)

¹¹Orkut: Rede social Filiada ao Google, criada em 2004. Foi a principal rede de relacionamento utilizada pelos brasileiros até 2011, quando perdeu espaço para o *facebook*. Ver mais em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>

Conforme a pesquisa utilizando o *facebook* foi se concretizando, se confirmava também a utilização dessa mídia como um espaço de convergência, de exibição, de manifestação e de sujeição. O *facebook* se tornou uma das principais ferramentas da pesquisa. Além do monitoramento dos corredores, a rede me permitiu: entrar em contato com eles, solicitar opiniões, buscar eventos, conhecer outras comunidades virtuais, marcar encontros e “assistir” a exposição diária de opiniões, fotografias, vídeos e comentários.

Passsei quinze dias apenas observando as postagens e diálogos que os corredores inseriam na rede, a fim de criar um maior envolvimento com o ambiente e conhecer o conteúdo produzido por eles. Após esse período entrei em contato com vinte corredores que estavam entre os meus amigos do *facebook*. Primeiramente, me certifiquei de que estavam treinando e participando de eventos. Então, pedi permissão para utilizar os comentários feitos e as fotos postadas na rede. Recebi diversos retornos positivos. Passadas algumas semanas tentei promover encontros com cada um deles. A ideia era conversar sobre alguns temas envolvendo a corrida. Como não houve compatibilidade nas agendas alguns sugeriram algo virtual, um questionário, talvez.

Ao buscar inspiração para os títulos das sessões deste trabalho, recorri a um livro de fisiologia do exercício (POWERS e HOWLEY, 2009) e li parte de um capítulo que falava sobre os princípios do treinamento esportivo. À medida que a leitura avançava me dei conta que alguns daqueles princípios que deveriam ser seguidos por treinadores, para garantirem a efetividade do seu trabalho, poderiam nortear as observações que planejava realizar com as pessoas. Dentre todos os princípios destaquei: individualidade biológica, especificidade e continuidade.

O princípio da individualidade biológica: sugere que as cargas de treinamento devem respeitar a individualidade biológica de cada indivíduo, ou seja, é preciso conhecer a “história esportiva” do corredor e as memórias que o corpo carrega para prescrever um treinamento adequado. Da mesma forma, compreendi que cada participante da pesquisa tem uma história, uma motivação e um objetivo. Por isso, antes de qualquer outra coisa, era preciso conhecer um pouco mais esses indivíduos: suas experiências, seu dia a dia, suas motivações, expectativas e perspectivas. Por isso, resolvi reorganizar meu diário de campo e acompanhar os corredores de uma forma diferente.

Entendi que um questionário poderia restringir as possibilidades de resposta. Desejava deixá-los livres. Foi então que surgiu a ideia de solicitar que fizessem redações. Para não influenciá-los, preparei um

texto bem simples, com poucas explicações sobre o trabalho. Era um convite. Os que desejassem participar deveriam escrever três redações, sobre temas envolvendo a corrida de rua, que seriam remetidos semanalmente. O tema posterior só seria enviado após a entrega da redação anterior. O primeiro deles baseou-se no princípio da individualidade. O principal objetivo era conhecê-los como corredores, suas motivações e os porquês da escolha da corrida. Os primeiros relatos também serviriam como guia para os acompanhamentos e questionamentos futuros. Para tanto, escolhi o seguinte tema: “Como a corrida entrou em minha vida”.

Figura 19 - Contato com os “amigos” da rede *facebook* solicitando participação na pesquisa e informando o tema da primeira redação



Jane Petry da Rosa

Oi Greici!!! Tudo bem? Estou finalizando o meu mestrado em educação e o tema são as corridas de rua. Fiz umas mudanças de última hora e agora preciso correr atrás do tempo perdido! Preciso de voluntários, que corram e estejam no meu facebook para fazer três redações. O tema da primeira é "como a corrida entrou na minha vida". Gostaria de saber se poderias me ajudar participando. Podes escrever da maneira que quiseres. Se topares colaborar vou ficar muito feliz. Funcionará assim: Manda um tema de cada vez! Quando terminares a primeira redação eu mando o tema da segunda e depois da terceira... é que se mandar todos os temas de uma só vez, um pode influenciar o outro. Depois é só enviar para o e-mail jpetryrosa@gmail.com Posso contar contigo? Se não puderes, eu entendo. Obrigada



Greici Amaral

cieeee

riiiii

eu q tenho q fazer a redação???



Jane Petry da Rosa

Sim!! Não é bem uma redação. É só contares como a corrida entrou na tua vida



Greici Amaral

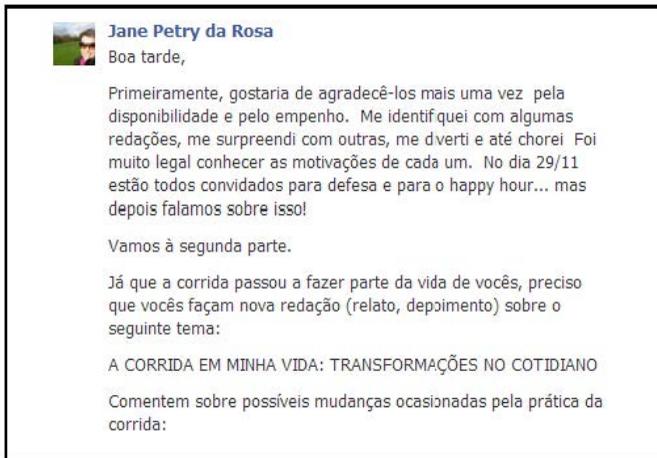
ta

Fonte: Acervo da pesquisadora

Estava delineada a “presença” dos corredores na pesquisa: monitoramento das postagens, anotações no caderno de campo e redações. Enviei vinte convites e dezoito se propuseram a participar. Destes, quinze escreveram a primeira redação. Foi uma experiência muito interessante. Os textos me surpreenderam e encorajaram. Apareceram inclusive narrativas poéticas. Esperei ansiosa a semana seguinte.

Na segunda semana, apliquei o princípio da continuidade cujos preceitos são baseados na necessidade do planejamento. Segundo esse princípio para que um exercício físico produza resultados deve ser praticado com determinada periodicidade e submetido a metodologias específicas. Entendi ser prudente “dar um tempo”. Não enviar tudo de uma vez. Deixar que eles “digerissem” os temas e se inspirassem para os próximos relatos. Também procurei uma temática que provocasse a continuidade do que havia sido registrado na primeira redação. O tema foi “A corrida em minha vida: transformações no cotidiano”. Pedia que comentassem sobre possíveis transformações ocasionadas pela prática da corrida de rua.

Figura 20 - Contato com os “amigos” da rede *facebook* informando o tema da segunda redação



Mudei hábitos alimentares?

Houve alteração nos costumes do dia a dia: sono, horários, Hobbies

A corrida alterou algo em minhas relações sociais? Conheci pessoas? Fosse a frequentar outros lugares?

Passei a consumir algo diferente depois que comecei a correr? (aquisição roupas, equipamentos, inscrições em eventos, medicamentos, revistas, livros, prática de outras modalidades para dar suporte à corrida, rotina nos finais de semana, etc....).

Ou seja, escreva sobre as possíveis mudanças que ocorreram após a corrida ser incorporada.

As perguntas são apenas pra dar uma ideia do que quero. Não é necessário respondê-las no texto. Apenas comentar sobre o assunto, exatamente nos mesmos moldes do primeiro relato.

Se conseguirem enviar até sexta, agradeço muito!

Não tenho palavras para expressar minha gratidão.

Muito obrigada!

Um abraço, Jane

Fonte: Acervo da pesquisadora

No dia que encaminhei o segundo tema, recebi três redações. Ao final da semana, eram treze. O período de envio do terceiro assunto, os “eventos”, coincidiu com a realização de muitas provas de corrida de rua. As pessoas se animaram e doze “candidatos” contaram suas experiências.

Figura 21 - Contato com os “amigos” da rede *facebook* informando o tema da terceira redação.



Jane Petry da Rosa

Boa tarde, queridos colegas corredores.

Estou aqui para informá-los sobre o último tema. Como chegamos ao final dessa etapa, já posso contar um pouco mais sobre a pesquisa. Bem, meu mestrado é em educação - linha educação e comunicação. Minha hipótese é que atualmente existem formas diferentes de educar - fora da educação formal (sala de aula, professor, livros, etc.). Dentre essas formas, entendo que as corridas de rua e os eventos de corrida (enquanto mídia alternativa) fazem parte desse novo modelo de educação. Por isso, esse tema é sobre os eventos. Não importa se você já participou de vários ou de poucos. O importante é tentar lembrar e colocar no papel o que sege:

OS EVENTOS E A CORRIDA:

Comente sobre a importância dos eventos de corrida de rua na sua motivação (eles te motivam? Ajudam a perseverar no esporte?)

Descreva sua preparação pré-evento - pode ser no dia anterior, na semana do evento... ou seja descreva possíveis mudanças que ocorrem com a proximidade do evento de corrida de rua.

Fale sobre os pontos positivos e negativos dos eventos dos quais participa/participou;

Bem, pessoal! Era isso. Se puderem gastar mais uns minutos comigo, agradeço. Tenho me divertido e me emocionado com as histórias de vocês. Gostaria de finalizar a coleta até o final dessa semana. Se conseguirem enviar até sexta ou sábado seria excelente.

Fonte: Acervo da pesquisadora

No terceiro tema, apliquei o princípio da especificidade que diz que o corpo deve ser estimulado com o próprio exercício da modalidade esportiva escolhida, ou seja, escolhi um tema que tinha envolvimento específico com uma das categorias da pesquisa e solicitei que os corredores comentassem suas vivências nos eventos. Ao final, quarenta redações e, finalmente, a participação dos corredores na minha maratona.



2.4 OS EVENTOS ESCOLHIDOS

A ideia de pesquisar os eventos de corrida ocorreu devido a minha proximidade com esse campo de estudos e a constatação de que os investimentos das empresas em publicidade estão migrando da propaganda convencional (em mídia impressa e eletrônica) onde há pouca ou nenhuma interatividade como o espectador/consumidor. Foi-se o tempo da passividade, do mero consumo da informação. Agora, as pessoas querem consumir algo em que possam interferir. Querem ser o público e o autor da obra ao mesmo tempo. Querem ver e se ver.

Aí entram os eventos, que permitem reunir diversas pessoas em um mesmo ambiente, criar uma atmosfera que incentive o relacionamento e consequentemente favoreça a exposição das marcas.

Outro fator que contribuiu para escolha dos eventos surgiu da convivência com os corredores. Entendi que corrida e eventos de corrida são complementares. Parece que um não existe sem o outro. Nas palavras dos corredores: – É preciso que haja o evento para que eu me motive a correr. – Preciso do evento para testar os meus limites. – Participo do evento para ver e ser visto.

Para este estudo foram escolhidos cinco eventos, quatro deles ocorreram em Florianópolis e um deles na cidade de Canela – RS.

Evento	Local	Data de realização
Meia Maratona Internacional de Florianópolis	Florianópolis	25 de março de 2012
<i>Mountain Do</i> Costão do Santinho	Florianópolis	06 a 08 de abril de 2012
<i>Mountain Do Canela</i>	Canela	05 de maio de 2012
Meia Maratona de Floripa	Florianópolis	17 de junho de 2012
Maratona Caixa de Santa Catarina	Florianópolis	29 de setembro de 2013

Com intuito de ser afetada de formas diferentes, resolvi experienciar cada evento de maneira distinta. A escolha foi intencional. Optei por provas que permitissem a análise das categorias escolhidas para pesquisa e para tanto utilizei alguns critérios de seleção: porte médio, acima de 1.500 participantes e infraestrutura com montagem de arena.

Nos dois primeiros (Meia Maratona Internacional de Florianópolis, Meia Maratona de Floripa – O2), fui espectadora, observei, fiz anotações, ouvi conversas, fotografei e filmei. Nos seguintes, ambos eventos da série *Mountain Do*, participei da organização. Fiz contato com a empresa promotora e sugeri uma troca. Eu e meus alunos ficaríamos responsáveis por dar apoio ao evento e o organizador nos permitiria acompanhar as fases do pré-evento, (planejamento, prospecção de patrocinadores, apoiadores e clientes e elaboração do projeto) e do pós-evento (avaliação e elaboração de relatórios). Fazer o evento acontecer, também chamado de transevento, era a nossa parte. E assim aconteceu. Foi uma maneira de “enxergar” os eventos por outro ângulo e ter percepções diferentes das que tinha até então. Minha última experiência foi como corredora. Inscrevi-me na prova de cinco quilômetros do evento Maratona de Santa Catarina. Essa visão por dentro da corrida permitiu complementar as visões anteriores, trocar experiências e deixar com que a corrida me afetasse.

São essas e outras experiências que compartilharei nos capítulos a seguir. Teremos como companheiros de percurso Bauman, Murakami, Magnani, Segalen, Canclini, Campbell, Douglas e Isherwood, Costa, dentre outros.

Nos capítulos um e dois visualizamos o percurso e realizamos o aquecimento. Daqui para diante serão necessários fôlego e disposição. No terceiro capítulo serão abordados os temas referentes às duas primeiras redações solicitadas aos corredores: “Como a corrida entrou em minha vida?” e “A Corrida em minha vida: transformações no cotidiano”.

Problematizo as questões que envolvem a liberdade de escolha e traço um paralelo entre as múltiplas oportunidades ofertadas aos consumidores e as cobranças da sociedade.

Apresento os relatos dos corredores sobre as motivações que os levaram a buscar a prática da corrida, comento sobre as relações entre a corrida e a sociabilidade e faço considerações à respeito do consumo.

3. COMO A CORRIDA ENTROU EM MINHA VIDA

Como a corrida entrou em minha vida? Esse foi o primeiro questionamento feito aos corredores que elaboraram os relatos que apresentarei a seguir. Não posso dizer que houve unanimidade, tão pouco apenas romantismo. Há conflitos e tensões permanentes entre as diversas respostas. A corrida como opção de vida, a corrida como uma obrigação, a corrida para preencher o tempo livre, a corrida como atividade física incorporada na rotina diária, a corrida como um sacrifício a ser superado, a corrida que desafia os limites do corpo, a corrida como atitude que provoca dor e prazer.

Vivemos muitas vezes com uma sensação de que há inúmeros conflitos a serem administrados em nosso dia a dia. Conflitos esses, provocados pela necessidade de ser saudável, “cuidar-se”, enquadrar-se em padrões estéticos, ser bem sucedido, dominar idiomas e tecnologias e ao mesmo tempo usufruir dos prazeres da vida, divertir-se, manter um círculo de amizades e “conexões sociais”. A prática da corrida conecta-se a esse bombardeio de formas de lidar consigo mesmo que aprendemos cotidianamente na cultura.

3.1 OPÇÃO CONSCIENTE OU PRESSÃO SOCIAL? CORRENDO ATRÁS DE QUE?

Ao observarmos anúncios publicitários, programas de TV e matérias veiculadas em jornais e revistas, nos deparamos com questões paradoxais, que por um lado, de maneira por vezes alarmista impulsionam para a adoção de hábitos considerados saudáveis e, por outro, supervalorizam comidas gordurosas e bebidas calóricas ou repletas de aditivos químicos. É o caso dos anúncios apresentados nas figuras 18 e 19 que contraditoriamente nos convidam à prática esportiva, aos cuidados com o corpo e nos chamam à forma física magra, jovem e sarada. Ao mesmo tempo, atribuem a alimentos pouco ou nada nutritivos, o poder do prazer, da sedução, do conforto e da felicidade.

Esse antagonismo também está presente em outras mídias, como a televisão, as revistas e os eventos. Dentre os temas mais comuns nos *reality shows* apresentados pela TV por assinatura estão a culinária e a atividade física. Vários programas exibem *chefs* de cozinha competindo para ver quem prepara o *cupcake* mais saboroso, a carne mais suculenta ou o melhor prato de massa. Há ainda os que nos “mostram” os melhores lugares para comer e beber no mundo, indicando restaurantes e pratos mais badalados.

Figura 22 - Campanhas publicitárias estimulando a atividade física



Fonte: Acervo de imagens da pesquisadora

Figura 23 - Campanhas publicitárias que relacionam a comida a atributos positivos



Fonte: Acervo de imagens da pesquisadora

O programa denominado “*Man v. Food*”¹² mostra a batalha entre um homem e porções gigantescas de comida: sanduíche, asa de frango, cachorro-quente, *milkshake*, entre outras. Apoiado por uma plateia ele come, come, come, suspira, enxuga o suor, parece desistir, respira fundo, come mais um pouco e quase sempre supera o desafio.

Figura 24 - Exemplos de programas que tem a comida como tema



Fonte: Acervo de imagens da pesquisadora

O desejo de degustar essas gostosuras ou sair correndo para a cozinha pode desaparecer em um clique. No canal vizinho encontramos “gordinhos” suando e chorando, submetidos a extenuantes programas de atividades físicas e dietas restritivas. O *show* chama-se *The Biggest Loser*¹³ e faz sucesso no mundo inteiro. De acordo com Chozick (2011) versões semelhantes foram produzidas em 25 países e exibidas em 90. Mais um clique e podemos nos deparar com a senhora Gillian McKeith, nutricionista escocesa, que comanda o programa “Você é o que você come”¹⁴. Ela coloca em uma mesa tudo que o participante comeu em uma semana e dá um discurso que fala de gordura, sal, açúcar, colesterol e diabetes. Há ainda os “nacionais” “Emagre,

¹² *Man v. Food* - Homem contra comida (tradução livre) - é uma série norte-americana, transmitida no Brasil pela Fox Life. Ver mais em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Man_V._Food

¹³ *The Biggest Loser* – O Maior Perdedor (tradução livre) é um programa de televisão no formato *reality show*. A versão original é transmitida nos Estados Unidos pela NBC e no Brasil transmitida pela *Discovery*. Os concorrentes são obesos e tentam perder peso em busca de um prêmio. Ver mais em: <http://goo.gl/aXIKgV>

¹⁴ *Você é o que você come* – Série de TV britânica, exibida no Brasil pela GNT. É um programa sobre emagrecimento.

Gordo!”¹⁵ e “Medida Certa”¹⁶, que sempre apresentam “mágicas” para que a pessoa perca peso em um tempo exíguo.

Figura 25 - Exemplos de programas que tem a perda de peso como tema



Fonte: Acervo de imagens da pesquisadora

De acordo com o site da rede britânica de notícias BBC (2012), os membros da Academy of Medical Royal Colleges (AoMRC), uma das principais associações de saúde pública da Grã-Bretanha, questionaram a presença de patrocinadores como *Cadbury*¹⁷, *McDonald's* e *Coca-Cola* nas Olimpíadas de Londres e suscitaram um debate nacional sobre a associação de marcas de *junkfood*¹⁸ aos esportes. Eles pediram a restrição desse tipo de publicidade em grandes eventos esportivos, sob a alegação de que essa propaganda incentiva o ganho de peso. Segundo os especialistas da AoMRC, milhões de pessoas podem fazer a correlação entre essas marcas e os atletas vitoriosos.

¹⁵Emagrece, Gordo! - é uma série veiculada exclusivamente na web, que mostra o dia a dia de um obeso que deseja emagrecer 30 quilos em seis meses.

¹⁶ Medida Certa - é um quadro do programa Fantástico exibido pela Rede Globo de Televisão que mostra celebridades que buscam perder peso e ter uma vida mais saudável.

¹⁷*Cadbury* é uma empresa britânica de confeitos fundada em 1824 e baseada em Londres, que distribui a marca Adams no Brasil. Ver mais em: <http://goo.gl/HrbwO2>

¹⁸*JunkFood* ("comida lixo", numa tradução literal do inglês), também coloquialmente traduzida como, "porcaria" ou "besteira", é uma expressão pejorativa para "alimentos com alto teor calórico, mas com níveis reduzidos de nutrientes".

Figura 26 - Propaganda contra o patrocínio das marcas de junkfood nas Olimpíadas de Londres



Fonte: <http://goo.gl/5VDJbK>

Esses exemplos contraditórios, encontrados na cultura, sobre como devemos nos comportar com relação à saúde e à alimentação tem o intuito de questionar a “opção” pelo estilo de vida saudável e demonstrar a “pressão” que sofrem os que estão fora dos padrões estéticos aceitos pelo senso comum. Eles são considerados os únicos responsáveis pelo modo de vida que “escolheram”. Nesse sentido, Bauman (2001) destaca:

[...] são homens e mulheres individuais que às suas próprias custas deverão usar, individualmente, seu próprio juízo, recursos e indústria para elevar-se a uma condição mais satisfatória e deixar para trás qualquer aspecto de sua condição presente de que se ressintam (p. 155).

Berman (1986) entende que as múltiplas revoluções experimentadas pela sociedade influenciam a vida das pessoas e geram necessidades de adaptação, de movimento, de poder e de sobrevivência.

[...] em tempos como esses, ‘o indivíduo ousa individualizar-se’. De outro lado, esse ousado

indivíduo precisa desesperadamente “de um conjunto de leis próprias, precisa de habilidades e astúcias, necessárias à autopreservação, à auto-imposição, à auto-afirmação, à autolibertação” (p. 21).

São apresentadas aos indivíduos infinitas oportunidades e uma série de ordens. Nas capas de algumas revistas de corrida encontramos diversas expressões com verbos no imperativo: vença a preguiça, derreta a barriga correndo, perca 5 kg, fique em forma, comece a correr. A mistura da liberdade de escolha com as imposições favorece o surgimento de um estado de ansiedade e incertezas. No livro “A Sociedade Individualizada”, Bauman (2008a) usa o termo paralisia da vontade, que nesse contexto parece adequado para demonstrar que essas imposições podem provocar certa estagnação no que as pessoas efetivamente desejam para suas vidas.

Figura 27 – Capas da Revista *Runners*



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora

A capa da revista O2 é uma representação clássica das contradições e das constantes mudanças entre o que é melhor e pior, entre o que faz bem e faz mal. Num ano o chocolate é vilão, no outro é mocinho. Hoje o melhor exercício para perder peso é o squash, amanhã é pular corda.

Figura 28 – Capa do Suplemento Especial sobre perda de peso e nutrição da Revista O2



Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora

O médico e professor Francisco Ortega (2003) escreveu o artigo “Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades” no qual revela que o corpo e a comida postam-se, atualmente, no lugar ocupado pela sexualidade durante boa parte dos séculos XIX e XX como fonte potencial de ansiedade e de patologia. Segundo ele o tabu se deslocou da sexualidade para o açúcar, as gorduras e as taxas de colesterol. “O corpo e o *self* são modelados pelo olhar censurante do outro. O resultado é a constituição de um indivíduo responsável que orienta suas escolhas comportamentais e estilos de vida para a procura da saúde e do corpo perfeito” (p.64).

O autor também problematiza a questão do alimento *versus* hábitos saudáveis, citando os distúrbios alimentares como a anorexia, a bulimia, as distimias e as depressões como “testemunhas” da dificuldade de encontro com o fracasso que seria experimentado caso não fosse atingido o ideal de corpo bronzeado, malhado, sarado e siliconado.

Como as pessoas vivem e fazem escolhas em meio a essas contradições e imposições sociais? Bauman (2008a) entende que a sociedade é uma fábrica de significados e que a cultura “é a atividade de fazer distinções, de classificar, segregar, marcar fronteiras – divide as pessoas unidas internamente pela similaridade e separadas externamente

pela diferença; e de diferenciar os alcances de conduta atribuídos aos humanos alocados nas diferentes categorias” (p.46).

Os significados atribuídos pela sociedade aos que optam por modos de viver “saudáveis” referem-se, na maioria das vezes, a algo que exige renúncias, sacrifícios, mas que apresenta como recompensas um “ser superior”, um “super homem” que é capaz de resistir aos apelos da comida, da bebida, das noitadas e da diversão. É aquele que acorda cedo, malha, cuida dos filhos, trabalha, dá conta de tudo e ainda aparece sorrindo nas fotos postadas nas redes sociais. Por outro lado, a pessoa que se permite determinados prazeres ou que não segue as prescrições sociais, culturais e políticas é, muitas vezes, tachada de desleixada, preguiçosa, alguém que não se cuida, não se valoriza, não consegue lutar pela vida, é facilmente seduzida pelos “prazeres mundanos”.

Ainda que existam atividades que auxiliem o ser humano a buscar o equilíbrio e a estabilidade, o apelo mais forte é aquele que nos leva a cometer excessos. Tais extremismos são creditados por Bauman (2008b) às exigências da sociedade:

[...]diferentes categorias de pessoas são aliciadas, estimuladas ou forçadas a promover uma mercadoria atraente e desejável. Para tanto, fazem o máximo possível e usam os melhores recursos que têm a disposição para aumentar o valor de mercado dos produtos que estão vendendo. E os produtos que são encorajados a colocar no mercado, promover e vender são elas mesmas. São, ao mesmo tempo, os promotores das mercadorias e as mercadorias que promovem. São simultaneamente produto e seus agentes de marketing, os bens e seus vendedores. (p.13)

Isso nos impele a acreditar que uma mercadoria com “estilo de vida saudável” é um produto com maior valor de venda do que outro que não contém as mesmas características. Do mesmo modo, alguém com habilidades tecnológicas, capaz de expressar-se em vários idiomas ou com um currículo repleto de experiências exitosas têm sua cotação elevada no mercado. Não é objeto deste trabalho discutir o uso que as pessoas fazem do seu tempo livre. O que por ora tentamos problematizar é a questão que envolve a liberdade de escolher o que fazer no tempo livre. Talvez as demandas de qualificação do trabalhador, as necessidades de consumo a ele impostas e os modelos de “sucesso” e de “vida feliz” façam com que as escolhas sejam

direcionadas a fim de atingir este ou aquele padrão, fazer parte desta ou daquela casta ou ainda, simplesmente, sobreviver.

Magnani (2003) afirma que:

A situação do tempo livre assumiu lugar privilegiado na atual agenda: o volume, alcance e sofisticação das inúmeras formas por meio das quais se utiliza aquela parcela de tempo liberado das obrigações socialmente determinadas fazem do lazer tema de reflexão sobre o próprio significado da sociedade contemporânea, sobre as possibilidades que abre e os impasses que acirra. (p.11)

As possibilidades e impasses estão ligados, justamente, à seleção das atividades que farão parte dos momentos de lazer. Será que existe essa liberdade? Será que o olhar censurante do colega relatado por uma corredora que consumiu um refrigerante, a capa da revista “Boa Forma”, o programa “Medida Certa” do Fantástico, permitem escolhas? Ortega (2003) acredita que esses momentos puros de lazer não existam mais. Para ele, a visão da esfera do trabalho e do lazer como independentes e excludentes foi deslocada pela ideologia do *fitness*, onde trabalho e lazer se confundem. Para ilustrar essa situação, utiliza-se de uma frase popular nas academias: “é preciso sofrer se distraindo”.

Na visão de Bauman (2008b), o medo da obsolescência ou de cair em desuso foram os responsáveis pela corrida aos salões de beleza, pelo aumento no consumo de cosméticos e pelo crescimento do número dos praticantes de atividades físicas. Segundo ele, “as pessoas em busca de trabalho precisam ser adequadamente nutridas e saudáveis, acostumadas a um comportamento disciplinado e possuidoras das habilidades exigidas pelas rotinas de trabalho dos empregos que procuram” (p.15). O registro das postagens realizadas pelos sujeitos desta pesquisa em páginas de redes sociais, dentre elas o *facebook*, demonstram corredores “vendendo” sua imagem de determinação, foco e disciplina. Os relatos são fruto de uma experiência consumada e entendida por eles como algo que merece ser colocado em evidência: correr antes do trabalho, trocar a balada pela corrida, correr independentemente do clima, acordar cedo em um domingo de muito frio para participar de um evento de corrida.

Figura 29 – Postagens no facebook onde os corredores demonstram seu “estilo de vida”

Fernanda Scussel
há 3 horas

Balada é pera os fracos! Os fortes correm sábado à noite! ☑



Curtir · Comentar · Compartilhar

Marcio Leeds
28 de julho próximo a Florianópolis

Acordar hoje as 6h da manha não foi fácil...8 graus...vontade de ficar dormindo era grande...mas como recompensa veio o resultado da prova Track and Field...quebrando o record...tempo líquido 00:49:43....uhuuu!!! consegui baixar de 50 minutos os 10KM...só alegria...valeu galera!!!!ESSS Runners em poucas semanas estaremos em Buenos Aires Participando da Meia Maratona Internacional...vamonos

Curtir · Comentar · Compartilhar 73

Carla Moreira, Tatiana Cherem de Souza, Ale Moreira Chaves e outras 70 pessoas curtiram isso.

-  **Luiz Afonso Athayde** Parabéns amigo! Já to na torcida!
28 de julho às 20:51 · Curtir · 1
-  **Dagmar Moreira** Ter 1 primo atleta é outra coisa. Bjus
28 de julho às 20:57 · Curtir · 1
-  **Vanessa Cristina Amaro Rocha** Parabens !!!!!!!
28 de julho às 21:07 via celular · Curtir · 1
-  **Maria Fernanda Vaz** Parabéns Mardinho! Um dia chego lá!
28 de julho às 21:17 via celular · Curtir · 1
-  **Elnai Freitas Schutz** e dizer que esse meu amigo era todo podrezinho... Parabéns!!!!
Precisamos marcar uma com os estrelas: Karina Karyna Pereira, Mariana LP, Riba Ribas...
28 de julho às 21:21 · Curtir · 3
-  **Maykell Machado** Parabens
28 de julho às 22:44 via celular · Curtir · 1
-  **Frederico Gendorf** A desculpa de não treinar por 2 semanas é para poupar energia?
Parabéns pelo empenho!
29 de julho às 07:35 · Curtir · 1

 **Roberto Oliveira Otero**
22 de setembro

O esporte não pode parar. Vamos em busca da batida perfeita. Com SOL ou CHUVA!!!
Corridinha de 21km na chuva para lavar a alma!!! — com Ricardo Brandt e Marcius Vinicius em Parque de Coqueiros.



 **Ana Paula Mendes**
22 de março via celular

Abençoada é aquela que acordou às 5:30 pra correr na beira mar e viu o sol nascer; 3h já tá trabalhando feliz da vida! Vica boa não é pra quem pode, é pra quem quer!!! Bom dia atletas!

Curtir (desfazer) · Comentar · Compartilhar 👍 41

 **Schirlei Casas** Também fiz isso. Sai de casa feliz da Vida!!!!
22 de março às 13:45 · Curtir · 🔄 1

 **Jaime Brant** Parabéns Ana Paula...
28 de abril às 12:19 via celular · Curtir

 **Marcius Vinicius** Showwww!
20 de abril às 12:41 · Curtir

 **Sabrina Tesch Delorto** preciso seguir seu exemplo rs
11 de março às 00:14 · Curtir · 🔄 1

 **Gustavo Laus** sensacional aninha!
25 de março às 12:29 · Curtir

 **Vanessa Duwe** Um dia eu consigo per: acin Ana Paula Mendes . Acordar às 5h30 para correr, é só para os fortes...rsrsr
25 de março às 12:52 via celular · Curtir · 🔄 1

Fonte: Acervo Pessoal da Pesquisadora

As redes sociais são espaços virtuais através dos quais o usuário pode juntar pessoas do seu círculo de relacionamentos, conhecer outras

que compartilhem os mesmos interesses e discutir temas variados, construindo diferentes elos entre os “eus” privado e público. Segundo Fantin e Rivoltella (2010) “isto implica que as mídias não são apenas um interesse particular, mas tornam-se o espaço social e cultural entre os quais acontecem as nossas práticas individuais e também sociais” (p.12). Elas são usadas pelos corredores para combinar treinos, compartilhar reportagens, vender produtos, marcar encontros e comemorações. No entanto, o principal uso, relativo ao ato de correr, é voltado para exposição de fotografias relacionadas aos treinos e provas de corrida, que sempre vêm acompanhadas de textos sobre a distância percorrida, observações sobre os eventos e os percalços que valorizam ainda mais as conquistas, todos à espera dos comentários dos “amigos virtuais”.

Felinto (2002) comenta que, no mundo virtual, a identidade passa a ser fruto de um processo de construção intencional e, desse modo, os sujeitos teriam total liberdade na reelaboração de suas personas. “O sujeito passa a ser criador de si mesmo: demiurgo que produz não apenas novos mundos e seres, mas que também pode recriar-se indefinidamente” (p.22). Rompe-se assim com o paradigma da identidade única e determinada, que busca “com a modernidade classificar cada um no seu lugar, colocar uma etiqueta e catalogar. A identidade passa a metamorfosear-se, aparecer em sua multiplicidade, evidenciando o ser complexo dos novos tempos, fragmentado” (p.22).

Figura 30 – Postagens no facebook onde os corredores demonstram seu



O espaço virtual passa a ser uma forma de mercado identitário, de exibição de “modos de viver”. Um local onde os produtos culturais e modismos determinam modelos de realização e valorizam determinados comportamentos. Bauman (2008b) acredita que inventores e promotores das redes eletrônicas tocaram uma corda sensível – ou um nervo exposto e tenso que há muito esperava o tipo certo de estímulo.

Eles podem ter motivos para se vangloriar de terem satisfeito uma necessidade real, generalizada e urgente. E qual seria ela? No cerne das redes sociais está o intercâmbio de informações pessoais. Os usuários ficam felizes por revelarem detalhes íntimos de suas vidas pessoais e por compartilharem fotografias”. De acordo com ele, a “morte social” está à espreitada dos que ainda não se integraram na cultura do “mostre e diga”(p.8).

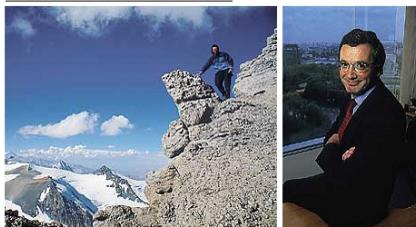
Como em todas as escolhas citadas acima, a opção pela corrida também opera com alternativas limitadas. Para muitos, a corrida não é uma prática que preenche o tempo de lazer ou o tempo livre, aparece sim como uma necessidade. A necessidade de cuidar da saúde, de encaixar-se em padrões estéticos, de reconstruir a identidade, de construir modos de viver e de encontrar um tempo para si. O desejo de estar em contato com a natureza, de conhecer pessoas, de entreter-se, de compartilhar experiências e de estabelecer redes de sociabilidade. De acordo com Magnani (2003), a necessidade pode ser, inclusive, adequar-se a “padrões de comportamento homogêneos e massificantes pela ação dos media, instrumentos de alienação a serviço da ideologia dominante” (p.26).

É o que observamos nas matérias publicadas no jornal “Zero Hora” (2013) e na revista “Veja” (2000). Ao analisarmos o conteúdo de tais reportagens, percebemos uma tentativa clara de correlação entre o sucesso e o cuidar-se. Ter tempo para si. Pensar em si. Cuidar de si. Tirar o máximo do “eu”.

Figura 31 – Recortes de matérias publicadas pela Revista Veja (2000) e pelo Jornal Zero Hora (2013)

O lado forte da economia

Enquanto 70% dos executivos são sedentários, um grupo de empresários concilia sucesso nos negócios com atividades esportivas da pesada



ROBERTO WAACK
40 anos, 82 quilos, 1,85 metro

VIDA EMPRESARIAL
CARGO: diretor da divisão de produtos veterinários da Boehringer Ingelheim
CARGA SEMANAL DE TRABALHO: 60 horas
ROTINA: é um dos principais executivos da multinacional que lucrou mais de 20 milhões de dólares no ano passado

VIDA ESPORTIVA
MODALIDADE: alpinismo
CARGA SEMANAL DE TREINAMENTO: 10 horas
ROTINA: seu currículo de aventuras inclui a escalada do Everest, no Nepal, e do Kilimanjaro, na África



EDUARDO SOUZA RAMOS
40 anos, 82 quilos, 1,85 metro

VIDA EMPRESARIAL
CARGO: presidente da Mitsubishi Motors no Brasil
CARGA SEMANAL DE TRABALHO: 55 horas
ROTINA: representa a marca no Brasil e dirige a fábrica, que produz 8 600 carros por ano

VIDA ESPORTIVA
MODALIDADE: iatismo
CARGA SEMANAL DE TREINAMENTO: 10 horas
ROTINA: é comandante de barco de vela oceânica, a maior e a mais complexa classe do iatismo

Profissionais bem-sucedidos e com agenda cheia contam com conciliar trabalho e atividade física

Mesmo com dezenas de reuniões e viagens marcadas, executivos dão exemplo e garantem: só é sedentário quem quer



Natação é um dos esportes praticados por Osório. Foto: Marcelo Oliveira / Agência FOD

COMECE AGORA

- 1** Identifique uma atividade física que você goste, pois só com prazer na prática do exercício será possível perseverar.
- 2** Organize sua rotina de exercícios como uma parte do seu projeto de vida. Cuidar da saúde faz parte do seu trabalho, do seu dia a dia. Você não pode se exercitar somente quando sobra tempo.
- 3** Quando possível, pratique atividades em grupo. Além de ser estimulado pelos demais, você também estará formando uma rede de relacionamentos, que pode ajudar até mesmo no desenvolvimento da sua carreira profissional.
- 4** Articule politicamente em família a sua decisão de praticar atividade física. Muitos executivos desistem por pressão da esposa ou dos filhos, que demandam a presença de marido e de pai em casa. Terça uma boa conversa familiar, explicando que a sua saúde interferirá no seu desempenho profissional e que isso tem que ser uma prioridade de todos.

Fonte: Rafael Souza, consultor de carreira.

Fontes: <http://goo.gl/wfWqC5> e <http://goo.gl/Tbxc8>

Embora isso não tenha aparecido objetivamente nos relatos dos corredores, tenho anotadas em meu caderno de campo várias passagens que demonstram a importância atribuída ao que Ortega (2003) chama de cuidados com o *self*. Os diálogos que seguem ocorreram durante os treinos que realizei com o grupo de corrida.



Treinadora: - Olá, quanto tempo! Resolveu voltar a correr?

Aluna: - Sim. O frio, as chuvas e o excesso de trabalho me deixaram um pouco desanimada.

Treinadora: - E agora, empolgada?

Aluna: Na verdade necessitada. Encontrei com uma amiga hoje cedo e ela me perguntou quando eu iria conhecer sua academia de ginástica, recém-inaugurada. Eu falei que estava sem tempo e aí veio a pergunta em forma de cobrança: Como assim? Não estas fazendo nada? Não te cuidas? Foi aí que pensei: Cuido-me sim, vou ao salão (de beleza), me alimento bem, durmo bem, só não tô tendo tempo pra correr. Quando cheguei em casa, me olhei no espelho e disse: chega de desculpas ela também é casada, também tem filhos, também trabalha. Se ela pode, também posso. Isso bastou para eu colocar a mão na consciência e criar vergonha na cara.



Treinador: - Boa noite, e aí, pronto pro treino?

Aluno: - Sim, sim. Só espero que o treino não seja muito pesado hoje, nem olhei a planilha pra não desanimar.

Treinador: - Aconteceu alguma coisa?

Aluno: - Estou cheio de trabalho na empresa, funcionário doente, máquina quebrada, cliente pressionando, tudo atrasado, mas eu não poderia deixar de vir, né? Nem sei que horas vou dormir hoje, mas isso aqui é sagrado. É a única coisa que faço por mim, se eu não vier, eu piro.



Treinadora: - Oi atleta.

Aluna: - Ihhh! Até você. O pessoal lá no trabalho não para de pega no meu pé. Agora me chamam de atlelinha. É que no final do expediente eu troco de roupa pra vir pra cá. Hoje eu ia passar em casa antes de vir e por isso não troquei. Eles ficaram me cobrando, perguntando se eu ia "matar". Eles também controlam o que eu como, o que eu bebo e eu tenho sempre que explicar que sou uma pessoa normal, mas que me cuida.

Eu: - Mas eles falam em tom de brincadeira?

Aluna: - Tem gente que debocha. Outro dia tomei um Sprite e o cara recriminou, falando que atleta não toma refrigerante. Mas tem muita gente que vem perguntar como eu faço para trabalhar, cuidar da casa, dos filhos,

estudar e correr. Eu acho o máximo. Tem alguns que perguntam se o meu marido não fica brabo quando eu viajo para participar das provas em outros lugares. Eu não ligo. Respondo tudo. Acho que no fundo eles queriam ser como eu.

As transcrições dos diálogos do meu caderno de campo demonstram que as pessoas passaram a criar ou reproduzir seus modos de viver a partir de necessidades que surgiram em torno de pressões sociais. Mas será que essas pressões moldam todos os comportamentos? Será que somente obrigações sociais fariam da corrida um dos esportes mais praticados no Brasil e no mundo? Nos relatos dos corredores são frequentemente atribuídas à prática da corrida as palavras satisfação, felicidade, superação e alegria. O que me motivou a trazer este debate para a dissertação foi o fato de ter passado todo o tempo destinado à pesquisa com uma pergunta para a qual não encontrava resposta: Por que afinal as pessoas correm?

Questões envolvendo os esforços necessários para viver bem essa vida finita são discutidas por Murakami (2010) e Bauman (2008a). Murakami entende que o ato de correr esteja, para a maioria dos corredores, vinculado à necessidade de viver melhor, usufruir a vida no limite.

As pessoas às vezes zombam de quem corre todo dia, alegando que é uma tentativa desesperada de viver mais. Mas não acho que esse seja o motivo pelo qual a maioria corre. A maioria dos corredores corre não porque queira viver mais, mas porque quer viver a vida ao máximo. Se você quer desfrutar os anos, é muito melhor vivê-los com objetivos claros e plenamente vivo do que numa bruma, e acredito que correr ajude a fazer isso. (p.73)

Bauman (2008a) também traz à tona questões relacionadas à finitude. De acordo com o autor, o fato de conhecermos a mortalidade faz com que desejemos transcender. Para ele, isso pode ocorrer de duas formas: forçar a vida a deixar traços mais duradouros do que aqueles que os deixam, ou o desejo de provar este lado do limite das experiências “mais fortes do que a morte” da vida transitória.

A sociedade “capitaliza” essa energia, suga seus sucos vitais desse desejo, desde que ela consiga fazer com exatidão o que é preciso: fornecer objetos verossímeis de satisfação, sedutores e dignos de confiança para instigar esforços que “façam sentido” e dêem sentido à vida; esforços que consumam suficientemente a energia e o trabalho para assim preencherem a duração da vida; e variados a ponto de serem cobiçados e perseguidos por todas as posições e condições sociais, sem se importar quão pródigos ou escassos sejam seus talentos e recursos. (p. 9)

Seja pelo desejo da experiência, da transcendência ou simplesmente a maximização do “eu”, Murakami (2010) acredita que “não existe muita gente disposta a sair de sua rotina para adotar determinados hábitos enfadonhos quando não tem necessidade” (p.41). Esta afirmação parece fazer parte da história de alguns dos corredores que participaram da pesquisa. Eles começaram suas redações expressando os sentimentos ruins que nutriam pela corrida ou contando as frustrações ocasionadas pelas primeiras experiências.



Nunca me passou pela cabeça correr! Achava muito difícil, quase impossível. Requeria tanto esforço, que não me sentia capaz.



Sempre fui uma pessoa apaixonada por esportes, principalmente os coletivos. Pratiquei voleibol, handebol e basquetebol, sendo esse último praticado até depois de concluir a universidade. A corrida, até então, era apenas parte dos treinos físicos, e sempre considerei a parte mais chata do treinamento.



Por incentivo de alguns amigos, tentei a corrida, uma, duas, três vezes... perdi as contas de quantas vezes comecei e desisti. Considerava cansativo demais, solitário demais, fastidioso demais.



(...)até que minha irmã e minha sobrinha começaram a falar de seus treinos de corrida. No início achei que não seria interessante, que deveria ser monótono, pois

algumas vezes já havia corrido, mas sempre sozinha, ou algumas vezes em academia, na esteira, realmente nada motivador.



A corrida sempre me pareceu algo impressionante e assustador. Principalmente ao observar os corredores de grande distância, como os maratonistas e ultramaratonistas. Ao assistir eventos de corrida o primeiro pensamento referia-se à insanidade daquelas pessoas em fazer tamanhas distâncias correndo e, por consequência, tinha grande respeito àqueles grandes atletas. Em virtude disso, nunca tive pretensão em correr(...)



(...)não gostava de ser escrava dos horários da academia e fui tentar a corrida como tentei tantas outras atividades, certa de que dois meses depois eu ia enjoar e procurar alguma outra coisa. Lembro até hoje que uma amiga me iniciou na corrida, corríamos dois minutos e andávamos um, e eu quase morri! Achei que jamais iria conseguir, me senti uma fracassada.



Então, comecei a correr a contragosto, apenas para deixar a consciência tranquila, uma vez que achava algo sem graça e até patético.



Comecei a me perguntar o que poderia fazer que não dependesse de mais ninguém, mas unicamente de mim. Logo veio a corrida a cabeça. Mas particularmente, sempre achei muito chato correr de um lado para outro, mas me vendo sem muita opção, resolvi encarar. Afinal, via tanta gente correndo e fazendo as provas, que não poderia ser tão ruim como achava.

Quem lê apenas partes dos relatos apresentadas acima pode não acreditar que todas essas pessoas incorporaram a corrida em sua rotina. Mas como isso aconteceu? Quais os motivos que fizeram com que eles decidissem praticar uma atividade que consideravam chata, assustadora e enfadonha?



3.2 NECESSIDADE VONTADE, NECESSIDADE DESEJO...

As razões que fizeram com que os participantes da pesquisa optassem pela corrida estão ligadas, principalmente, a questões que envolvem estética e saúde. Porém, também foram encontradas motivações relacionadas à sociabilidade, ao tempo (livre, cronológico, consigo mesmo) e ao lazer. Selecionei algumas frases escritas pelos corredores para ilustrar as razões da escolha da corrida como atividade física: correr para suar, correr para servir de exemplo, correr para organizar as ideias, correr para emagrecer, correr para encontrar pessoas, correr para superar limites, correr para ter um tempo comigo, correr para conhecer lugares e fazer amigos.

No trabalho de Palhares et al (2012), que estudou o perfil e as preferências dos praticantes de corrida de rua, foram encontradas motivações semelhantes. As principais razões para adesão à corrida foram: saúde, lazer, peso, autoestima, estresse, ar livre e socializar. Já Augusti e Aguiar (2011) concluíram que o sucesso da corrida de rua e o lugar de destaque que ocupa dentre as práticas culturais urbanas na atualidade são decorrentes de diversos fatores, que podem ter como causa tanto a sua popularização quanto a sua elitização. Para eles a corrida preenche a lacuna de uma possível associação entre vida saudável e competitividade.

Como manifestação cultural tipicamente urbana, a corrida de rua não se tornou um atrativo para a sociedade moderna apenas e unicamente por ser transformada em valor mercadológico pelo capital e seus vínculos com a mídia. Muito mais do que isso se trata de uma atividade livre, incerta, improdutiva e fictícia que, apesar de delimitada e regulamentada, proporciona a fuga da realidade. Trata-se, portanto, de um jogo, algo lúdico que encanta, persuade e arrebatava (p.1).

Souza, Gomes e Albergaria (2012), também pesquisaram as causas da adesão à corrida e apresentaram os resultados no artigo “Motivação para a prática da corrida de rua. De acordo com o estudo, a principal razão foi a melhora da saúde, seguida do incentivo dos amigos e da simples diversão. No mesmo trabalho, as autoras demonstram os principais objetivos dos corredores, que, de uma certa forma, vão ao encontro das motivações apresentadas pelos corredores que participaram

deste estudo: melhora da saúde, estética (emagrecimento), melhoria do condicionamento físico, desafio, superar limites, lazer, bem estar, alegria de estar com amigos, diversão e satisfação.

Nos quadros abaixo, apresento trechos dos relatos dos corredores que participaram da pesquisa. Percebo que para alguns a escolha da corrida é uma opção consciente, cujo intuito é melhorar a qualidade de vida. Outros parecem ter sucumbido à questão da padronização e imposições sociais.



Quando se é criança, o tempo é um aliado fiel, escudeiro de seus aprendizados, corre manso, não desvia o curso.

Na adolescência, os pensamentos apressados e os hormônios em turbilhão, costumam acelerar os passos e, chegam mesmo a atropelar a sequência da trilha.

Então, nesse momento, correr parece perda de tempo, desperdício de energia, o potencial que você ainda não sabe que tem, te vence pelo esforço que você não quer fazer.

Depois, a vida adulta te impõe uma corrida veloz contra o tempo, aquele mesmo que era seu aliado no começo de tudo, lembra?

As responsabilidades, o trabalho, a capacitação profissional, as mudanças de rota, o casamento, os filhos, a família...Ufa!! A realização dos sonhos consome muito tempo! Que correria!

Assim, quando me dei conta, já estava correndo, mas não como esporte ou válvula de escape para meu bem-estar pessoal e, sim, como forma de sobrevivência ao passar do tempo.

Na verdade, escolhi correr porque precisava dele: do tempo!

Tempo para mim, para minhas ideias, para o meu corpo, tempo que me fizesse pensar em horas, não em frações de segundos.

Parece um contrassenso, mas para mim não!



Bem, por uma série de fatores, acabei na corrida! Penso que primeiramente tinha em mente saúde, depois satisfação com o exercício. Fui motivada por reportagens e programas de TV que enfatizam e aconselham a ter uma velhice com saúde e retardar o envelhecimento precoce

das articulações. As facilidades da prática deste esporte me levaram a tentá-lo. Também vale ressaltar, a insistência de uma amiga que tinha descoberto a corrida, o que tinha mudado a vida dela.



Eu corro porque gosto, corro por hobby. Corro, pois a atividade física sempre fez parte da minha vida. A corrida veio para me ajudar a superar meus medos, para provar que eu poderia persistir que eu era capaz de ter uma prática regular, incorporada a minha rotina. Corro para criar permanências, para sustentar um estilo de vida que desejo que também seja seguido pela minha família.



Em fevereiro/2010, formei-me em Direito e, com mais tempo, comecei a frequentar academia. Em meados de outubro/2010, fiz um check-up médico que resultou num puxão de orelha por parte do meu gastro com relação ao açúcar no sangue (glicose). Disse-me que se continuasse como estava, sem exercício aeróbico, ganhando peso, correria o risco de me tornar diabético. Nessa época pesava uns 86kg - tenho 1,72m. Diante de tamanha pressão, resolvi conversar com meu instrutor na academia, Frank Frigo, ex-triatleta, que começou a convidar os alunos para correr na beira-mar de São José.



Nos últimos 7 anos, tive várias tentativas frustradas de emagrecer e voltar a fazer exercícios regularmente. Nesse tempo, assistia algumas reportagens ou lia algumas entrevistas de pessoas que haviam mudado suas vidas através da corrida. Uns conseguiram parar de fumar, outros voltavam de um tratamento contra o câncer, alguns buscavam a superação de seus limites e uma boa parte deles, tinha emagrecido com a corrida. Apesar de ter muita admiração por essas pessoas, ainda não tinha conseguido me estimular o bastante para adquirir novos hábitos, pois continuava achando a corrida algo chato e maçante demais.

Em meados de 2012, um amigo que é sócio de uma assessoria esportiva me ofereceu uma semana grátis de treinamento para ver se eu me motivava e correr atrás do meu maior objetivo, que era a perda de peso. Foram quase 3 meses de treino, intercalando a caminhada e a corrida

e, mais uma vez, acabei desistindo. Naquele momento, não me identifiquei com a modalidade e acabei arranjando mais desculpas para não seguir adiante.

Passaram mais uns meses, e logo chegaram as festas de final de ano. Minha resolução de ano novo era a de que mudaria meus hábitos e me tornaria sim uma pessoa fisicamente ativa com o mesmo prazer que eu sentia na época de atleta. A perda de peso seria uma consequência dessa minha nova atitude. Foi então que, em 1º de janeiro de 2013, dei o primeiro passo rumo a uma nova vida. Férias, família reunida e eu indo caminhar de 3 a 4 vezes por semana, rejeitando os sorvetes, peixes fritos e os quitutes maravilhosos de verão. Com o passar dos tempos, eu ia introduzindo alguns minutos de corrida no meu percurso, até que me matriculei oficialmente na assessoria esportiva do meu amigo. Também me inscrevi em outro grupo de reeducação alimentar, e em 10 semanas, havia eliminado 9 kg.



(...)Minha namorada, pessoa à qual mais dedico tempo, não pratica nenhum esporte. Com a corrida, então, passei a ter "algo meu", um tempo "só pra mim". No início, ela me acompanhava nos treinos pedalando (em provas ela costuma me acompanhar). Mas, no geral, a corrida é um tempo só meu. É bom, pois é um compromisso comigo mesmo, apenas. Não tenho obrigações com outros.



Eu sou uma pessoa que sempre conviveu com o sobrepeso, fui uma criança gordinha, adolescente obesa e na fase adulta, fiz a cirurgia de redução de estômago aos 21 anos. Usei o processo da cirurgia a meu favor e mudei radicalmente meu estilo de vida e, com isso, precisei ir em busca de uma atividade física que eu gostasse, que me desse vontade de fazer, que me envolvesse, que a motivação fosse além da necessidade de manter a forma. Tentei de tudo... academia, musculação, aula de *bike*, boxe, aula de dança... Busquei então um plano de corrida de uma revista e comecei a cumprir os treinos com toda disciplina. Foi muito difícil, mas o sentimento de frustração começou a dar lugar a um sentimento de conquista, de superação, mesmo que isso significasse conseguir um minuto a mais. Comecei a correr sozinha, que é como eu gosto até hoje, e fui aos poucos descobrindo os prazeres de correr. O corpo responde muito rápido, mas acredito que quem mais se beneficia é a mente da gente. Existe prazer em correr!

Comecei a me envolver por esse sentimento que a corrida despertava em mim, pelo fato de eu não precisar de ninguém, não ter horário fixo, não ter que ir à academia: eu só dependo da minha vontade, o horário que for, o lugar que for. Aos poucos fui me sentindo mais confiante, os intervalos entre os tempos de corrida começaram a desaparecer e eu fui me sentindo uma vitoriosa em cada corrida.



Sem que eu percebesse eu já sentia falta do dia que não conseguia treinar!! Mais que isso, meu corpo sentia. E cada vez mais, ter um treino pra fazer era algo normal na minha rotina, e não preciso mais ficar pensando, "ah preciso treinar hoje". O fato de eu parar de pensar na corrida como um peso na minha rotina, fez toda a diferença.

Hoje eu corro porque eu quero, porque eu gosto e muitas vezes porque depois de um dia ruim, o melhor é ir correr e não ir dormir!!!!



E por isso eu corro, pois me apaixonei por este esporte, mas principalmente porque o esporte está no meu sangue e, na verdade, o grande sonho da minha vida, não era ser goleiro, tenista ou corredor, mas sim ganhar a vida como esportista, ser reconhecido pelo meu esforço, ser um atleta, passar bons valores às pessoas que me rodeiam, especialmente à minha esposa e agora mais do que nunca, à minha filha! Quero ensinar à ela o quanto o esporte faz bem e, quero que ela goste pelo menos metade de esporte do que seu pai gosta!

Sei que nunca irei conquistar nada além do prazer pessoal como corredor, mas continuarei correndo em busca dos meus objetivos, em busca da minha superação.

Por isso eu corro, só por isso!



Sempre fui uma pessoa ativa, sempre estava fazendo algum esporte, atividade física, academia, ou qualquer outra coisa que me deixasse suada e cansada. Pra mulher a aparência física conta muito e pra mim não é diferente. Mas depois dos 25 anos isso tomou proporções maiores, pois a vida atribulada do trabalho mais o sobrepeso começaram a me preocupar.

Morei um tempo em São Paulo e lá a cultura de corrida de rua é muito viva, mas confesso que nunca me chamou a atenção e mantinha minhas atividades na esteira da

academia do prédio onde eu morava. Voltando a morar em Floripa não tinha como não correr na Beira Mar Norte, o que se tornou corriqueiro, mas sem técnica nenhuma.

(...)E por fim, a corrida me dá um gás a mais para manter a forma, a saúde do meu corpo e principalmente da mente, pois ao correr extravaso todas as coisas ruins que me ocorreram durante aquele dia e volto pra casa mais leve, de alma lavada e pronta pra mais uma maratona que a vida nos proporciona.



Em meados de 2011 estava querendo começar uma atividade física e não conseguia tempo. Faltava um pouco de ânimo para entrar em uma academia. Eu estava sedentário, e sabia que uma atividade física faz bem para o corpo e para a alma "*Mens Sana in Corpore Sano*". Eu tinha também como objetivo perder peso e uma atividade aeróbica como a corrida seria essencial para me ajudar a eliminar umas gordurinhas indesejadas.

Conversando com alguns colegas do escritório que estavam na mesma situação, querendo começar uma atividade física. Trocamos várias ideias e apareceram algumas sugestões: contratar uma pessoa para dar aula de ginástica laboral, yoga e inclusive corrida.

Durante esse *nossobrainstorm*, um colega que já corre há algum tempo nos incentivou a montarmos um grupo de corrida e mencionou que o Presidente e o Vice, são adeptos a essa atividade e inclusive já participaram de equipes de Triathlon. Resolvemos então, lançar um grupo de corridas da empresa. Levamos ao conhecimento da gerência que apoiou a ideia e inclusive contratou um professor de Educação física para nos acompanhar.

Quando li os relatos comentando sobre as motivações dos corredores, surgiu uma curiosidade. Nos meus apontamentos sobre o livro de Murakami (2010) não apareciam as razões que fizeram com que ele escolhesse a corrida de rua. Folheei diversas vezes o livro, revendo minhas anotações e relendo alguns trechos. Até que localizei a narrativa do momento do seu encontro com a corrida. Não foi exatamente um encontro, talvez um empurrão, mas isso ocorreu justamente em um momento de ruptura, de mudança de vida, quando ele decide vender seu bar e virar escritor.

Mas surgiu um problema com minha decisão de me tornar um escritor profissional: a questão de como me manter fisicamente em forma. Tenho

tendência a ganhar peso e não faço nada. Cuidar do bar exigia trabalhar duro todos os dias e, desse modo, pude me manter sem engordar; mas, assim que me sentei diante da mesa escrevendo todos os dias, meu nível de energia gradualmente declinou e comecei a ganhar uns quilinhos. Eu fumava demais, também, concentrando-me no trabalho. Na época, fumava sessenta cigarros por dia. Meus dedos estavam todos amarelos e meu corpo inteiro fedia a fumaça. Isso não pode estar me fazendo nada bem, decidi. Se eu queria ter uma vida longa como romancista, precisava encontrar um modo de manter um peso saudável. Depois que fechei meu bar, achei que mudaria meu estilo de vida completamente. Então nos mudamos para Narashino, na Prefeitura de Chiba. Nessa época, o lugar era bastante rural, e não havia instalações esportivas decentes nas proximidades. Mas havia estradas. E havia também um campo de treinamento nos arredores da Universidade de Nihon, e, se eu fosse cedo pela manhã, poderia usar livremente – ou talvez eu deva dizer tomar emprestado sem permissão – a pista de lá. Desse modo, não precisei pensar muito a respeito de que esporte escolher – não que eu tivesse grande escolha – quando decidi começar a correr (p. 34 e 35).

Muitos dos participantes da pesquisa também procuraram a corrida em momentos de transformação. A busca por uma atividade física geralmente está ligada ao desejo da mudança: a necessidade de alteração do estilo de vida, a substituição de antigos hábitos por novos, a modificação da maneira com que se relacionam consigo mesmos e com os outros e a procura pela satisfação pessoal.

As respostas à indagação “por que eu corro?” permitem a divisão dos motivos relatados pelos corredores que fizeram parte deste estudo em grupos de necessidades e desejos. Necessidade de melhorar a saúde, desejo de um corpo bonito, necessidade de expressar princípios, desejo de dar o exemplo, necessidade de fixar e sustentar estilos de vida, desejo de enfrentar mudanças ou criar permanências, necessidade de socializar, desejo de fazer parte de um grupo, necessidade de conhecer-se, desejo de encontrar um tempo para si.



3.3 CORRENDO E SOCIALIZANDO

Logo que ingressei no grupo de corrida uma situação chamou minha atenção: a quantidade de pessoas que iam até a tenda vestindo “roupas de trabalho” (camisas, saias, calças sociais, jeans e sapatos) e lá ficavam conversando. Observei o mesmo nas tendas dos grupos vizinhos. Com o tempo também percebi que muitas vezes as pessoas ficavam mais tempo batendo papo do que treinando. Questionei os treinadores sobre questões envolvendo a socialização.



Eu: - Muita gente vem aqui só pra conversar?

Treinadora: - Acho que é uma característica dos grupos de corrida. Já trabalhei em outro e lá também era assim. Muita gente vem só pra conversar. Ouvimos muitas histórias: somos treinadores, nutricionistas, psicólogos e amigos. A gente vê que o pessoal gosta e incentiva os encontros. Esse ano teve a festa junina, vários idas à pizzaria, café da manhã nos treinos de sábado e a festa da tequila.



Treinador: - O povo gosta de se encontrar, de conversar. Acho que a corrida é um sucesso por isso. Por proporcionar esses momentos. O pessoal não vem só correr, vem encontrar amigos. Viajamos juntos, treinamos juntos, comemoramos juntos.

Na página do grupo “*Time*” no *facebook* são postados os convites e as fotos desses eventos sociais promovidos tanto por professores, quanto por alunos. Por curiosidade, pesquisei as páginas de outras equipes a fim de verificar se também era uma prática comum. Nos sites das equipes “*Just Run*”, “*New Pace*” e “*ESSS Runners*”, encontrei referências a festival de sushi, encontro das mulheres, noite da pizza, treinos coletivos, viagens, palestras e jantares.

Figura 32 - Exemplos de confraternizações das equipes de corrida marcadas através do facebook



Mariana Andrade

PIZZA TIME - DOMINGO

Aguardamos vocês para essa confraternização!!!



PIZZA TIME - Esquenta 5k, 10k e Maratona de Santa Catarina

Domingo, 22 de setembro às 19:20

Pizzaria San Francesco

Você foi convidado por Mariana Andrade

Participar



Newpace Assessoria Esportiva compartilhou o álbum de

Rodrigo Baltazar.

21 de fevereiro

Todo treino tem um significado especial, ainda mais quando realizado com os amigos e num lugar de natureza exuberante. Portanto, esses são os retratos de um treino perfeito em todos os sentidos. Cias maravilhosas para correr, conversar e aventurar-se. Lugar lindo e que nos presenteou com uma incrível cacheira no final do treino. Ficou claro o quanto esse contato com a natureza é importante para o ser humano, bem como voltar a ser criança de vez em quando. Bons Treinos! GO NEWPACE!



Treino de Corrida em Águas Mornas! (31 fotos)



Just Run

8 de julho

Quarta, novamente, é dia delas! A reunião das #justrunmulheres começa às 20h, na casa de Ana, e não tem hora pra acabar, segundo elas! Como o coach @Leonardo Marmitt não estará, o treino de quinta-feira foi postergado para a sexta-feira, também segundo elas! Fondue Champã é o pedida!



Curtir · Comentar · Compartilhar

12



Rodrigo Tasca
7 de setembro via celular

Concentração para a meia maratona de Buenos Aires.
— com Silvia Carina Firmino, Nicolas Spogis, Mariana Budchner Linardi e Marcio Leeds em Sotocveto Madero.

Curtir · Comentar · Compartilhar

Marcio Leeds e outras 18 pessoas curtiram isso.

1 compartilhamento

Marcio Leeds Altos rango

7 de setembro às 19:29 · Curtir · 1

Nicolas Spogis Perfeito o ranguto e as risadas.

8 de setembro às 16:51 via celular · Curtir · 1

Escreva um comentário...



Aniversário Claudio / Despedida Marcela

Evento para grupo TIME (Treinamento Individualizado MultiEsportes) - De Marcela Borges de Andrade e outras 2 pessoas

Marcela Borges de Andrade convidou você.

Confirmados (15)

Wilson Silva

Mariana Andrade
(Organizador)

Gustavo Portella
Cunha

Ricardo Brandt

Marcela Borges de
Andrade (convidou você)

Sábado, 17 de agosto de 2013 19:30

Pessoal, já tinha comentado com vocês a respeito de marcarmos um barzinho nesse final de semana para eu me despedir do pessoal da equipe... Como o Claudio faz aniversário no sábado, ele deu a ideia de unirmos o útil ao agradável e comemorarmos as duas coisas num só dia! Decidimos fazer no sábado de noite, lá onde aconteceu o Arraial da TIME... Cada um leva o que for beber e o Claudio disse que se responsabiliza pelos "comes" hahaha! Contamos com a presença de todos vocês lá, hein? É importante que confirmem o quanto antes para termos noção do número de pessoas que irão e para deixar a lista de convidadas na portaria!! Beijões e até mais

Just Run
20 de setembro

Hj nosso "Coach" comanda a Fornália em um grande encontro de Pizzas, risadas, corridas e mentiras... Esperamos todos vcs por lá!



Just Run
29 de abril próximo a Desterro

Quarta-feira é dia de tirar a barriga da miséria!!!

Quinto Festival de SUSHI JUST RUN.

O evento será na Quinta das Palmeiras e terá, além de Sushi e Sashimi a vontade, bebidas incluídas. Assim, para maior conforto de todos, basta chegar e aproveitar.

Lembrando que as crianças, maridos e esposas são sempre muito bem vindos as nossas festas.

Confirmem presença até terça-feira, às 24:00h, assim garantimos comida e bebidas com exagero a todos...

DATA: 01/04/2013
LOCAL: Quinta das Palmeiras - ROD. SC 401 KM10, n. 10060.
Próx. ao pedágio.
HORÁRIO: 20:30h
VALOR: R\$55,00 por pessoa.

Fontes: <http://goo.gl/lfp9EF>; <http://goo.gl/RBulYF>;
<http://goo.gl/lfp9EF>; <http://goo.gl/RBulYF>;

<http://goo.gl/89nCFg>;

<http://goo.gl/sTTeiE>

Quando elaborei os temas das redações que enviaria aos corredores, decidi que não abordaria aspectos relativos à sociabilidade, uma vez que dos quinze corredores que participavam do estudo, cinco corriam sozinhos, ou seja, não faziam parte de grupos de corrida. No entanto, esta decisão estava condicionada aos assuntos relatados pelos corredores. Caso o tema sociabilidade aparecesse de maneira recorrente e fosse relevante para o trabalho, eu repensaria minha decisão. Já na primeira redação apareceram menções às assessorias e à importância do grupo para adesão ao esporte e motivação.

De acordo com os relatos, a procura pela assessoria foi impulsionada por razões técnicas e sociais: qualidade dos treinos, suporte de profissionais qualificados e prescrição de treinos individualizados. As razões que envolvem a sociabilidade foram: ter companhia para correr, conhecer pessoas, divertir-se e fazer amigos. Para a maior parte dos corredores a corrida é mais do que uma atividade física, é uma forma de promover encontros.



Pensei em parar de correr inúmeras vezes, mas sempre resistia, o fato de fazer parte de um grupo e principalmente sempre correr acompanhada de uma amiga fez toda a diferença. Eu adorava participar das provas, mas ainda não sentia prazer de treinar e como o treinador sempre estava a nossa espera, e muitas vezes os treinos viravam locais de muita conversa e convivência, isso ia tirando aquela preguiça que se sente quando estamos em casa.



Ter um estímulo dentro de casa é o diferencial. Treinar com o meu noivo com certeza me motiva muito mais do que sozinha, mas se não tiver um estímulo dentro da gente não há ninguém no mundo que faça você treinar. A equipe também é fundamental, pois vivenciamos os desafios de cada colega e observamos que não é só com a gente que tem dia que o tênis não quer deixar o pé entrar...



Comecei sozinho, como acredito que 90% das pessoas, mas logo percebi que sozinho o esporte se torna um tédio. Estava acostumado a praticar outras atividades sempre com outras pessoas. Comecei a ler revistas

especializadas e percebi que para fazer a coisa bem feita seria melhor ter um acompanhamento de um profissional. Daí que veio a decisão de procurar uma assessoria. Praticando a corrida com uma assessoria, você passa a ter parceiros para treino e provas, o que te anima a realizar os treinos.



Ao começar a participar da equipe de corrida conheci pessoas muito legais, também convidei amigos para participar da equipe, e cada dia que passa fico mais feliz de participar, pois o espírito de equipe e de amizade sem interesse é muito grande. Todos ali tem um mesmo objetivo que é se divertir, treinar uma atividade física e ter saúde. Os assuntos entre os participantes da equipe são os mais variados, mas não há espaço para tempo ruim, todos se ajudam para que façamos os treinos e assim ir pra casa com a sensação de dever cumprido.



Apesar de ter mais tempo pra mim, passei a despender tempo com outras pessoas, praticantes de corrida. Conheci diversas, e a cada prova/treino, conheço outras. O melhor disto é que, por mais que não tenha intimidade com outros atletas, ter este vínculo comum - a paixão pela corrida - faz com que sejamos todos bastante próximos, interesses se coadunam. Claro, as redes sociais ajudam.



Outro fator fácil de ser percebido é a interação das pessoas que correm. Fiz vários grupos de amigos desde então. Conheci muitas pessoas durante este tempo em que pratico a corrida, independente de serem da mesma assessoria, de outras assessorias ou simplesmente aqueles que treinam sozinhos. Com isso, naturalmente comecei a viver mais neste ambiente e a cada hora sempre aparece uma programação, como fazer um treino em grupo em um lugar diferente, participar de uma corrida de revezamento e até mesmo viajar para participar de corridas fora da sua cidade ou até mesmo do país.



Nossa equipe de corrida começou a fazer treinos no final de semana juntos e depois marcávamos de fazer uma comidinha, almoço, janta, algo para agregar a equipe, nos tornar mais próximos, compartilhar as alegrias de estarmos num grupo de "atletas".



Ao longo da vida fazemos muitas amizades, mas poucas duram para sempre e, com a corrida, pode fazer novas e boas amizades/parcerias, com pessoas que tem o mesmo perfil que o meu, todas com suas profissões/responsabilidades, mas todas com os mesmos objetivos pessoais, de buscar sempre a sua superação! Essa relação de amizade só pude obter com a prática da corrida, pois no dia-a-dia agitado que levamos, temos cada vez menos tempo para sair com amigos e, com a corrida, além de praticarmos nosso esporte favorito, aproveitamos o tempo de treinos para estar com estes amigos.

Muitas vezes, corremos juntos e entre uma retomada de fôlego e outra, trocamos algumas ideias, assim como nos alongamentos antes e depois dos treinos. Por isto, a corrida além de aproximar os amigos, fortalece o elo de amizade. Estes novos amigos, podemos encontrar e estar junto nos treinos, nas provas e até nas festas e não ao contrário.

A pesquisa realizada por Truccolo et al (2008) buscava conhecer as razões que levam homens e mulheres a participarem de grupos de corrida de rua. A função do grupo como instrumento motivador foi citado por 75% das mulheres e 40% dos homens. Os pesquisadores concluíram que a aderência à prática da corrida “não foi motivada por uma insatisfação com a imagem corporal, mas antes pelo convívio obtido através da prática da mesma em grupo com outros de idade e interesses similares”(p. 112).

Perceber o valor e a relevância atribuída pelos corredores às questões sociais envolvendo um grupo com aspirações e sentimentos comuns, que compartilham valores que são experimentados e expressos em atos, estruturados em torno de uma manifestação cultural como a corrida, soa estranho. Talvez porque o individualismo e a competitividade são marcas da sociedade em que vivemos. A corrida pode ser a resposta pela qual procura uma parte da sociedade que corre na contramão da solidão, das clausuras e em busca de uma identidade social e pertencimento.

As questões envolvendo a sociabilidade não ficam restritas aos treinos e aos encontros de confraternização. Acho que a materialização da palavra “grupo”, por parte dos corredores, ocorre durante os eventos. Algumas horas antes do início das provas, os proprietários das assessorias montam suas tendas que servirão como ponto de encontro

antes e ao final das provas. Eles levam isotônicos, água e frutas para serem consumidos pelos corredores. Ao observar cada uma das tendas percebo o quanto aquele momento é valorizado: alguns montam verdadeiros banquetes matinais, outras levam macas e disponibilizam fisioterapeutas para massagem pós prova. Em um dos eventos foi montada uma festa de aniversário para comemorar os três anos da assessoria. Isso faz parte da estratégia para manutenção e conquista de novos “clientes”.

Na última prova que participei, os 5 km da Maratona Caixa de Santa Catarina, percebi o quanto alguns corredores apreciam a questão do grupo. Havia oito membros da equipe que iriam correr os 42 km da maratona, cinco pela primeira vez. Durante a semana o pessoal se organizou, distribuiu funções entre os que não participariam e que gostariam de ajudar. No dia da prova, muitos foram de bicicleta para acompanhar, incentivar e fotografar os outros membros do grupo. O suporte durou toda manhã e parte da tarde, até que todos chegassem. Fui beneficiada pelo serviço de fotografia que ficou a cargo de alguns membros do grupo.

Outro fator interessante é o uso da camiseta da equipe. Embora não haja nenhuma determinação nesse sentido por parte da assessoria, quase todos os membros da equipe vestiram a camiseta do grupo para participar do evento. Como não conheço todos os “colegas *Time*”, a camiseta passou a ser uma forma de identificação. O pessoal da maratona largou mais cedo e em determinado momento da prova, quando regressavam dos primeiros 10 km, foi possível encontrá-los correndo de volta, na direção contrária. Lembro-me de ter cumprimentado, incentivado e batido na mão de algumas pessoas que vestiam “camisetas *Time*”, muito embora eu jamais as tenha visto.

Figuras 33 e 34 – Corredores da equipe *Time* após a realização da Maratona Caixa de Santa Catarina (a grande maioria com a camiseta do grupo) e membro da equipe (de bicicleta) acompanhando um colega maratonista.



Fonte: <http://goo.gl/RBulYF>

O uso da camiseta também pode ser relacionado à ideia de pertencimento: pertencer a um grupo de corredores e transmitir, através do uso do “uniforme de corredor” alguns significados e códigos para quem simplesmente observa ou para aqueles que desejam incorporar este estilo de vida. Ao falar sobre os frequentadores da região central de São Paulo, um lugar caracterizado pelo anonimato, impessoalidade nas relações e percorrida por gente de várias procedências, Magnani (2003), faz uma constatação que pode ser vinculada aos “pedaços” visitados e tomados pelos corredores: as ruas, as avenidas, os parques, os bosques, as praças e as areias das praias. “Os frequentadores dos ‘pedaços de centro’ não necessariamente se conhecem, mas se reconhecem: venham de onde vierem, trazem na roupa, na postura corporal, na linguagem, os sinais exteriores de seu pertencimento” (p. 12).

Fazendo uma analogia com os corredores, constatamos exatamente o mesmo. Quando se reúnem em um determinado local parecem formar uma unidade – a tribo dos corredores. As vestimentas se assemelham, possuem gírias próprias, posturas específicas e no momento em que se encontram “não falta assunto”, afinal, na maioria das vezes compartilham dos mesmos valores e gostos. Mafessoli (2006) recorre ao termo tribalismo para identificar as reuniões, as confrarias e os agrupamentos da sociedade. Ao referir-se à constituição de grupos, ressalta a partilha de sentimentos e suas relações de afinidade como características presentes no âmbito social. O estar-junto, segundo o autor, constitui o verdadeiro cimento societal.

É para dar conta desse conjunto complexo que proponho usar, comometáfora, os termos de

“tribo” ou de “tribalismo”. Sem adorná-los, cada vez, de aspas, pretendo insistir no aspecto “coesivo” da partilha sentimental de valores, de lugares ou de ideais que estão, ao mesmo tempo, absolutamente circunscritos (localismo) e que são encontrados, sob diversas modulações, em numerosas experiências sociais. (p. 28).

As contribuições de Segalen (2002) ao estudo das relações entre a corrida de rua e a sociabilidade vão além da interpretação dos motivos que fazem com que as pessoas se agrupem. Ela se propõe a identificar práticas rituais na contemporaneidade e demonstrar que “apesar do” ou “concomitantemente ao” privilégio do indivíduo sobre o coletivo na atualidade é possível identificar uma reconfiguração das práticas rituais e constatar a permanência das mesmas. Atividades coletivas como as caçadas, as touradas, o futebol, as corridas e as maratonas são consideradas ocupações que “oferecem saídas para as imposições regulamentadas do cotidiano, abrindo espaço à integração e propondo aos nossos imaginários a escapatória de suas simbolizações”(p.69).

Costa e Coiceiro (2005) identificam quatro tipos de ritos envolvidos na atividade de correr: rito da coesão social, rito do sacrifício, rito da transgressão e rito da renovação. A definição de rito proposta por Segalen (2002) esclarece os motivos que fazem com que a corrida seja considerada um rito contemporâneo:

o rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de linguagens e de comportamentos específicos e por signos emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo. (...) Enquanto conjuntos fortemente institucionalizados ou efervescentes, os ritos podem ser considerados sempre como um conjunto de condutas individuais ou coletivas relativamente codificadas, com suporte corporal (verbal, gestual e de postura), caráter repetitivo e forte carga simbólica para atores e testemunhas (p. 31-32).

Para Douglas e Isherwood (2006) os ritos são convenções que constituem definições públicas visíveis. Segundo os autores viver sem rituais é viver sem significados claros, possivelmente, sem memórias.

Alguns são rituais puramente verbais, vocalizados, não registrados, desaparecem no ar e dificilmente ajudam a restringir o âmbito da interpretação. Rituais mais eficazes usam coisas materiais, e podemos supor que, quanto mais custosa a pompa ritual, tanto mais forte a intenção de fixar os significados. Os bens, nessa perspectiva, são acessórios rituais, o consumo é um processo ritual cuja função primária é dar sentido ao fluxo incompleto dos acontecimentos (p.112).

O rito da coesão é experimentado nos treinos, mas principalmente durante as provas quando a concentração de corredores, que mais parecem tapetes humanos, se deslocam pelas cidades celebrando, partilhando e participando, como se expusessem ou carregassem os mesmos códigos, a mesma simbologia. Para Segalen(2002), “as corridas e maratonas reúnem nas calçadas uma multidão que parece ter uma energia que se comunica ao longo da cadeia humana”. (p.85)

Nos grupos estudados as questões envolvendo a sociabilidade ultrapassam os encontros pessoais. Ela também é exercitada no *facebook*, onde os atletas buscam parceiros para treinos e competições, compartilham desafios, agradecem o apoio de colegas e treinadores e expressam opiniões sobre as provas.

Figura 35 - Postagens dos membros da Equipe *Time* no *facebook* que ilustram questões envolvendo a sociabilidade via rede



Roberto Oliveira Otero

Amigos, amanhã uma nova batalha aproxima-se. A armadura já esta preparada. Novamente o desafio de correr 42km no limite. A batalha será intensa, pois o corpo dói, grita para parar. A guerra psicológica será muito intensa tmb, muitas vezes ela vence o corpo. Não irei me entregar. Vou me arrastar se necessário for, mas estarei lá para comemorar com meus amigos.

Quero agradecer muito aos meu amigos e técnicos Mariana Andrade e Ricardo Brandt, assim como toda galera da #TIME. Aos maratonistas, Guilherme Preto, Juliana Wutke, Gustavo Portella Cunha, Bruna Karam de Mattos e Valmor...

Estamos juntos neste barco!!!

Valeu a todos!!!



Isnardo Rafael

Pessoal, alguém se habilita a fazer os 10 km da corrida pela paz no domingo com um atleta deficiente visual?

O atleta é o Bernardo. Ele tem um ritmo moderado (05:45 à 06:20).

O guia oficial dele é o Fábio Popeye, porém, em virtude de um compromisso ele não poderá comparecer.



Guilherme Silvy

Queria dar os parabéns a todos os integrantes da Equipe TIME, que participaram no domingo. Independente das distâncias, todos desafiaram seus limites, mas não posso deixar de ressaltar aqueles que fizeram a Maratona, pois 42 km é casca grossa. Rapaziada Alegre, um super abraço em todos vocês. Nos vemos nos treinos!

envolvida nos treinos e provas. Os treinos eram sempre descontraídos, os alunos, depois de correr, sempre ficavam algum tempo na tenda da assessoria montada na praia conversando, brincando uns com os outros e esperando sua vez para alongar e, mesmo depois de alongar ficavam um tempo ali com os outros alunos. (p.27)

Quando falamos em grupos de corredores e suas relações sociais devemos levar em conta não só a interação entre os mesmos, mas também, a relação estabelecida entre eles e os locais de prática. A corrida de rua, como o próprio nome sugere, é uma manifestação pública, que possibilitou uma nova dinâmica para a função social da rua.

Um lugar não apenas de trabalho, comércio e que serve apenas para o incessante fluxo de veículos motorizados ou o local do desencontro de um amontoado de seres humanos, porém, como meio propício à sociabilidade. A interação entre os indivíduos na busca de determinadas finalidades é o que define a sociabilidade. Deste modo, o indivíduo, ao correr pelas ruas da cidade, recria o espaço urbano e amplia as suas possibilidades de usos e costumes, onde a rua se apresenta como palco e cenário da busca de um mundo melhor – a esperança da melhor qualidade de vida, da aventura e da realização pessoal.(AUGUSTI e AGUIAR, 2011, p.2)

Ao transformar-se no local base de sociabilidade para os corredores, a rua adquire significados para além do senso comum. Ela se estabelece como o ponto de encontro entre desconhecidos e é o local onde ocorre o reconhecimento de uma diversidade de usos e costumes proporcionados pela desigualdade social e cultural. É assim que a corrida, que tem a rua como palco e cenário de sua manifestação, possibilita aos corredores o fenômeno da sociabilidade urbana.

Figura 37 - Membros da equipe *Time* participando de treinamentos e eventos em espaços públicos

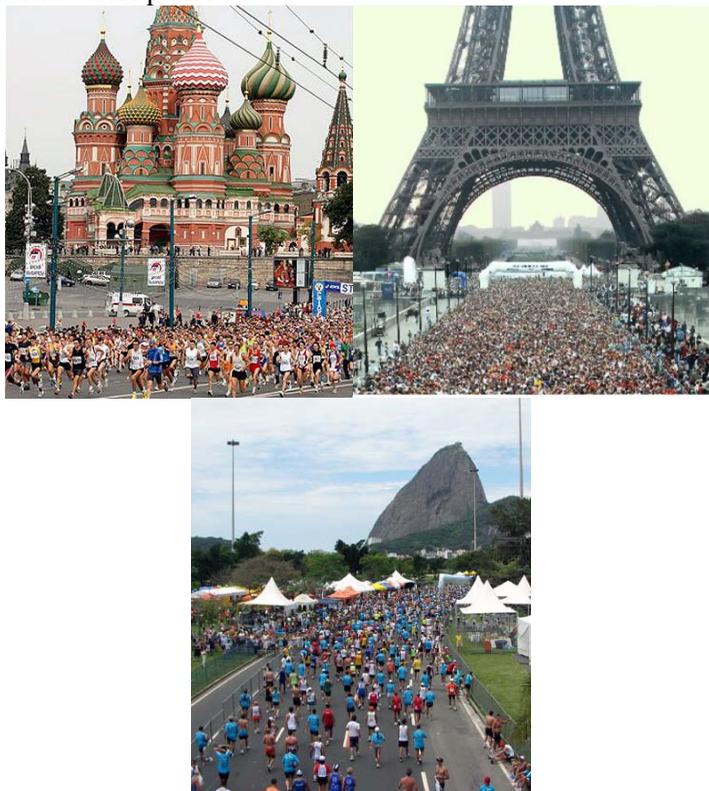


A rua, portanto, é o espaço público que passa a legitimar e testemunhar a efervescência promovida pela corrida. É onde transcorrem as relações sociais entre os corredores. É o local onde eles vivenciam suas semelhanças e diferenças socioculturais. É o palco da expressão da sociabilidade, o termo comum para o cumprimento de tarefas semelhantes (completar o percurso da disputa), em meio a objetivos distintos (vitória, recorde pessoal, estética, lazer, saúde e qualidade de vida, etc.).

A amplitude do fenômeno das corridas de rua pode ser percebida a partir da realização de provas nos mais variados cartões postais do mundo, onde a rua passa a ser cenário, palco e testemunha. Seus “usuários” formam uma tribo global. Essa noção de tribo é vista aqui por

uma perspectiva de simultaneidade, espalhada na procura por lugares longínquos distribuídos pelos cinco continentes do planeta, e ainda na maneira encontrada de confraternizar dentro de um mesmo espaço. Canclini (2010), afirma que essas culturas transnacionais são fruto da globalização, um processo complexo e independente de qualquer raiz ideológica.

Figura 38 – Corridas de rua realizadas tendo como cenário cartões postais de vários países



Fonte: Arquivo de imagens da pesquisadora.

De acordo com Magnani (2003) é a rua que resgata a experiência da diversidade, possibilitando a presença do forasteiro, o encontro entre desconhecidos, a troca entre diferentes, o reconhecimento dos semelhantes, a multiplicidade de usos e olhares – tudo num espaço público e regulado por normas também públicas.



3.4 A CORRIDA MODIFICA HÁBITOS? QUESTÕES ENVOLVENDO CONSUMO.

O tema da segunda redação foi: “A corrida em minha vida: transformações no cotidiano”. Após ler os primeiros relatos, onde os corredores contavam como a corrida entrou em suas vidas, decidi que seria interessante questioná-los a respeito dos motivos responsáveis pela permanência no esporte. Solicitei que escrevessem sobre possíveis mudanças ocasionadas pela prática da corrida relacionadas à sociabilidade, aos hábitos diários e ao consumo. Este último assunto, o consumo, “roubou à cena” e foi o mais comentado pelos corredores.

Alguns meios de comunicação (incluindo citações utilizadas neste trabalho) se referem à corrida como um esporte que favorece a participação, justamente por não exigir equipamentos nem locais específicos para a prática. Entretanto, o que se vê nas ruas é uma exposição de corpos fardados e equipados. A farda do corredor de rua pode incluir camisetas coloridas, bonés, calças, shorts, tênis, óculos de sol, monitor de frequência cardíaca e tocador de mp3. Utilizarei partes do relato do corredor Eduardo Acácio, postado em maio de 2013 no *blog* “Por que eu corro”¹⁹ e intitulado “O mundo não democrático das corridas”²⁰, para iniciar a discussão sobre os temas que envolvem os temas consumo e corredores. O próprio corredor produziu a imagem apresentada abaixo.

¹⁹ Ver mais em <http://goo.gl/EncQWf>

²⁰ Foram realizadas pequenas adaptações no texto. Texto original em: <http://goo.gl/EncQWf>

Figura 39 – Roupas e acessórios utilizados pelos corredores de rua



Fonte: <http://goo.gl/EncQWf>



Com todo o conhecimento adquirido nas inúmeras provas das quais participei, posso afirmar que ser corredor de rua não é algo tão simples como eu mesmo disse há mais de seis anos. Naquela época de "inocência", correr seria tão somente usar um conjunto composto por qualquer par de tênis - "Kichute para dar aderência" -, camiseta de algodão com o logo do deputado, meias de algodão e short "jeans", enfim tudo aquilo que não se usa nem para dormir.

A troca de informações com outros corredores e o acesso às novas tecnologias divulgadas por grandes marcas em revistas especializadas e na *web*, fizeram com que eu fosse consumindo tais produtos e evoluindo na busca por melhores resultados.

Como consequência, tive minha saúde e auto estima melhoradas no mesmo ritmo, e a equação deste dito "democrático" estilo de vida saudável pesou. A prática da corrida passou a ser algo elitizado, que segrega. Os preços das inscrições cresceram no mesmo ritmo do número

de atletas. Em 2006, quando comecei a correr, cheguei a pagar R\$ 25,00 por uma inscrição. Hoje em dia o custo médio é de R\$ 90,00. Em pouco mais de seis anos tivemos cerca de 300% de aumento no valor das inscrições, algo que limita a participação se levarmos em conta que o salário mínimo é de R\$ 678,00, ou seja, pagar uma prova de R\$90,00 representa 14% do salário. E a conta não termina. Se incluirmos cinto de hidratação, Gel de Carboidrato, os suplementos como BCAA, Glucosamine para articulações, Termogênicos, Isotônicos e outras bebidas energéticas, veremos que a "Democracia" da corrida está se tornando algo apenas para os mais afortunados.

Em certa ocasião enquanto aguardava a largada de uma das edições da Zumbi dos Palmares, realizada pela Corpore, conheci uma equipe que vinha do extremo leste de São Paulo. Eles tinham chegado até a região do Ibirapuera após uma verdadeira odisseia dentro de ônibus, trem, metrô e ônibus. Eles contaram que o alto preço das inscrições somado aos outros gastos estavam começando a impedir a participação. Naquela equipe o mais lento corria cada quilômetro em 4min10seg (um excelente tempo) e usava um tênis velho e surrado para fazer bonito.

Podemos afirmar que um corredor pode utilizar apenas o básico (tênis, short, meia de algodão e uma camiseta), mas com a evolução e como o conhecimento, a tendência é que o investimento cresça, seja para evitar lesões, ter conforto ou até mesmo para se sentir incluso dentro de um grupo cada vez mais elitizado e muito menos democrático.

Diversas culturas são influenciadas e até moldadas pelo consumo de bens e serviços. De acordo com Canclini (2010), nas sociedades contemporâneas "a participação social é organizada mais através do consumo do que mediante o exercício da cidadania" (p.13). Significados positivos e negativos são atribuídos ao consumo tornando-o uma palavra ambígua. Algumas vezes, ele é entendido como manipulação, em outras, como uma experiência. Também se referem a ele como compra, exaustão, esgotamento e realização. O consumo é inclusive, utilizado para explicar como nos apropriamos, utilizamos e usufruímos o universo a nossa volta. (BARBOSA E CAMPBELL, 2006).

Os hábitos de consumo estão diretamente ligados às práticas e valores propostos pela sociedade e também pelas necessidades que são criadas por ela. O que as pessoas escolhem possuir depende de como percebem e interpretam os artefatos e os valores agregados a

eles. Algumas necessidades e muitos desejos do homem são satisfeitas pelo uso dos objetos. Necessidades estas que não são somente práticas ou funcionais, mas também subjetivas e simbólicas, dizem respeito ao contexto sócio-cultural de cada pessoa, às experiências vividas e ao imaginário de cada um.

Através do consumo, há um compartilhamento de sentidos que servem a diferenciações de várias ordens (classe, gosto, estilo, etc.), porém de outro lado, ele estabelece conexões significativas que contribuem para uma auto percepção atendendo ao apelo de inserção social do indivíduo. Portanto, de um modo distinto daquele estabelecido pelos agentes culturais e pelas instituições sociais, o que, além de ser um desejo – como um impulso vital – e uma busca legítima, é uma resposta a constante tensão entre o “permanecer como está” e uma possível nova condição.

Os anúncios publicitários exibidos abaixo são exemplos deste convite feito pelo consumo onde o ter parece moldar o ser. É o consumo construindo identidades, modos de vida.

A identidade emerge das práticas sociais em que o indivíduo no esforço constante para constituir-se como pessoa, enfrenta a contradição entre aquilo que acontece e aquilo que deveria ter acontecido, entre aquilo que ele é e aquilo que esperava ser, não como uma rendição fatal do modo de ser costumeiro das coisas, mas num nível próximo da superação das conturbações diárias pela formulação das opções de vida que mais do que atravessadas por hábitos é direcionada principalmente por uma relação intensa entre a ordem estabelecida e a possibilidade de uma nova ordem (ANDRÉ, 2006, p. XIV).

Figura 40 – Campanhas publicitárias de tênis feitas pela empresa Mizuno



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

De acordo com Douglas e Isherwood (2006), “devemos supor que a função essencial do consumo é sua capacidade de dar sentido” (p.108). Aos inscreverem-se nas provas, por exemplo, corredores buscam uma forma de dar sentido aos treinamentos, ao ato diário de correr. Os autores consideram a atividade de consumo uma produção conjunta, com outros consumidores, um universo de valores. “O consumo usa os bens para tornar firme e visível um conjunto particular de julgamentos nos processos fluidos de classificar pessoas e eventos” (p.115).

Na seção estilo corredor do *site* “Eu Atleta”²¹ são apresentadas imagens do “visual” dos corredores nas provas e as respectivas marcas

²¹Eu Atleta – É um projeto da Rede Globo que reúne em um *site* informações sobre a prática de atividades físicas, histórias de quem já faz exercícios,

dos produtos utilizados. Os eventos são os locais de maior exposição dos corredores, que muitas vezes se utilizam deste palco para colocar em cena determinado “estilo” e venderem sua imagem. De acordo com Bauman (2008b)

Na sociedade de consumidores, ninguém pode se tornar sujeito sem primeiro virar mercadoria, e ninguém pode manter segura sua subjetividade sem reanimar, ressuscitar e recarregar de maneira perpétua as capacidades esperadas e exigidas de uma mercadoria vendável. A “subjetividade do sujeito”, e a maior parte daquilo que essa subjetividade possibilita ao sujeito atingir, concentra-se num esforço sem fim para ela própria se tornar, e permanecer, uma mercadoria vendável (p.20).

Costa (2009a) entende que o consumo deixou de ser uma prática banal do dia a dia para “se transformar no eixo das sociedades do presente, fonte de inspiração para modelagem de uma enorme variedade de formas de vida e de padrões de relações entre as pessoas” (p.34).

Figura 41 – Visual dos corredores e produtos utilizados



planilhas de treinamento, dicas de saúde, nutrição, equipamentos e calendário de provas. Ver mais em: <http://globoesporte.globo.com/eu-atleta/>



Fonte: <http://globoesporte.globo.com/eu-atleta/>

Muitas vezes, o que move o consumo não é o produto ou serviço em si, mas a ideia que ele traz consigo, o *status* e as possibilidades de inserção alcançados através da sua posse. O corredor que compra um tênis com tecnologia de ponta está comprando a ideia de velocidade, de conforto e de leveza. O uniforme de corredor, assim como as camisetas das provas, identificam seus usuários como integrantes da tribo. Usar o último modelo de frequencímetro, aquele com tela grande, cheio de botões e funções, remete aos que olham de fora, a um grande atleta, a um corredor experiente ou a alguém que investe alto na atividade que pratica.

Em diversos treinos observei pessoas que vinham buscar informações sobre a prática da corrida e o funcionamento da assessoria. Algumas delas perguntavam sobre lojas e marcas de produtos antes de começar a correr. O diálogo que segue é entre a treinadora da equipe “Time” e uma candidata à aluna. Fica explícito na conversa o desejo por adquirir produtos para tornar-se parte da tribo de corredores, sem nem mesmo ser uma corredora.



Candidata à Aluna: - O que eu preciso para começar a correr?

Treinadora: - É bom vir com uma roupa que te deixe a vontade, que não aperte e com um tênis específico para

corrida. Também é bom ter pelo menos um relógio com cronômetro.

Candidata à Aluna: O tênis eu já tenho, pode ser esse? (mostrando o tênis para treinadora).

Treinadora: Sim, esse é ótimo.

Candidata à Aluna: Eu queria saber onde posso comprar aquelas saínhas que as meninas usam e também qual é o melhor relógio. Ah! Também vi que tem gente que usa umas meias até o joelho, como é o nome? Mais uma coisa... Podes me dizer onde eu encontro aquelas calças coloridas? É que quero comprar as coisas certas antes de começar.

Na página anterior foram exibidas algumas fotos de corredores, suas vestimentas e equipamentos. Realizei algumas buscas nosite “Eu atleta” para ter acesso a todas as fotografias que estão disponíveis na seção “estilo corredor”. As imagens de um evento específico chamaram minha atenção, o Desafio da Paz, prova realizada nas favelas pacificadas do Rio de Janeiro. O valor da inscrição em 2013 era de sessenta reais e os moradores da comunidade tinham isenção desta taxa.

Dentre todos os outros eventos cobertos pelo *site*, o único que apresentafotos de corredores com roupas e acessórios mais simplesou utilizando produtos sem marca é esse. Um exemplo é a foto do corredor Erli, que foi descrito da seguinte maneira: usa *short* “sem marca”, não usa acessórios e não ouve música durante a prova. A presença desses corredores não foi vistaem nenhuma das coberturas realizadas em outras provas, onde valor da inscrição superou os cem reais.

De acordo com a imagem, Erli corre há 27 anos. Ele é um típico representante daquela geração que começou a correr na década de 1980, onde o mercado de produtos e serviços ligados à prática da corrida era praticamente inexistente. A vestimenta era composta por *short* e camisetas regata e um dos únicos acessórios era a bandana.

Figura 42 – Visual dos corredores atualmente e na década de 1980.



© 1980 Leo Kulinski, Jr.

Fontes: <http://globoesporte.globo.com/eu-atleta/> e <http://goo.gl/9KVq9Q>

Observei situação semelhante nas provas que fizeram parte da pesquisa. Quando mais caro o valor da inscrição, mais excludente tornava-se o evento. Na “Maratona de Santa Catarina”, que dentre as provas pesquisadas foi a que teve valor mais acessível (setenta reais), observei muito mais corredores vestindo-se de maneira mais simples do que em outras provas, como por exemplo, o “*Mountain Do*”, onde o valor da inscrição chegou a cento e oitenta reais.

Para Canclini (2010), consumir é participar de um cenário de disputas por aquilo que a sociedade produz e pelos modos de usá-lo. Ele entende o consumo como lugar de diferenciação: “Nas sociedades contemporâneas boa parte da racionalidade das relações sociais se constrói, mais que na luta pelos meios de produção, pela disputa em relação à apropriação dos meios de distinção simbólica” (p.62). Barbosa e Campbell (2006) entendem que “existem significados culturais cristalizados sobre determinados bens e práticas sociais que transcendem alguns contextos e acabam por classificar as pessoas por aquilo que elas consomem” (p.40).

Em algumas partes de suas redações os participantes da pesquisa contaram sobre o consumo de informações, produtos e serviços relacionados à prática da corrida. Foram citadas revistas, viagens, eventos, cosméticos, remédios, equipamentos, vestimentas, serviços de fisioterapia e nutrição e até o consumo de outras atividades físicas para dar suporte ao “novo” estilo de vida.



E, claro, nesse trecho que só permite ida (é, não tem volta mesmo!), o consumo da informação e de produtos que te remetam e te façam acreditar na assertiva da tua escolha, aparece como necessidade vital. A vontade de ser, nesse caso, engloba o ter, mas não exatamente ou tão somente o material. Está ligada a complementação da corrida com outra atividade de suporte, como a musculação, por exemplo; a leitura específica sobre o tema, suplementos alimentares e nutrição especializada, assessorias esportivas e equipamentos cujo avanço tecnológico gera um maior conforto, entre outros.



Porém, com a corrida, passei a ter um olhar diferenciado para determinados produtos, que antes não chamavam minha atenção nas prateleiras. Passei a escolher roupas mais apropriadas, com tecido que permitisse um melhor controle da temperatura corporal; tênis que fossem viáveis no meu orçamento, mas que tenham alguma tecnologia específica para o esporte. Baixei em meu celular o aplicativo Endomondo, que monitora o ritmo, distância e velocidade do treino. Isso ajuda a acompanhar minha evolução na corrida, ajudando a me motivar e a tentar superar meus limites. Também me interessei por revistas e reportagens relativas à

modalidade, e volta e meia compro algum exemplar nas bancas.



(...)leio revistas de corrida, assisto rotineiramente programas de corrida de rua com informações sobre assuntos diversos. Adquiritênis de marcas diferentes com tecnologias únicas na tentativa de melhoria da *performance*. Camisetas, bermudas e meias, foram estudadas a fundo para descobrir o melhor material de cada. As inscrições para as provas começaram a fazer parte do orçamento e os objetivos e as metas foram traçados em torno das datas de realização dos eventos. Iniciei o estudo das melhores provas na cidade, depois no estado e no Brasil. Logo percebi que já não tenho pretensões de correr apenas na cidade ou no estado, as melhores provas do país, bem como de outros países, já parecem altamente atrativas. Para a melhoria na marcação de meus treinos, adquiri um relógio GPS, o que possibilitou a medição de batimento cardíaco e o cálculo das zonas de frequência cardíaca. Isso fez com que eu aproveitasse melhor as planilhas de treinamento. Além disso, permitiu a programação correta dos treinos, ao contrário dos aplicativos de celular utilizados anteriormente.



Quando passei a correr, eu já tinha um histórico de lesão no joelho, então sempre precisei incluir nas minhas despesas mensais alguns cuidados básicos para evitar que esta lesão volte ou que novas apareçam, como por exemplo, uso de medicação específica, praticar musculação, fazer o uso de suplementos alimentares, antes, durante e depois das corridas, visando à reposição imediata de energia, caloria e desgaste muscular perdido e, claro, a aquisição de pelo menos 2 pares de um bom e adequado tênis por ano. Desta forma, estes tipos de produtos, passaram a fazer parte da minha despesa mensal, pois sem eles, não conseguiria avançar com prudência nos treinos e provas.

Além disso tudo, todo corredor gosta de ter os melhores equipamentos. Já falei do tênis, mas precisamos gastar também com um bom relógio com GPS, frequencímetro, roupas e óculos de sol adequados, bem como outros acessórios que o uso varia de pessoa para pessoa, como uniforme da equipe, viseira ou boné, etc. -

sem esquecer é claro dos gastos com inscrições de provas, afinal de contas, não somos profissionais e não ganhamos nada de graça, medicamentos e fisioterapias em épocas de lesões, bem como revistas e sites especializados para ampliar os conhecimentos e técnicas do esporte.



Também não tem como dar início em uma atividade e não consumir os acessórios e afins que ela oferece (tudo bem sou um pouco consumista, risos), mas você começa a querer se aprimorar na atividade, ter tênis adequado para sua pisada, relógio que só falta correr pra você. Além disso, quer também roupas "transadas" para correr super linda!!!Hehe



Com a prática quase que diária dos treinos, foi preciso investir em roupas de corrida e principalmente em tênis. O que não é muito legal por causa do custo. Mas é necessário.



Para a corrida também tive que comprar um tênis, em minha viagem para os Estados Unidos aproveitei e comprei um relógio da Garmin para acompanhar minha velocidade, distância percorrida e frequência cardíaca. Este monitoramento ajuda muito a melhorar a *performance* nos treinos. Comprei calção para a corrida, ganhei uma meia especial para correr de um amigo, uma camiseta térmica da minha esposa, todos estavam notando minha empolgação e me estimulavam. (...)

Cada dia que passava me interessava mais por assuntos relacionados a corrida, treinos, suplementos que ajudavam na prática da atividade. Assinei a Revista *Runners* onde comecei a ler sobre a corrida e muitas histórias de pessoas que começaram uma atividade física e os benefícios que tiveram. Através da revista também fiquei sabendo o calendário de provas e comecei a me programar e treinar para competir.



Atualmente presto muito mais atenção nas reportagens sobre esportes e saúde física, em geral... Até já comprei algumas revistas sobre o assunto, para ver o que pode me ajudar ainda mais... O que me deixou ainda mais entusiasmada, foi a agenda de corridas que há no mundo todo... Eu gosto muito de viajar, e começo a pensar em

viajar para participar de corridas fora daqui... é um ótimo motivo, não??

Quando viajo aproveito para procurar coisas novas, roupas e acessórios para a corrida. O novo frequencímetro com GPS foi uma grande aquisição... e como consigo "baixar" para o computador o resultado do exercício, a visualização da evolução da atividade, é muito motivadora!! Semanalmente avalio minha performance...

Meus tênis são mais adequados, até as meias, muito mais confortáveis... até um bastão para evitar bolhas nos pés achei em uma farmácia nos USA... tudo isso pensando na evolução e no conforto.

Nos relatos dos corredores fica claro que a maioria dos produtos são consumidos com ideia de melhorar o desempenho. Há duas referências à estética e prevenção de lesões. Não foi mencionado o fato do consumo "auxiliar" na sociabilidade. Na verdade, isso acontece de forma velada, mas que para mim, tornou-se explícita durante o período em que em que tive contato mais próximo com os corredores da equipe "Time". Alguns integrantes se agrupam em torno do consumo: assinam as mesmas revistas, viajam para as mesmas provas, compram os mesmos equipamentos e acabam formando subgrupos. Na equipe "Time", por exemplo, há o subgrupo dos que vão correr em Miami, o subgrupo tecnológico, cujos assuntos são os inúmeros aplicativos para *smartphones*, o subgrupo dos obcecados por nutrição e dieta e os que não param de falar sobre roupas e acessórios. Percebe-se, portanto, que esses agrupamentos e encontros são realizados por interesses e consumos semelhantes.

De acordo com Bauman (2008b)

A tarefa dos consumidores, e o principal motivo que os estimula a se engajar numa incessante atividade de consumo, é sair dessa invisibilidade e imaterialidade cinza e monótona destacando-se da massa de objetos indistinguíveis que flutuam com igual gravidade específica e assim captar o olhar dos consumidores (p.21).

Isto talvez explique o porquê de muitos corredores se inscreverem para as provas, buscarem o *kit* e não comparecerem ao evento. Talvez para eles, mais importante que correr, seja possuir um dos símbolos que identificam o corredor – a camiseta da prova. No

trabalho de Cartaxo (2012), há a descrição de um fato interessante envolvendo participantes e não participantes de um evento.

Um fato curioso chamou minha atenção no dia da última Maratona e Meia Maratona Internacional da Caixa no Rio de Janeiro (08/07/2012), eu estava no bairro onde era a chegada dos atletas e pude perceber uma grande movimentação de pessoas que tinham acabado de correr a 'Family Run10' nos arredores do bairro ainda com suas camisas da prova, assim como muitas pessoas que tinham acabado a meia maratona. Estavam todos com suas camisas ainda molhadas (havia chovido muito nessa manhã), com suas medalhas expostas no peito, sentados nos bares, padarias e restaurantes do bairro com seus amigos e familiares comemorando. Mas havia também uma grande quantidade de pessoas que andava pelas ruas e frequentava esses lugares com camisas de outras provas, não estavam molhadas e nem ostentavam medalhas. Não posso afirmar com certeza que essas não tinham participado das provas daquele dia, mas não pareciam ter participado, aqueles que tinham de fato estavam sujos, suados, eufóricos demais pra não perceber que haviam corrido naquele dia. Já essas outras pessoas a quem me referi pareciam ter tirado suas camisas de provas antigas do armário para andar pelo bairro e transmitir a mensagem que também eram corredores e que já tinham participado de provas. Como se a camisa pudesse simbolizar que eles também faziam parte daquele grupo. (p.65)

Como já mencionei, os organizadores de eventos buscam despertar vários desejos de consumo, a começar pela distribuição dos *kits*, que muitas vezes ocorrem lá no fundo das lojas esportivas ou nas arenas repletas de estandes dos patrocinadores. As provas organizadas em circuito "trabalham" a questão da fidelização do consumidor de maneira bastante perspicaz. O circuito das Estações Adidas é um exemplo. Ele é composto por quatro provas que são distribuídas entre as quatro estações do ano. Ao final de cada uma delas o participante recebe uma medalha que se encaixa com as outras entregues nas demais provas. Se correr todas elas irá formar um "medalhão", ou uma "mandala" –

como é chamada no *sitedo* circuito, que simboliza as quatro estações do ano e os quatro eventos do circuito.

Figura 43 – Medalhas do Circuito Adidas.



Fonte:Acervo pessoal da pesquisadora

São inúmeros os apelos, os desejos despertados e as necessidades criadas. Os corredores usam as ruas e os eventos como palco, onde desfilam suas habilidades e aquisições, pois não é possível ficar para trás. Como diz Bauman (2008b) estar a frente “começa com a aquisição, passa pelo anúncio público de sua posse e só é considerado completo quando a posse se torna de conhecimento público, o que se traduz, por sua vez, no sentimento de pertença” (p. 108).



Estamos nos aproximando do final da corrida, momento onde é necessário foco e concentração. Muitas vezes é a hora de dar o melhor de si, usar o fôlego que ainda resta para chegar ao final com a sensação do dever cumprido ou com a alegria proporcionada pela conquista de um objetivo.

No capítulo quatro promovo o encontro da corrida e dos eventos com a educação. Não que isto não esteja presente nos demais capítulos, mas de acordo com os corredores o período que inclui a preparação e a participação nas provas, são os momentos de maior aprendizado.

Para começar, falo sobre a construção e divulgação das provas de corrida de rua. Também apresento relatos dos corredores que escrevem a respeito da importância dos eventos para a prática do esporte. Os ensinamentos provocados pelo ato de correr e pelas “testagens de si” são demonstrados através dos depoimentos dos treinadores e corredores.

4. OS EVENTOS, OS ENSINAMENTOS E A CORRIDA

Propositamente, deixei para o final os temas que impulsionaram esse estudo: a relação da corrida e dos eventos com a educação. Desde o início do trabalho, meu desejo era conhecer os efeitos da corrida nos corredores de rua. Verificar se as mudanças ocasionadas pelo hábito de correr - das quais ouvia falar nas rodas de amigos, nos programas de TV e até as que eu mesma já havia experimentado – poderiam ser, realmente, creditadas à corrida. Para ver os efeitos dos eventos na vida das pessoas, foi preciso, primeiramente organizar algumas questões: Como esses eventos de corrida são construídos, organizados e consumidos? Eles são capazes de produzir efeitos pedagógicos? Como se estabelece a preparação para participação nas corridas? De que forma acontece a vivência dos eventos? Como as pessoas são subjetivadas durante esse processo?

Gostaria de narrar tudo o que vi e ouvi nas provas em que fui espectadora, organizadora e corredora. O evento é o momento da celebração. É onde os treinamentos são colocados à prova e os mais diversos sentimentos afloram. Durante o percurso e ao final dele decepção, alegria, surpresa, tristeza, superação. Estão em cena: comportamentos, roupas, conversas, corredores, familiares, fornecedores, patrocinadores, professores, grupos de corrida, organizadores, consumo, educação, entretenimento, sociabilidade, entre outros. É nesse instante que as peças se encaixam e o quebra cabeça começa a ser montado. Tenho vontade de descrever cada tenda, cada tênis, cada abraço e cada ensinamento e aprendizado vivenciados.

Figura 44 - Vista área da Meia Maratona de Floripa- 17/06/2012



Fonte: <http://goo.gl/seuU4l>

absolutismo, Hall (2003) relata que “nunca foi possível no campo teórico dos estudos culturais, dar conta teoricamente das relações da cultura e dos seus efeitos” (p.212)e faz um alerta: devemos operar dentro de uma tensão, respeitar o deslocamento necessário da cultura, deixar com que as questões se irrite, se perturbem, sem insistir numa clausura teórica final. Considero este trabalho uma tentativa de tradução, embrionária ainda,dos elementos inscritos em uma das culturas contemporâneas que mobilizam pessoas de vários países.

Acredito que para muitos corredores os eventos encerram um ciclo e iniciam outro. Eles demarcam objetivos. A preparação para as provas nada mais é do que um grande reservatório. O corredor treina pra aumentar o fôlego, malha pra ficar mais forte, alimenta-se pra estocar energia e concentra-se para que, no dia, nada o derrube. Comparo a largada de uma prova de corrida à abertura das comportas de uma represa. Estão ali prontos para se esparramarem desejos que vão do festejar ao desempenhar. Para alguns apenas a participação, para outros, a *performance*.

A organização desse capítulo será um pouco diferente. Aqui tudo se mistura: educação, consumo e sociabilidade. Mesclarei observações feitas durante a realização dos cinco eventos analisados, com as notas do caderno de campo realizadas durante os treinamentos, conversas com organizadores de eventos e treinadores, além dos relatos dos corredores.

4.1 COMO SÃO CONSTRUÍDOS OS EVENTOS DE CORRIDA?

Quando idealizamos um evento, por mais simples que seja, estabelecemos um itinerário, um cronograma, um caminho que deve ser seguido para a materialização do que antes era só imaginação. Para iniciar, é preciso analisar a possibilidade de execução. As primeiras questões que aparecem durante o processo de verificação de viabilidade de um evento são: quando, onde e para quem? Parece-me que quando falamos em provas de corrida de rua, esses itens, que seriam essenciais para o planejamento e organização de vários outros tipos de eventos, são quase desnecessários. A corrida está difundida na sociedade de tal maneira, que as provas acontecem aos montes, durante o dia, durante a noite, em cidades grandes, pequenas, no interior, na capital, com percursos e públicos variados e sempre conquistam corredores dispostos a experimentar novos e reviver velhos desafios.

Algumas delas, patrocinadas por grandes marcas esportivas ou do varejo, chegaram ao ponto de ser disputadas por prefeituras e governos

que se oferecem para sediá-las e dar suporte à sua realização. São os chamados eventos com potencial turístico, que antes se restringiam às grandes festas populares como o carnaval e o *réveillon*. Ao “seduzirem” atletas de outras localidades, que dispendem recursos com transporte, alimentação, hospedagem, etc., movimentam a economia local, gerando divisas aos municípios. As provas de corrida têm outras características que atraem a concorrência entre as cidades: são extremamente dinâmicas, curtas, necessitam um investimento relativamente baixo – quando comparadas com a realização de shows musicais, por exemplo – contam com um público que tem poder de compra, geram mídia espontânea, vinculando a cidade a um acontecimento que promove a qualidade de vida (BARNUEVO, 2012).

O Serviço Social do Comércio (SESC), por exemplo, promove e realiza o “Circuito SESC de caminhadas e corridas” em várias cidades brasileiras. Em Santa Catarina o evento é realizado em 20 municípios, localizados em todas as regiões do estado. Há vários outros de circuitos nacionais que acontecem de norte a sul do país e arrebata uma legião de seguidores. Dois exemplos são o “Circuito das Estações Adidas”²², que em 2013 aconteceu em nove capitais (36 provas) e o “Night Run” que foi realizado em dez cidades.

Figura 45 - Cartazes de divulgação de Circuitos de Corrida



Fontes: Fonte: <http://goo.gl/Rxqvf0>; <http://goo.gl/3XVTfW>

²²Circuito das Estações Adidas é um circuito de corrida, composto por 4 provas, realizadas nas 4 estações do ano. O corredor pode participar de cada uma das etapas individualmente, recebendo uma medalha em cada uma ou optar por completar o circuito, oportunidade em que recebe uma premiação especial. Ver mais em: <http://circuitodasestacoes.com.br/>

4.1.1 Os bastidores – estruturando um evento de corrida

A construção de um evento de corrida começa com a definição do tipo de prova que será realizada (5 km, 10 km, revezamento, 21 km, maratona). Determina-se também o local, o formato, o percurso, a data, o público, os objetivos, o valor da inscrição, além de efetuar-se uma estimativa de receitas e despesas. A partir daí, analisa-se a exequibilidade, onde diversos itens são analisados: o calendário de eventos da cidade, a possibilidade de captação de patrocínios, o interesse da mídia, a expectativa de participação do público, os recursos humanos e materiais necessários e outros itens que envolvem documentações, autorizações, questões legais e de segurança. Quando considerado viável, os organizadores elaboram um projeto e saem em busca de patrocinadores e apoiadores. O caminho inverso também ocorre, ou seja, o próprio patrocinador procura um organizador para realizar seu evento. Muitas vezes, quem executa o evento é uma empresa especializada, não necessariamente o idealizador.

Após a definição da empresa organizadora, começa a procura e seleção de fornecedores. Um dos primeiros contratados é o responsável pelo *design* que cuidará de todo material publicitário utilizado no evento. É muito comum a preocupação com a identidade visual, ou seja, os cartazes de divulgação, *site*, *banners*, troféus, pódio, certificados, brindes, camisetas e toda infraestrutura do evento, devem apresentar o mesmo esquema de cores, as mesmas formas e as mesmas logomarcas. Isso não ocorre em vão. Essa padronização reforça a imagem visual das empresas e facilita a identificação. Futuramente será mais fácil aos que estiveram expostos a esses apelos, os consumidores, lembrarem-se da marca e reconhecerem seus produtos e serviços.

Embora a estrutura de um evento de corrida pareça simples, há um grande número de pessoas que trabalham nos bastidores para que a formatação final do evento seja consolidada. Recorrerei a um relato feito após uma visita à montagem da estrutura para a Meia Maratona Internacional de Florianópolis, para explicar como ocorrem esses processos.



Na véspera da prova, fui até a Beira Mar Norte, local da largada e chegada, observar o que estava sendo realizado. Era uma tarde chuvosa e lá estavam alguns

trabalhadores montando a infraestrutura que receberia o evento. Identifiquei empresas de sonorização, estrutura (palco, separadores, tendas, portal, pódio, camarote e banheiros químicos), decoração, alimentos e bebidas e segurança. Além delas, a empresa organizadora contratou diversas outras empresas para dar suporte direto à prova. Atuaram apenas no dia da corrida os fornecedores dos serviços médico-hospitalar, de fisioterapia, de cronometragem e de orientação e apoio.

Figura 46 – Montagem estrutura meia maratona internacional de Florianópolis



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

Já na Meia Maratona de Floripa, realizei a observação de todo processo, envolvendo os fornecedores contratados nas três fases que compõem a organização de uma prova: planejamento e organização, execução e avaliação.



A Meia Maratona de Floripa aconteceu no dia 17 de junho de 2012, um domingo com previsão de frio e chuva. Cheguei ao local por volta de 7h. A estrutura montada para a prova era grande, bonita e moderna. O número de inscritos superou 4.500. Nem parecia que eu estava em uma via pública, tamanha a produção que o local recebeu. Portal de largada e chegada, *lounges*, guarda-volumes, camarotes, tendas para alimentação, local para alongamento e relaxamento, pódio, estúdio ao ar livre para fotos, ambulatório, enfim, um grande evento. Tudo decorado com flores, tapetes e bandeiras, seguindo um único padrão visual.

Observando o evento, identifiquei vários outros fornecedores: as empresas de montagem de estruturas são responsáveis pelo fornecimento dos separadores que impedem a passagem em locais estratégicos, dos *boxtruss* (estruturas de ferro onde são fixadas propagandas), dos portais de largada e chegada, dos camarotes e das tendas. É importante observar que toda estrutura móvel montada para um evento deve passar pela vistoria do corpo de bombeiros e o evento deve ser devidamente registrado na prefeitura da cidade. Outra organização que deu apoio ao evento foi a Guarda Municipal de Florianópolis, que desviou e controlou o trânsito e acompanhou por meio de batedores, todo o percurso da prova. Ainda com relação à segurança, é compulsória a contratação de assistência médica. No evento, a empresa contratada montou um posto médico, disponibilizou 3 ambulâncias, que foram posicionadas em pontos estratégicos do percurso, além de 15 profissionais da área da saúde. Uma empresa de alimentos e bebidas foi contratada por um dos patrocinadores para fornecer o café da manhã para convidados e autoridades. Profissionais de fisioterapia prestaram os serviços de alongamento e massagem. Havia, inclusive, crioterapia uma técnica que consiste na utilização do gelo ou de baixas temperaturas como forma terapêutica para controlar a dor e a inflamação.

Outro serviço contratado pela organização e identificado através da observação, foi a cronometragem eletrônica que é realizada através de tapetes dispostos nos portais de largada e chegada e *chips* colocados nos tênis dos corredores. Esse serviço agiliza a divulgação dos resultados e é mais seguro que a cronometragem manual. Havia ainda fornecedores de sonorização, limpeza, banheiros químicos, brindes, fotografia, premiação (troféus e medalhas), além dos *staffs* (auxiliares). As provas de corrida de rua exigem um preparo especial da área a ser utilizada. No caso da Meia Maratona de Floripa, a organização reservou um espaço para montagem das barracas das assessorias de corrida e montou 15 postos de hidratação ao longo do percurso. Ao final do evento, hora da limpeza e desmontagem da estrutura. Os *staffs* passam juntando a grande quantidade de copos que foram jogados ao chão, a Guarda Municipal vai abrindo o trânsito gradativamente, conforme passam os últimos corredores e cada empresa fornecedora de estrutura recolhe seu material. Cerca de 3 horas mais tarde, tudo está normalizado, sem sinais do que ocorreu ali.

Figura 47 – Estrutura da Meia Maratona de Floripa



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora

No Brasil, a maioria dos grandes eventos são realizados por agências de publicidade e propaganda, empresas de comunicação e *marketing* ou associações, federações e instituições especializadas na organização de eventos esportivos. Dentre elas podemos destacar: *Latin Sports*²³, *Iguana Sports*²⁴, *Corpore*²⁵, *CC&M*²⁶ Comunicação e *Marketing*, dentre outras.

²³ A *Latin Sports* é uma agência de comunicação, marketing e eventos que tem o esporte como principal veículo para suas ações. Uma das pioneiras no mercado nacional, há 13 anos, cria e executa eventos esportivos, principalmente voltado As modalidades de corrida de rua e triathlon. Atualmente é responsável pela organização das seguintes provas: Maratonas da Caixa, Circuito Trackand Field, Fila Night Race, Ayrton Senna Racing Day, Ironman Brasil, dentre outros. Ver mais em: <http://grupolatin.com.br>

²⁴ A *Iguana Sports* é uma empresa que organiza eventos esportivos desde 2006. É responsável pela organização do Circuito Golden Four Asics, Corrida SP-Rio, Circuitos Vênus e Athenas, Rio Corre Nike+ eVer mais em: <http://www.iguanasports.com.br/2013/>

²⁵ A *Corpore* é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 1982. Atua como núcleo de representatividade e porta voz do corredor na comunidade. É responsável pela organização de diversos eventos. Ver mais em: <http://www.corpore.org.br>

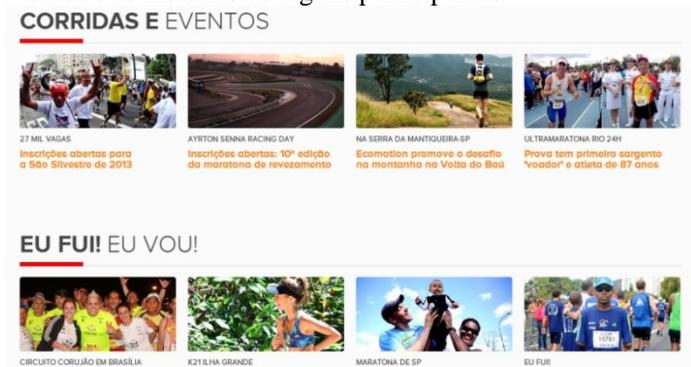
²⁶ A *CC&M Comunicação e Marketing* é uma empresa de Marketing Promocional e Eventos que está no mercado desde 1991, voltada para Promoção, Eventos, Entretenimento, Merchandising e Ponto-de-Venda. É responsável pelas corridas patrocinadas pelo Grupo Pão de Açúcar e Mizuno 10 Miles Series. Ver mais em: <http://www.ccm.com.br/>

4.1.2 Colocando a corrida na rua

Tudo começa com a divulgação. Pode-se dizer que o boca a boca e os portais de corrida hospedados na *internet* são as formas mais utilizadas para noticiar a criação ou a abertura das inscrições dos eventos de corrida de rua. Em meios eletrônicos ela ocorre em redes sociais e nos *sites* - da prova, do organizador, de revistas especializadas em corrida de rua, de empresas responsáveis pela realização de inscrições, além *deblogs*, redes sociais e portais que divulgam notícias e calendários de corrida²⁷.

Muitos desses portais funcionam como gurus dos corredores. Eles disponibilizam colunas de “especialistas em corrida”, criam manuais de tênis e equipamentos, dão dicas de nutrição, treinamento e psicologia, divulgam fotos das provas, disponibilizam *links* para inscrições, mantém agenda atualizada dos eventos, postam vídeos, notícias e em alguns deles, encontramos até planilhas de treinamento. Além de exibir o calendário de provas e oferecer vários dos serviços acima citados, o portal “Eu Atleta” criou a seção “Eu fui! Eu vou!”, na qual corredores contam sobre sua preparação ou participação em determinado evento. Os treinadores das assessorias também são “convocados” a atuar como divulgadores. Muitos organizadores oferecem descontos para que as assessorias repassem aos alunos.

Figura 48 - Seção do Portal “Eu Atleta” onde são exibidos a agenda de eventos e as histórias de alguns participantes



Fonte: <http://goo.gl/7uaWK8>

²⁷ O portal “corredor de rua” exibe um calendário atualizado das principais provas, resultados e notícias. Ver mais em: <http://www.corredorderua.com.br>

A divulgação também acontece na mídia impressa, com anúncios em revistas especializadas e jornais de circulação local e nacional. Os organizadores de provas maiores, com repercussão mais ampla, tais como o “Circuito Caixa” e as diversas maratonas que ocorrem pelo país, utilizam como veículo de difusão, o rádio e a televisão. Muitas vezes eles associam-se à imprensa, que atua como apoiadora, anunciando o evento. Além dessas mídias, a panfletagem é outra forma de divulgação. Ela é realizada nos pontos de encontro das assessorias, nos locais de treino e nos próprios eventos que antecedem a realização da prova que está sendo divulgada. Organizadores de outras corridas aproveitam a reunião do público-alvo para anunciarem o seu produto.

É assim mesmo que as provas são tratadas, como produtos. Produtos que precisam diferenciar-se, chamar a atenção e agradecer ao consumidor. Os fatores decisivos para escolha dos eventos são, de acordo com os próprios corredores, o valor da inscrição, a relação custo X benefício, a participação do grupo e o tipo de prova. Alguns apontamentos em meu caderno de campo demonstram particularidades que envolvem a preferência por determinado evento.



Treinadora - Hoje o cara do evento ficou de vir buscar o valor da inscrição do pessoal que vai fazer a prova. Tô até com vergonha, só dois do nosso grupo vão participar. Eu divulguei, mas o pessoal não se animou. Esse mês tem muitas provas e a galera tem escolhido as mais cheias, as que têm melhor custo benefício.

Treinadora - O pessoal achou caro. Eu também acho. E tem outra, eles não deram desconto pra quem corre em assessoria. Achar que o kit que eles oferecem é o máximo. É até legal, mas eles não mudam. Conheço gente que tem seis mochilas daquela. Podiam mudar ao menos a cor.

Treinador - Gosto de recomendar essas provas, que dão um monte de coisas e brindes, para o pessoal que tá começando. Eles se motivam. Na verdade todo mundo gosta disso. Muitos alunos primeiro perguntam qual o preço e o que vai ter no kit, pra depois ver o percurso.

Aluno- Adoro fazer essa prova. Até gosto de correr no asfalto, mas correr nas praias e nas trilhas é outro

astral. Também gosto muito mais de revezamento. Todo mundo se ajudando, incentivando. A gente volta pra casa morto, mas no ano seguinte já esqueceu e se inscreve outra vez. Vou nessa porque muita gente da equipe vai, anima mais!

Aluna - Tenho que escolher. Tem muita corrida legal esse mês, mas só dá pra fazer uma, né? Muito caro! Resolvi parar de pagar o vôlei pra poder correr mais provas.

Aluna - Eu vou correr essa noturna. Nunca corri uma prova à noite. É mais barata que a maioria... é que só dão uma camiseta.

Aluno - Eu corro sempre que dá. Deixo de sair pra guardar dinheiro pra fazer as provas. Adoro acordar cedo no domingo quando tem corrida. Prefiro as que têm um kit legal, coisas que eu possa usar no treino.

Alguns corredores mencionaram o alto preço das inscrições como um fator negativo, que os faz terem que optar entre as provas disponíveis.



Apenas lamento o alto valor das inscrições nas provas de rua. Acho que poderia ser mais acessível, até porque, muitas delas custam o valor de uma mensalidade de academia ou o valor do treinamento com a assessoria de corrida.



Uma das minhas coisas favoritas são as corridas de rua, só não participo todo final de semana, pois é um evento caro, mas participo das que posso e adoro!



A corrida também traz um custo muito alto nas inscrições das provas. Dependendo de quantas provas têm no mês é preciso selecionar as corridas. Hoje elas variam de R\$80,00 a R\$ 150,00 e fica inviável participar de todas.



À medida que se adquire experiência, começa-se a perceber que alguns têm custo-benefício melhor, são feitos por uma organizadora mais "tarimbada" o que faz valer um preço mais elevado, por exemplo. Outros, às

vezes, têm um preço ínfimo, mas acaba não dando um mesmo suporte ao participante ou sequer cumprem o que constaram no regulamento - o que é lamentável.

Mas ao final, nunca me senti "roubado" ou sequer arrependido. Talvez por causa da explosão de endorfina.



(...) nenhum ponto negativo, além do preço, claro, rs. A corrida de rua é cara aqui em Brasília varia entre R\$80,00 e R\$100,00, mas sei que envolve muita coisa e os eventos nunca deixam a desejar, então vale a pena.

Nos relatos, poucos corredores mencionaram os *kits*, brindes e as opções de entretenimento oferecidas nas arenas montadas para a realização das provas. A referência a esses assuntos acontecia nos treinos, quando os professores entregavam os *kits* ou quando os alunos conversavam sobre inscrever-se nesse ou naquele evento. No entanto, muitos deles se referiram aos eventos como um lugar com um "clima especial", uma "energia diferente". Essas são características trabalhadas pelos organizadores para que os eventos produzam momentos de lazer, muitas vezes, inesquecíveis. É o *dj*, a música, o alongamento em grupo, o narrador, as opções de divertimento, os lanchinhos, as massagens e principalmente a promoção da reunião de pessoas que se unem em um espírito de festa e de confraternização. Muitos mencionaram exatamente isso, o clima amistoso, a participação e a ausência de competição. A atmosfera é de descontração, os momentos são sentidos por cada um e, ao mesmo tempo, só possíveis na presença do coletivo.



O espírito de uma corrida é muito legal e é por esse espírito que treino durante a semana, para quando chegar no dia da prova, aproveitar ao máximo e correr sempre despreocupado com alguma conquista em prêmios, apenas com a conquista da superação!

O clima das provas, a preparação que antecede a largada com alongamentos, cumprimentos de colegas, o anúncio da largada pelo microfone (com todo mundo empolgado), contagia ainda mais a prática deste esporte!



O dia da corrida foi algo fantástico, de estar se sentindo oficialmente inserido no mundo das corridas, daquele momento em diante eu era mais um naquele meio de amantes das corridas.

Apenas treinar já é ótimo, mas estar no ambiente que envolve uma prova, participar desta *vibe*, torcendo ou competindo, é maravilhoso.



Outro fator que considero é o ambiente das provas de corrida. Independente das condições de cada um que participa, numa prova de corrida todos estão “curtindo” juntos. Desde o primeiro até o último colocado. Não há distinção entre os participantes. O ambiente criado para uma atividade altamente saudável junto com a alegria das pessoas que participam, faz com que elas se sintam bem nas provas independente da dificuldade que cada uma possa passar para poder terminar. O astral no lugar é altamente positivo, o que só faz as pessoas se sentirem bem por estar ali.



E foi muito legal encontrar muita gente, saudável, e ver que estavam todos lá para aproveitar o momento, sem competir com os outros, e sim, para se sentir bem! O ambiente é muito animado. É muito legal ver os vários grupos se encontrando e fazendo os aquecimentos, comemorando...



Ver aquele monte de gente largando junto, sentir o desafio cabeça *versus* pernas, ver as pessoas torcendo por ti na rua sem nem te conhecer e cruzar a linha de chegada é algo fora do normal pra mim. É um sentimento indescritível, não tem balada ou jantar gordo que supere a sensação.

Esses momentos que envolvem a construção coletiva e a participação das pessoas é que fazem dos eventos uma mídia diferenciada. As características desses acontecimentos especiais foram essenciais para que muitos investimentos migrassem da propaganda convencional para os eventos. Eles promovem encontros, propiciam um momento “desinteressado” de interação e envolvimento com as marcas, criam um clima que favorece a troca de experiências e oferecem a possibilidade de agir, ou seja, o participante não é apenas o receptor de uma mensagem. Ele é ator, participa do processo de construção do evento. (BRITO e FONTES, 2006).

A “cultura da participação” discutida por Shirky(2010), leva em conta essa necessidade. Embora o estudo do autor esteja direcionado a produção, compartilhamento e consumo de informação via *internet*,

pode-se fazer uma analogia com as corridas. Segundo ele, pessoas têm necessidade de participar, de produzir, de atuar. Ele cita os programas construídos coletivamente, os tutoriais em vídeo que ajudam a encontrar soluções para problemas, os *blogs* que compartilham informações e ensinam técnicas de culinária, artesanato, entre outros. Segundo ele estamos em busca de valores pessoais.

O valor pessoal é o tipo de valor que recebemos por estar ativos em vez de passivos, por ser criativos em vez de consumistas. Se você tira uma fotografia, faz uma cesta ou fabrica um modelo de trem em miniatura, retira algo da experiência. Essa energia, move praticantes de passatempos em todo mundo. (...) Como os seres humanos têm motivações sociais tanto quanto pessoais, as motivações sociais podem induzir a muito mais participação do que as motivações pessoais sozinhas.(p. 153-154).

A observação, por parte dos organizadores de provas, das questões envolvendo a participação em grupo, talvez tenha impulsionado o mercado das corridas de revezamento, que estimulam a participação da equipe, que não só corre, mas também dá suporte aos companheiros durante o percurso. Entra em cena a construção coletiva e o alcance de um objetivo compartilhado. Em Florianópolis, acontecem três grandes provas desse tipo: a “Volta à Ilha”, o “*Mountain Do Lagoa da Conceição*” e o “*Mountain Do*” Costão do Santinho. Há algum tempo, o organizador desta última, aproveita a vinda de atletas para a Volta à Ilha e monta, nos principais pontos de chegada de turistas na cidade, o aeroporto e a rodoviária, um pequeno estande onde são distribuídos brindes e entregues informativos sobre o evento organizado por sua empresa.

Esse mesmo organizador realiza diversas provas pelo Brasil e sempre aproveita a prova anterior para divulgar as próximas. No evento “*Mountain Do Costão do Santinho*”, divulgou através de vídeos e *banners* os eventos: “*Mountain Do Praia do Rosa*” e “*Mountain Do Canela*”. Atualmente o “produto” que tem merecido mais destaque é sua prova internacional: O “*Mountain Do Deserto do Atacama*” – Chile. Para divulgar e conquistar corredores para esse evento, levou para etapa do “*Mountain Do Canela*” (realizada em 2012 em Canela – RS) um grande *banner* onde está plotada uma fotografia do deserto. Ao lado,

estavam disponíveis duas lhamas para que os participantes pudessem compor o cenário de suas fotografias.

Figura 49 – *Banners* divulgando eventos



Fonte: Acervo da pesquisadora

4.1.3 Criando um clima pré-evento

Criar um ambiente favorável ao consumo das provas de corrida, ao relacionamento com as marcas presentes na “festa” e propiciar encontros, é tarefa que não envolve apenas a organização, mas também patrocinadores e todas as outras indústrias que lucram ou se beneficiam com a realização de eventos desse tipo. A maioria das estratégias utilizadas envolve redes sociais: confirmação de presença virtual, postagem de contagem regressiva e promoções relacionadas às curtidas no *facebook*²⁸. Também existem ideias bastante criativas que são usadas para atrair os corredores e segredos “guardados a sete chaves” que provocam a curiosidade e geram expectativas.

²⁸ Curtidas no *facebook* – são manifestações de aprovação ou de suporte a uma postagem.

Figura 50 – Divulgação de eventos por meio do facebook



Fonte: Acervo da pesquisadora

Há organizadores de provas que promovem concursos de desenho destinados aos filhos dos participantes e divulgam o resultado durante o evento. Outras montam feiras e exposições. Há ainda os que disponibilizam a participação em *workshops* ou palestras nos dias que antecedem as provas. A Maratona de Nova Iorque é um exemplo. A prova principal ocorre num domingo, mas ao longo da semana acontecem vários eventos menores. Dez dias antes da corrida, o participante que quiser desembolsar quarenta dólares, tem a possibilidade de conhecer o percurso da Maratona a bordo de um ônibus o que é chamado “*Marathon in a Motorcoach*”. Além disso, os organizadores promovem: feiras de produtos, corrida de 5km, jantar e encontros com os ídolos (maratonistas que estão na cidade para participar da prova principal). Esse ambiente criado “artificialmente” estimula a ansiedade e desejos de consumo.

Os portais de corrida também são um espaço de troca de informações e contribuem com o clima pré-evento. Visitei o site “*webrun*” na época da “Meia Maratona Internacional de Florianópolis” e encontrei um fórum onde as pessoas comentavam sobre suas expectativas para a prova, confirmavam presença e buscavam informações sobre opções de hospedagem e alimentação. Também foi disponibilizado o serviço da prova: local, horário, mapa e previsão do tempo. Na mesma época, outros sites, blogs e redes sociais, noticiavam e

atualizavam o número de inscritos, indicavam os favoritos e relatavam as expectativas dos corredores.

Figura 51 - Informações sobre os eventos

Comments from a social media page:

- por MARCELO M. PINHEIRO** (21 de Mar de 2012)

Quem já participou desta prova?
- por BEATO D. O. SILVA** (21 de Mar de 2012)

Quem já participou desta prova?

Opinião: Eu comi este ano e fiz e achei muito boa. Tivemos sorte de não se aparecer após 1h de corrida. Percorso praticamente plano e bom para fazer tempo. Estrutura adequada para o numero de corredores no percurso e chegada.
- por KONNY NÉDES** (21 de Mar de 2012)

Este tópico foi aberto para garantir os comentários sobre "Meia Maratona Internacional de Florianópolis 2012".

Opinião: Eu comi este ano e fiz e achei muito boa. Tivemos sorte de não se aparecer após 1h de corrida. Percorso praticamente plano e bom para fazer tempo. Estrutura adequada para o numero de corredores no percurso e chegada.

News article snippet: **Corredores vivem expectativa para a Meia de Florianópolis**

Me última semana (20-21), bastante gente se deu ao trabalho de participar da Meia Maratona Internacional de Florianópolis realizada no dia de domingo, realizada para obter dinheiro para ser doado à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Santa Catarina (FAPESQ).

Blog post snippet: **Africanos são favoritos na Meia Maratona Internacional de Florianópolis**

A edição de 2012 da Meia Maratona Internacional de Florianópolis promete uma disputa acirrada entre atletas de elite. Comandada por Elviseu Guimarães, principal protagonista da competição é o brasileiro do São Paulo, o paulista Africano é o líder de alguns dias melhores resultados, embora que também possui uma grande base de apoio, acima de uma milhar (1.000+).

Website snippet: **Meia Maratona Internacional de Florianópolis ultrapassa os 2 mil inscritos**

A Meia Maratona Internacional de Florianópolis ultrapassou os 2 mil inscritos para a edição deste ano e atingiu uma marca de cerca de 10 mil atletas, proporcionando assim um grande sucesso para todos.

Weather forecast for Florianópolis:

- 25/03/12: 25°C / 12°C
- 26/03/12: 27°C / 12°C
- 27/03/12: 28°C / 12°C
- 28/03/12: 28°C / 12°C
- 29/03/12: 28°C / 12°C

SERVIÇOS

Eu vou:

- Traga informações com outras pessoas que irão participar deste evento!
- RSS de notícias deste evento

PREVISÃO EM Florianópolis para 25/03/12

Só com algumas nuvens, não chove. Temp. máx. de 25°C e mín. de 12°C, vento E com intensidade 1 km/h, umidade de 90% e probabilidade de chuva de 0% (por CLIMATEMPO)

Fonte: Acervo da Pesquisadora

De acordo com Bortolazzo (2010) é assim que vão surgindo outros desenhos de sociabilidade na *cibercultura* contemporânea, que

tem na aparência, na imagem, no sentimento e no afeto, características que permitem a formação de tribos. Para o autor, a formação de comunidades virtuais proporciona aos participantes uma nova forma de identificação que nasce espontaneamente e é estimulada por alguns mecanismos de atração e repulsa.

As agregações sociais no *ciberespaço* carregam consigo, de modo intencional ou não, a marca cultural dos participantes, componentes de identificação que ligam ou colam as pessoas a um determinado tema de mesmo interesse. (...)Trata-se de mais uma possibilidade de construir laços sociais que vão sendo consolidados no ambiente *online* (p.95).

A função dos *blogs*, grupos, páginas e fóruns estudados, enquanto rede de suporte emocional e de divulgação de informações é expressivo, pois os participantes se apropriam desse espaço para comentar, informar, oferecer produtos, trocar informações, divulgar ideias e solicitar sugestões. As mais diversas formas de apropriação de uma rede social colaboram para reforçar a ideia de que esses espaços são locais onde o conhecimento é produzido e compartilhado. Ao discutir a questão da cultura na mídia, Kellner (2001) afirma que nesses meios surgem pedagogias culturais, nem sempre perceptíveis que contribuem para “ensinar como nos comportar e o que pensar e sentir, em que acreditar, o que temer e desejar e o que não”(p.10).

Além das comunidades virtuais, a imprensa também auxilia na formação do clima pré prova. O jornal de maior circulação do estadoveiculou, na semana que antecedeu a Meia Maratona Internacional de Florianópolis, matérias sobre o evento. Os temas giraram em torno dos benefícios da atividade, dos exemplos de superação de alguns dos participantes da possibilidade de unir exercício e sociabilidade ao participar de grupos de corrida,além de trazer os serviços da prova:horários,percurso, número de inscritos, cuidados pessoais, localização dos pontos de hidratação e orientação sobre o trânsito.

Figura 52 - Divulgação dos eventos



Fonte: Acervo da Pesquisadora

No que se refere ao diferencial da prova, algumas empresas usam a criatividade, buscando percursos nunca explorados por corredores ou formatações diversas. Outras usam o poder econômico para conquistar corredores para os eventos. Através de uma colega de trabalho fiquei sabendo de uma prova bastante interessante no que concerne à sociabilidade, consumo e estratégias de interação cliente-marca.



Se eu já gostava de correr aqui. Agora imaginem isso. Lembram que tive que apresentar aquele trabalho em São Paulo quinta e sexta passada? Quando eu soube que ia, pedi para uma amiga que mora lá, ver se tinha alguma corrida no final de semana. Ela me falou de um tal Circuito Vênus, e fez a nossa inscrição. Não sabia praticamente nada sobre o evento - só que era uma corrida para mulheres-, e por isso, tudo foi uma surpresa. No sábado fui até Jockey Club para retirar o kit. Gente que susto! Tinha um tal de "Day Care": massagem, manicure, maquiagem, enfim tudo que eu tinha direito e de graça, um luxo! Tinha também muita coisa para comprar e degustar. Mas, frescuras a parte, a prova é super, super bem organizada e o percurso, muito legal!

Esse depoimento suscitou minha curiosidade e fez com que eu fosse pesquisar mais sobre o evento. Ele acontece no Rio de Janeiro e em São Paulo, é uma corrida formatada exclusivamente para o público feminino e faz parte dos eventos patrocinados pela marca esportiva "Nike". Outros patrocinadores foram identificados: a "Veet" - uma empresa que fabrica produtos para depilação, a "Arno" - fabricante de

eletrodomésticos, a “*Netshoes*” – loja virtual de produtos esportivos e a “*Honda*” – que anunciou no Japão o lançamento de um carro voltado para as mulheres. O evento é organizado e realizado pela Iguana Sports.

Ao explorar o *site*, encontrei algumas informações. Havia duas opções de *kit*, o *pluse* o *premium* e os preços de inscrição variavam de acordo com o escolhido. Essa é uma estratégia interessante, uma vez que o corredor que participa de vários eventos possui muitos dos itens que compõem esses *kits*. Em meu caderno de campo tenho anotadas “reclamações” nesse sentido.



Eles cobram caro porque o *kit* é bom. Mas eu não quero *kit*, quero só correr. Já tenho garrafinha, cinto, toalha e mochila.



Ontem juntei um monte de coisas pra doação. Descobri que tinha oito mochilas iguais, aquelas da *Gatorade*, que eles dão no *Mountain Do*. No próximo vou perguntar se tem desconto pra quem não quer mochila.

Figura 53 – Exemplos de *kits* de corrida



Fonte: <http://goo.gl/QheexV>

Outra constatação interessante refere-se ao que foi “contado” por minha colega de trabalho. Na página do “Circuito Vênus”, as atividades do *Day Care* estão descritas no item informações, não são colocadas em evidência como um grande diferencial do evento. Talvez seja uma estratégia para surpreender os que ainda não conhecem a corrida, ou quem sabe, os organizadores tenham constatado o mesmo que eu. Os corredores valorizam a atmosfera de festa, mas isso não é o mais importante para eles. Em nenhum dos relatos foi mencionada falta de atividades de entretenimento. Tão pouco isso apareceu como um ponto que merecesse muito destaque. Alguns relataram as frutas, a presença do narrador e a música, mas nada além disso. Os corredores parecem

valorizar muito mais questões técnicas como: pontos de hidratação, segurança e aferição do percurso.

Figura 54 – Informações no site do “Circuito Vênus”



INFORMAÇÕES

Informações da Prova

VÊNUS 10K
Diversão, saúde e beleza na maior corrida feminina do Brasil. O fim de semana da Vênus 10K oferece experiências que vão além do esporte. Chame as suas amigas e venham se divertir nos:



REGULAMENTO

RETIRADA DE KIT

DATA: 15/06/2013
LOCAL: Av. Lineu de Paula Machado, 1263 no Jockey Club – Morumbi.
(Entrada principal – portão 03)
HORÁRIO: 8:00 às 20:00 – As 18:00 encerram-se as ativações da arena.

LARGADA

DATA: 16/06/2013
LOCAL: Av. Lineu de Paula Machado, 1263 no Jockey Club – Morumbi.
(Entrada principal – portão 03)
HORÁRIO: 7:30

DAY CARE

Sua experiência começa no sábado! Venha com as amigas curtir as ativações da Vênus 10K

- Ativações da Nike e Netshoes
- Manicure no espaço Honda
- Maquiagem e ação de foto no espaço Veet
- Tenda de massagens oferecidas pela Unimed
- Reflexotermos oferecidos pela Bayer
- Salão de beleza oferecidos pela Arno
- Degustação de alimentos no espaço Arno
- Degustação de sucos, chás e atendimento nutricional pela Wow Nutrition
- Gatorade pós prova
- Tenda de massagens oferecidas pela Onodera
- Aulas de Zumba Fitness para queimar calorias e venda de DVD's





Fonte: <http://goo.gl/QheexV>

O “portal terra”²⁹ fez a cobertura da prova que ocorreu em São Paulo em 2010 e a reportagem ilustra bem as estratégias utilizadas pelos patrocinadores para interagir com os clientes.

²⁹ Ver mais em: http://www.circuitovenus.com.br/final_venus/index.php



Astral de Corredora – Flávia Pisani – Texto e Caio Guatelli (fotos)

Sucesso absoluto na abertura da etapa de novembro do Circuito Vênus SP, no Jockey Club, as quase 6 mil inscritas dedicaram um dia para si repleto de massagens, maquiagem, *test drive*, comprinhas... “Retirada de kit? É bem mais que isso. É realmente um evento e mulher gosta mesmo é de se sentir especial. Começa pela localização, no Jockey Club. Ai você chega e faz um *test drive* de um Honda CRV e depois vai às compras no espaço em que só há produtos para elas e os melhores lançamentos do esporte que você pratica. Então escolhe quais massagens fará e como customizará a camiseta que correrá no dia seguinte. O que mais uma mulher pode querer?” A descrição é da advogada Sandra Maciel, 40, que treina para fazer sua primeira meia-maratona em fevereiro, e é participante assídua do circuito mais feminino do Brasil, que no pátio de chegada de amanhã terá reunido em três anos 50 mil concluintes.

E o dia 20 de novembro não podia ter começado melhor. Céu azul e ensolarado na cidade de São Paulo foi sinônimo de aproveitamento das diversas atividades prazerosas do *Day Care*, no Jockey Club. As corredoras marcaram presença para pegarem seus kits, a pulseira de ritmo e principalmente curtir. Luana Diniz, 26, fisioterapeuta, aprovou o dia dedicado aos cuidados especiais: “No kit tem uma bolsa *superfashion*, camiseta tecnológica, comidinhas e produtos Avon. Tudo muito lindo”.

O *Day Care* traz um dia inteiro de novidades, descontração e beleza só para elas. Isso tudo com o intuito de prepará-las para a corrida do dia seguinte. Logo de manhãzinha, Joana Gomes, 37, estava muito animada. “O *Day Care* é um incentivo total para as corredoras



iniciantes, por ser um evento voltado para o público feminino. Amei!”.

E não eram só elas as presentes. Maridos, namorados, pais, filhos e amigos não deixaram de prestigiar o evento. É o caso da fisioterapeuta Luciana Suenari, 37: “Trouxe até minhas filhas Gabriele, 10, e Juliana, 6. Elas estão aproveitando até mais do que eu. É demais poder participar de um evento que traz novidades e lazeres para toda família poder aproveitar”.

Make, corrida e mais, muito mais.

No espaço Avon, as corredoras receberam reflexologia (massagem nos pés) e foram maquiadas por profissionais, ouvindo dicas e instruções do uso dos produtos da marca. Clarice Barros, 30, testou: “Adorei a seção de maquiagens, pois as dicas são para o dia a dia. Considero bem importante a mulher estar sempre bonita, em todos os momentos.” Era o que ressaltava a *makeartist* Edna Rosa, 48: “A corrida é relacionada diretamente com beleza, o que aumenta o bem-estar e a auto-estima das mulheres. Para melhorar a experiência, só não esquecer do protetor solar e do demaquilante para limpar bem o rosto.”.

Na Nike, a movimentação foi gerada especialmente pela competição das esteiras em prol dos projetos sociais Esporte Solidário e Vida Corrida. As mulheres correram durante o som de uma música completa e, em tempo real, a foto delas ia para o *Facebook* da NikeCorre. Quem receber mais comentários será premiada com um *kit* da Nike. Mas isso é só detalhe. O que fez a quilometragem dos aparelhos

realmente aumentar durante todo o dia é que a esteira que marcasse o maior número de kms rodados resultará em 100 *kits* da Nike para o projeto social representado.

Animada por ser uma das representantes do Vida Corrida, Fernanda Lima, 28, fez questão de se expressar: “Acabei de correr e estou realizada porque até agora fiz um dos melhores tempos na competição das esteiras”.

A poucos metros dali, a programação do *Day Care* não parava com aulas: de *hip hop a yoga*. Cilei Moreno, 44, estava realizada em ter participado da aula. “Fiz a aula de *hip hop* e achei fantástica. É importante conciliar a corrida com outras atividades e a Vênus nos proporciona isso”. Já Aparecida Nascimento, 38, preferiu a força e a flexibilidade do *yoga*: “A prática dessa atividade faz toda a diferença na hora de correr. Fico muito mais relaxada e até respiro melhor. Amanhã é a hora de mostrar o resultado!”.

Dos eventos que fizeram parte deste estudo o que mais oferecia opções de entretenimento foi o “*Mountain Do Costão do Santinho*”. Ele é realizado num formato diferente e dura três dias: dois dedicados a sociabilidade e um à corrida propriamente dita. As fotografias e os relatos realizados na ocasião da “visita” ajudam a ilustrar a intenção do organizador em criar um clima propício à sociabilidade e ao consumo.

Figura 55 – *Mountain Do* – Canela 2012



Fonte: Acervo da pesquisadora



Mountain Do - Dia 1 - Na sexta-feira, primeiro dia de evento, o organizador promove o que denomina Simpósio Festivo. Nesse dia, o corredor inscrito na prova foi até o local do evento para retirar o seu kit de participação composto de: Camiseta *Clima Lite* Adidas, Mochila Gatorade, Squeeze Gatorade, Boné *Mountain Do* e numeral de peito - (descrição do organizador do evento). Além disso, no local, o atleta, recebeu informações mais detalhadas sobre o percurso da prova, tais como: altimetria, distâncias, pontos de hidratação, etc. Cheguei ao local uma hora antes do horário marcado para o início do simpósio. Vi uma grande estrutura montada com fotos dos eventos promovidos pela empresa, banners anunciando as próximas corridas, estandes de patrocinadores que proporcionavam a interação entre os corredores e seus produtos, - numa clara intenção de relacionamento e venda. Estavam lá empresas expondo

tênis, roupas, suplementos, relógios e outras prestando serviços como massoterapia e alongamento, tudo adequado à audiência formada por corredores e familiares.

No início do simpósio foi feita grande publicidade da empresa organizadora, com ênfase em uma prova promovida no deserto do Atacama, Chile. Tal ação publicitária foi realizada através de vídeos que mostravam não só a prova, mas também patrocinadores e a mídia espontânea conquistada com a realização do evento. Foram mostradas inúmeras revistas, trechos de programas de televisão, conteúdos de sites que noticiaram a prova. O vídeo também foi o recurso utilizado pelo organizador para apresentar a prova, fazer com que o corredor visualizasse o percurso e tivesse as informações necessárias sobre os trechos a serem percorridos, os cuidados a serem tomados e os detalhes da estrutura montada. Ao final, em meio aos estandes dos expositores, foi servido um coquetel com sucos, frutas, assados e sanduíches, oportunidade para compartilhar e comprar. O organizador deu um tiro certeiro. Camisetas de equipes misturavam-se, num momento de encontro, descontração, consumo e troca de experiências. A tribo estava reunida e se encontraria novamente no outro dia para correr.

Figura 56 – Simpósio Festivo *Mountain Do Costão do Santinho* 2012



Fonte: Acervo da pesquisadora

As observações do evento, sob o aspecto mercadológico, nos levam a concluir que tudo foi pensado para uma audiência determinada. O objetivo principal é dar visibilidade aos principais patrocinadores, convocando a participar do evento um público que possa vir a ser consumidor em potencial. Portanto, o que o organizador quer é

encontrar e seduzir o corredor que tenha o perfil determinado pelos patrocinadores para participar do evento. Ele faz isso através da divulgação, regulamento, preço e formato que escolhe para prova.

Já o patrocinador tem no evento a oportunidade de despertar desejos de consumo, através de ações diretas e indiretas. As diretas referem-se a ações de relacionamento no ponto de venda – como fez, por exemplo, a “Escola Técnica *Advance*” que oferecia massagens antes e após a corrida e divulgava os cursos de massoterapia, enfermagem e estética. As indiretas consistem na vinculação do nome ao evento, como fez a “Repecon” – revenda “Fiat”, cujo nome aparecia apenas na publicidade do evento, sem nenhuma ação específica no local.

Para participar do “*Mountain Do*” os corredores pagaram entre 94 e 200 reais, dependendo da categoria e data de inscrição. A escolha do local de realização – o “Resort Costão do Santinho”, o formato do evento (três dias de duração), a data (feriado de Páscoa), a composição dos *kits* e qualidade dos produtos e serviços oferecidos reforçam tal constatação.



Mountain Do dias 2 e 3 - A prova foi longa. Teve início às 8 horas e terminou por volta das 18 horas. O percurso tinha vários pontos de dificuldade, o que fez com que o organizador contratasse quatro UTI's Móveis. Eram sete postos de troca e mais de vinte pontos de hidratação (que intercalavam água e *gatorade*). As largadas foram realizadas em três momentos, respeitando os tempos de cada equipe inscrita.

Os atletas foram chegando e o colorido das camisetas tomou conta da arena. O clima era de descontração. Bonés, óculos, relógios e monitores cardíacos, eram assessórios utilizados pelos componentes da tribo. Além disso, protetor solar, barras de cereal e suplementos alimentares também foram observados com frequência.

Na largada e após cada troca, o incentivo da equipe, que se deslocava rapidamente, de um ponto ao outro para acompanhar, quando possível, o companheiro, era contagiante. Na chegada, os componentes demonstravam um misto de exaustão e satisfação. As primeiras palavras eram: “que loucura”, “o percurso é muito difícil”, “pensei que não chegaria aqui”. Aos poucos essas sensações vão sendo substituídos pelos sentimentos de orgulho pela conquista, superação e alcance de objetivos.

Enquanto os atletas corriam, os familiares e amigos desfrutavam de uma estrutura de lazer e as crianças se divertiam no *Mountain Do Kids*, espaço de recreação infantil com atividade recreativa lúdica, com base nos princípios do atletismo.

Quando o último corredor da equipe apontava na reta final, todos os outros componentes se juntavam a ele e juntos, cruzando a linha de chegada juntos e recebendo posteriormente uma medalha de participação. Ao final do evento foram distribuídas fatias de pizzas e uma mesa com diversas frutas estava à disposição dos atletas.

No domingo de Páscoa, para encerrar o evento, foi realizada a cerimônia de premiação. As três primeiras equipes de cada categoria, receberam troféus. Em seguida aconteceu um almoço de confraternização entre competidores, acompanhantes e organização, durante o qual foram entregues DVDs com imagens da corrida e um CD com fotos do evento às equipes participantes.

Como já mencionei, as atividades que envolvem a participação dos “clientes corredores” também são bastante comuns nos dias das provas. É como se fosse um parque de diversões. Além de correr, a pessoa tem outras opções naquele espaço programado para o prazer, o entretenimento. O empresário Euclides Neto criador e organizador das Provas “Mountain Do” revelou as estratégias que usa para estruturar cada evento.



A gente criava os eventos pensando em uma grande reunião de família e amigos. A estrutura era montada para isso, para promover os relacionamentos. Com o tempo e o crescimento da prova fomos percebendo que poderíamos promover, através de um evento de corrida, não apenas relações sociais, mas também relações profissionais e nos estruturamos para isso. Hoje além do tradicional almoço, realizamos o simpósio seguido de coquetel, festas e buscamos realizar provas em lugares turísticos e bem estruturados que possam oferecer ao participante uma fuga do cotidiano e a fruição de momentos de lazer (antes, durante e depois do evento).

Na arena da corrida que participei, a “Maratona Caixa de Santa Catarina”, não havia grande variedade de entretenimento. Um das marcas patrocinadoras, a “Gomes da Costa”, organizou um estande com

degustação de patês e uma pescaria. Cada peixinho dava direito a um brinde da marca. No estande da empresa esportiva “Fila” havia exposição e venda de produtos. Também foi montado um corredor revestido de carpete, de cerca de 20 metros, com um placar e sensores, cujo intuito era mediar a velocidade dos que desejassem participar. Em uma tela era organizado um *ranking* para que todos pudessem visualizar suas posições. Em outro ponto da arena, havia uma tenda onde você era recebido por um atendente que perguntava seu nome. Depois, era só se posicionar, fazer uma pose e se deixar fotografar. Foi o que fiz. Em menos de quinze segundos recebi a foto personalizada com o nome do evento. Pesquisei na *internet* e descobri que o brinde chama-se foto imantada. Ainda no quesito fotografia, a organização disponibilizou um *banner* com a imagem da Ponte Hercílio Luz para que os participantes tirassem fotos.

Figura 57 – Maratona Caixa de Santa Catarina - 2013



Fonte: Acervo da pesquisadora



4.2 O QUE OS EVENTOS DE CORRIDA ENSINAM?

Ficar parado ao lado de fora das grades assistindo a chegada dos corredores de uma maratona é uma experiência marcante e emocionante. Muitos procuram por seus familiares e cruzam a linha de mãos dadas com a esposa, filhos, pais e até animais de estimação. Há aqueles que choram copiosamente, os que beijam o chão, dançam, pulam, gritam, levantam os braços para o alto e agradecem. No entanto, uma cena é bastante comum e se repete o tempo todo: a mão no relógio que trava o cronômetro. Observar essa cena diversas vezes, me fez refletir sobre a relação entre a educação e a corrida.

Bauman (2008b) traz um conceito interessante chamado por ele de vida pontilhista ou tempo pontilhado, pontuado. Ele se apropria de termos usados por Mafessoli (tempo pontilhado) e Aubert (tempo pontuado) para falar sobre ruptura, descontinuidades e intervalos que separam pontos. De acordo com o autor, o tempo na sociedade líquido-moderna de consumidores não é cíclico nem linear, como costumava ser para os membros de outras sociedades. Em vez disso, ele é pontilhado. Ele entende que a vida, seja individual ou social, não passa de uma sucessão de presentes, uma coleção de instantes experimentados com intensidades variadas. Como vimos, os eventos são pensados para isso, são criados em função dessa ideia, experimentar (com intensidade).

Os treinadores de corrida revelaram que muitos alunos mudam constantemente suas metas e que isso tem relação com o desempenho nos eventos (talvez também com a vida pontilhada de Bauman).



Treinadora - a maioria começa com provas de 5 km. Alguns correm duas ou três e já querem partir para os 10 km e assim por diante. Aí se frustram com o desempenho na prova e voltam para os 5 km querendo melhorar o tempo. Alguns fazem uma meia maratona e já querem se inscrever para maratona.

Parar o cronômetro na prova do domingo também pode significar o encerramento de um ciclo, pois na segunda-feira o objetivo já será outro. O corredor escolherá outra prova e durante um período se preparará para ela. O novo objetivo opera como um renascimento. De

acordo com Costa (2009b), a intensidade e a instantaneidade substituem a duração e a continuidade. Na mesma linha de pensamento, André (2006), entende que na modernidade atual há um incitamento constante em direção ao futuro o que obviamente só pode ser feito na atualidade dos eventos, na efemeridade das sensações, como algo que é vivido, presenciado e *performatizado*. A grande oferta de eventos pode contribuir para as sensações de fugacidade, de transitoriedade e para a manutenção do ciclo treinar, colocar-se a prova, treinar.

A percepção da fragmentação também está presente em alguns conceitos de evento apresentados no Simpósio “*Event as anartistic, cultural andpoliticalpractice*”,³⁰ promovido em março de 2013, pela escola de Análises Culturais da Universidade de Amsterdam. Poposki (2013) entende o evento como um momento de ruptura, uma ocorrência perturbadora, um perigoso e imprevisível suplemento que some tão logo que aparece. O conceito de evento de Morfin (2013) também remete ao evento um caráter instantâneo, momentâneo, “um evento é compreendido como uma confluência única de circunstâncias; é pontual e, portanto, efêmero. No entanto, um evento pode ter uma estrutura iterativa permitindo com que ele seja repetido e reapresentado” (p.9).

Nos diálogos e relatos dos corredores foi possível observar que a dedicação e aos treinos e a motivação são suplementadas pela existência de eventos futuros. Isso não está relacionado apenas às provas, mas também a outros tipos de eventos como os sociais, por exemplo. Durante a pesquisa presenciei conversas de corredores que relataram que a proximidade de um casamento ou aniversário determinou uma maior aplicação aos treinamentos e à dieta. Da mesma forma, para outros, provas de concurso tornaram-se prioridade em certo momento e fizeram com que a prática da corrida ficasse de lado.

Percebe-se, portanto, que a vida cotidiana é vivida em função de acontecimentos de curto prazo e que mudanças são realizadas com intuito de satisfazer a necessidade que se encontra mais premente em cada período. “No tempo pontilhista, é tarefa de cada ‘praticante da vida’ organizar os pontos em configurações dotadas de significado” (BAUMAN, 2008b, p. 49).

Os eventos parecem ser uma tradução dessa necessidade: de ter algo para conquistar, de ir pontilhando metas de curto prazo, de estabelecer prioridades. Aí aplica-se também a pedagogia da persistência. Para alcançar uma meta é preciso foco, determinação e continuidade. Como já mencionei, entendo que para muitos corredores

³⁰ Ver mais em: <http://goo.gl/E9E0m4>

os eventos são como uma marcação. Há um antes e um depois. Preparar-se para eles, ensina; participar deles, também.

4.2.1 Os eventos como motivadores dos treinamentos

Para os corredores que participaram deste estudo, os eventos atuam como grandes motivadores tanto para inserção quanto para a *permanência* no esporte.



Os eventos... Esses podem ter sido essenciais para meu início no mundo da corrida. Ver toda aquela gente correndo e vendo, principalmente, que era possível fazer o mesmo, quebrando paradigmas de que correr era feito apenas por atletas.



Já participei de diversas provas. Acho que é um grande motivador para permanecer mantendo uma vida de exercícios. O meu primeiro evento, como já disse, foi após duas semanas do começo na corrida. E foi exatamente esta prova que me fez viciar no esporte. Estar naquele ambiente, "criou um vírus".



Tenho todas as razões para acreditar que os eventos são um motivador para o ingresso de novos praticantes no esporte, na sua continuidade e melhora no desempenho da corrida. Entendo ainda, que a despeito de todo o comércio que há por trás dessas provas, a equação gera sempre um resultado positivo para quem delas participa.



Vejo as corridas de rua como algo que auxilia demais na motivação do corredor. Tanto pelo lado esportivo, como pelo lado social. Você conhece gente nova e interage com pessoas desconhecidas.



Diversos fatores nos fazem evoluir com os treinos de corrida. Junto com a melhora da saúde, da disposição, mudança do hábito alimentar, sono entre outros, vem também a melhora no condicionamento físico. E essa melhora nos faz cada vez mais querer evoluir em qualidade de treino, bem como em percorrer distâncias maiores. E é aí que entram os eventos. Eles são altamente motivadores.



Os Eventos de corrida são muito empolgantes, me fazem querer melhorar sempre.



As provas de corrida me motivam, sempre tenho uma em vista. Treino pensando no desempenho que quero alcançar.

Os treinadores com os quais conversei concordam que os eventos atuam como propulsores do treinamento.



Treinador - Muita gente chega aqui com o objetivo de correr para emagrecer, melhorar o condicionamento ou por outras questões estéticas. Mas se você perguntar um tempo depois por que eles correm vão dizer que é para participar dessa ou daquela prova.

Treinador - As provas de corrida são citadas por muitos deles quando vem procurar pelo treino. Alguns perguntam se a gente participa dos eventos e como isso funciona. Outros já vêm com a prova específica. Outro dia teve um que me perguntou quantos quilos iria perder se fizesse o treino "certinho" para correr a São Silvestre de 2014.

Esses depoimentos demonstram que a participação nos eventos faz com que os objetivos iniciais, que fizeram com que a pessoa procurasse a corrida, acabem sendo transportados para os eventos e vinculados a eles. É como se fossem se diluindo a medida que os eventos passam a fazer parte da rotina de corredor. Na equipe "Time", os professores solicitam aos membros do grupo, que insiram nas suas planilhas *online* os eventos que irão participar. Isso auxilia no planejamento dos treinamentos. É preciso que eles sejam adequados à quilometragem e ao "estilo" da prova.

A participação em um evento exige alguma preparação prévia, que cresce proporcionalmente ao desafio que o corredor determina. Essa preparação antecipada exige paciência, respeito aos limites do corpo, continuidade, submissão a regras, foco e treinamento. A melhor sensação relatada pelos participantes da pesquisa durante as conversas foi a de conseguir superar uma marca, seja de distância ou de tempo, que parecia intransponível algum tempo antes. Isso é testado nos eventos (que talvez confirmam significado a tarefa de correr).

Nas pesquisas inspiradas nos estudos culturais encontrei muitas vezes o termo pedagógico cultural. De acordo com Giroux e McLaren

(1995) existe pedagogia em “qualquer lugar em que o conhecimento é produzido, em qualquer lugar que existe a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que essas verdades pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar comum” (p. 144). Acredito que a preparação para os eventos e a fruição dos mesmos sejam exemplos da produção de conhecimento e construção de verdades sobre si mesmo. Nesses momentos o foco é deslocado para cada um e cada um é responsável por ditar e perseguir objetivos. Referências a esses assuntos foram encontrados nos relatos dos corredores e nas narrativas de Murakami.

Em diversos trechos do livro, Murakami (2010) se refere à corrida como um processo de descoberta de si:

Quando se trata de duas pessoas, sempre é possível aparecer com uma justificativa razoável, mas não dá pra tapear a si mesmo. Para mim, correr é tanto um exercício como uma metáfora. Correndo dia após dia, coleciono corridas, pouco a pouco elevo meu patamar, e cumprindo cada nível aprimoro a mim mesmo. Pelo menos é nisso que deposito meu empenho dia após dia(p.16).

Os corredores também se referiram à corrida como um instrumento de controle sobre si, como uma atividade que gera aprendizado sobre o “eu”. Costa e Andrade (2013) revela que suas pesquisas são inspiradas em uma concepção de educação como

vontade de governar, de moldar e dirigir condutas, em que pedagogias são praticadas em variados espaços e contextos. Diversificados espaços e artefatos culturais estão hoje implicados tanto nas formas como as pessoas pensam sobre si mesmas e sobre o mundo que as cerca, como nas escolhas que fazem e nas maneiras como organizam suas vidas. (p.2)



A corrida me proporcionou a experiência de testar e, por fim, comprovar a eficácia dos pensamentos, como forma de autoajuda, seja quando nos vemos apanhados por algum tipo de fadiga mental ou física, seja simplesmente, nas situações em que nossa capacidade de

lidar com o novo ou desconhecido, está sendo posta a prova. Literalmente, passei a escutar minha resposta interior e pude perceber que, repetir para mim mesma: "eu posso, eu consigo" "se eu vim até aqui, posso ir até onde realmente desejo" "só faltam mais alguns passos, vamos lá", enfim, fez com que a luzinha verde se acendesse e eu passasse a acreditar que tudo é possível, de que tudo sou capaz. Nesse sentido, a corrida me deu a certeza de que, um bom resultado, no próprio esporte ou na vida pessoal como um todo, requer uma certa dose de esforço para a mudança de antigos hábitos e pensamentos ocorrerem, sem a qual a mesmice se instala e não há evolução.



A corrida me fez aprender muito sobre quem eu sou. É um tempo que dedico a mim, aos meus pensamentos. A corrida fez com que eu compreendesse que para vencer é preciso persistir, que não adianta esperar nada dos outros, que dependo de mim mesma. As provas de corrida me ensinaram a me enxergar como um todo e vi que é impossível separar o corpo da mente e os sentimentos das ações. A corrida me fez a voltar a confiar em mim, aprendi que sou capaz. Aprendi também que superestimar-se pode literalmente machucar e superestimar-se é o mesmo que mentir a si mesmo. A corrida trouxe de volta o equilíbrio e uma vontade enorme de querer mais.

Os eventos de corrida nada mais são do que uma grande exposição. De corpos, de mentes, de capacidades. Tudo é colocado à prova publicamente. Embora alguns digam que a prova de corrida é uma competição consigo mesmos, que se importam apenas com o que são capazes de fazer, outros revelam medo de encarar esse desafio. E não é apenas o desafio de correr, mas de ser julgado. Nas provas de corrida, o julgamento pode acontecer ao vivo ou pela internet. Os resultados são colocados em um *ranking* onde é possível observar o desempenho de todos.



Que parte difícil participar do primeiro evento! Questionamos-nos se seremos capazes de terminar a corrida, se participarão pessoas da nossa idade, se seremos a última a chegar, muitos variantes à considerar. Insegurança me bloqueou antes de ter coragem de participar da primeira corrida! Depois da inscrição, vem o medo de não conseguir completar a prova e de

tentar fazer bonito. Semanas antes, muito treino, cronometragem e comparação com outros tempos de corredores profissionais ou não, ou mesmo com outros mais jovens...aí que a coisa pega! Se você for comparar mesmo, você não corre...tem que se permitir não ser a melhor, correr no seu ritmo e vencer seus preconceitos. O que muito me ajudou nesta fase, foram as revistas especializadas que comprei sobre corridas, elas ensinam como correr pela primeira vez, como treinar, e muitas outras dicas e incentivos. Vale também as pesquisas na internet, para saber das experiências de outras pessoas, suas impressões e como transpor esta primeira "barreira psicológica"



Mas ao poucos vamos experimentando novos treinos, as planilhas já aparecem com quilômetros para percorrer, e quando nos deparamos estamos na frente do computador nos inscrevendo para a primeira prova de corrida de rua. Confesso que a minha primeira prova, que foram 5km, me gerou muita dúvida se eu realmente estava pronta para encarar, afinal de contas eu nem me dava conta de quanto era realmente 5km, e muito menos que acordar cedo num domingo de manhã seria empolgante.



Como falei anteriormente, não sou nem pretendo ser profissional. Apesar de já fazer quase um ano que comecei a treinar, só participei de uma corrida de rua. Talvez por insegurança, me achar incapaz de terminar, achar que estou treinando pouco, medo de me machucar, e o maior motivo, falta de tempo. Mas depois da primeira, perdi o medo. Depois de minha inscrição, sem dúvida fiquei mais animada para treinar, sempre pensando em completar a prova, independente do tempo que levaria.

A superação do medo passa por tomadas de decisões. No entanto, tomar decisões, implica em um movimento interno subjetivo, onde o querer fazer precisa estar aliado ao poder fazer. Aí entram os professores que transformam os treinamentos em espaços de possibilidades: lugares de capacitação, de aprendizado. De acordo com os relatos dos corredores, esse poder fazer parece estar relacionado ao consumo, não apenas de informações, mas também de produtos e serviços. Através dos relatos abaixo se percebe que a participação em eventos transformou hábitos e criou uma infinidade de "necessidades".



Somente agora, que estou treinando para a meia maratona que consultei uma nutricionista de forma a balancear melhor a alimentação, mas pedi pra ela que não colocasse nenhum suplemento (*whey*, caseína), pois eu gosto de comida mesmo, e quero que essa minha mudança seja sustentável, que eu possa estar em qualquer lugar e me alimentar de frutas, verduras, integrais e ir treinar. Uma das coisas que eu realmente cortei foram as bebidas alcoólicas, que apesar de esporádicas, fizeram falta na sexta e sábado à noite, mas o treino do dia seguinte era sagrado e eu não iria comprometer meu desempenho de jeito nenhum.



Visando a melhoria no desempenho esportivo, iniciei estudos relativos à alimentação, estudei dietas novas (nunca fiz sequer uma dieta) como a dieta paleolítica e *low-carb*, assisti dezenas de vídeos sobre a forma correta de correr, exercícios educativos, li revistas de corrida, assisto rotineiramente programas de corrida de rua com informações sobre assuntos diversos, adquiri tenis de marcas diferentes com tecnologias únicas na tentativa de melhoria de *performance*. Camisetas, bermudas, meias, foram estudadas a fundo para descobrir o melhor material de cada.

O maior aprendizado, porém, parece vir das experiências, dos benefícios percebidos pelos corredores, das “verdades” encontradas por cada um. A corrida de rua, como prática cultural contemporânea, parece ter auxiliado na transformação dos hábitos de vida dos sujeitos. É no cruzamento entre os artefatos culturais e a educação que as pedagogias culturais começam a ser percebidas e consideradas com redutos de investigação (COSTA, 2000).

Hoje estou entendendo que programas de TV, catálogos de propaganda, revistas, literatura, jornal e cinema – para citar apenas alguns exemplos dentre a parafernália de produtos culturais circulantes no nosso universo cotidiano – são textos culturais que operam constitutivamente em relação aos objetos, sujeitos e verdades do seu tempo. (COSTA, 2000, p. 37).

A prática da corrida parece contribuir também com a mudança de hábitos. Os treinamentos e as conseqüentes transformações experimentadas servem como motivadores para que os corredores adotem comportamentos diferentes e transformem suas rotinas.



Em todos os programas sobre envelhecimento com saúde, sempre mencionam as atividades físicas como principal meta, e isto se transformou em objetivo para mim. Uma atividade para dar suporte à corrida também tem me levado a pensar em mais alguma coisa para acrescentar ao meu dia-a-dia.

No quesito alimentação, foi que adquiri mais transformações. Penso sempre em como aquele alimento pode me beneficiar ou prejudicar. Vou mais lentamente em direção a uma alimentação mais saudável. Procuo substituir comidas que adoro, por coisas menos calóricas. Mas ainda ocorrem "deslizes", hoje não tão frequentes.



A corrida me auxiliou na reconstrução da minha autoestima, principalmente por me ajudar a perder peso, bem como a vencer meus limites. Como havia dito em outro depoimento, jamais me imaginei correndo e gostando disso. Saber que sou capaz de ir além do que eu imaginava, me fez um bem danado. Além disso, passei a ter noites de sono mais tranquilas, sem tantas interrupções na madrugada. Minha disposição para coisas simples do dia-a-dia também melhorou. Inclusive, servi de motivação para outras pessoas começarem a correr. Minha filha, uma linda menina de 7 anos, passou a me questionar o porquê de eu ter que correr, e após várias explicações, ela também sente a necessidade de se exercitar, seja através das aulas de patinação que pratica, ou um passeio de bicicleta pelo bairro, ou até mesmo, dar uma corridinha dentro de casa, pois segundo ela "ajuda a emagrecer".



Já pratiquei esportes diversos durante toda a minha vida, mas nenhum deles promoveu uma mudança no meu cotidiano tamanha como a corrida. Talvez pelo fato de a mesma não ser apenas um esporte, mas sim um estilo de vida. É assim que tenho encarado este novo momento, a rotina começou a girar em torno dos treinos, as viagens em torno de provas. Um exemplo recente, em um casamento em que fui convidado em outra cidade previamente passei

dias e dias procurando provas de corrida para que pudesse conciliar a data com algum evento, foi quando encontrei uma corrida que ocorreria em no dia posterior ao casamento. Durante a festa evitei o consumo de bebida alcoólica e, para piorar a situação, deixei a namorada com as amigas na festa para voltar mais cedo para dormir já que a largada seria logo às 8 da manhã. Parece loucura, mas como já escrito pelo ultramaratonista Renato Mello, todo corredor é de certa forma egoísta, os treinos e provas parecem ganhar um valor superior aos compromissos cotidianos.



A partir do momento que comecei a correr com grupo de assessoria de corrida, comecei a sentir um pequeno resultado no meu corpo, mesmo não mudando a alimentação. Ao perceber mais mudanças comecei a cuidar da alimentação com o acompanhamento da nutricionista que o grupo disponibilizou e consegui obter um ótimo resultado. Os treinos de corrida ocorrem em dois horários 7 da manhã e às 18 da noite. Como estudo a noite precisei a me adaptar no horário das 7 da manhã para ter o acompanhamento do professor nos treinos. Foi difícil no começo acordar cedo, pois como estudo a noite, chego em casa muito agitada e acabo dormindo tarde. Além disso, moro longe e os treinos acontecem na beira mar. Mas conforme fui indo aos treinos comecei a dormir mais cedo e me adaptar a nova rotina.



Ao iniciar os treinos de corrida percebi que a mudança nos hábitos foi natural. Nos dias de treino todas as atividades já são propostas para que o término seja no horário para não atrasar. A alimentação também já é moldada para que não interfira na corrida. Quando comecei a correr já fui me habituando a ter uma alimentação saudável, pois assim já percebia uma desenvoltura melhor nos treinos e provinhas de rua. A qualidade de vida tem transformação total quando iniciamos uma atividade física, e no caso da corrida percebi que meu sono melhorou e a minha disposição no trabalho também.



A corrida transformou a minha vida em muitos sentidos. Uma das melhores coisas foi a adoção do novo estilo de vida, que me fez tirar o foco da dieta, do comer para emagrecer. Agora eu como para nutrir o meu corpo, para deixa-lo preparado para os treinos e adoro

essa mudança. Para quem sempre brigou com a balança, isso é algo fantástico! Meus hábitos alimentares eram saudáveis já, devido ao processo de emagrecimento pós cirurgia bariátrica, apenas aprendi a comer em horários corretos e incorporei as alimentações pré e pós treino, de maneira a suprir o corpo para que ele tivesse melhor desempenho.(...)Meu marido sofreu um pouco com isso, pois deixei de ser companheira em muitos eventos sociais, mas aos poucos ele entendeu minha determinação e agora até está começando a correr e ver os resultados que a corrida traz para corpo e mente, e finalmente entendendo a minha dedicação. Digo isso pois muita gente que eu conheço não entende porque tanta disciplina se eu não sou uma corredora profissional, se não ganho nada pra isso, mal sabem eles o quanto eu ganho! Sempre digo que a corrida é uma coisa pessoal, uma conquista só sua, uma competição só entre você e você. Com a vida social um pouco comprometida, começamos a aprender a nos divertir com outras coisas, aprendi a cozinhar para saber exatamente o que eu como e temos uma vida saudável, que nem sempre é fácil, mas vale a pena.



Após inserir a rotina da corrida em minha vida, como sou uma pessoa curiosa sobre o que faço, comecei a ler bastante sobre o assunto. Fiz assinatura das principais revistas no Brasil e comecei a entender o que está inserido neste mundo da corrida. Percebi com a leitura que, para fazer tudo de uma maneira saudável e bem feita teria que procurar ajuda de profissionais especializados e mudar alguns hábitos.



Os eventos são fantásticos, algo que motivam cada vez mais. Com o aumento do mercado há espaço para todos, aqueles que buscam as provas de 5, 10 e agora também aqueles que querem as de 21, 42 ou mais (ultramaratonas. Me vejo hoje em busca de mais um novo objetivo, e quero completá-lo exatamente em um evento, uma *golden four*. Fazer uma meia maratona.



Os eventos de corrida especializada oportunizam e oferecem ao atleta, especialmente ao amador como eu, a premiação e a experiência dessa sensação: de dever cumprido, de alcance de metas ou mesmo de revisão de comportamentos e treinos.

Através dos depoimentos, percebi que tanto a corrida quanto os eventos, podem ser considerados artefatos que exercem função educativa. Eles influenciam comportamentos, mobilizam ações, transformam hábitos e criam novos modos de vida. Muito embora tenham sido retratadas neste trabalho questões relacionadas à sociabilidade, ao consumo e às possibilidades de participação, acredito que a corrida gera tamanha mobilização justamente por ser um momento em que as pessoas focam em si. A corrida permite um contato mais próximo com o “eu”, o reconhecimento de possibilidades e dificuldades, a aceitação das limitações, a proposição e o alcance de metas, a superação de medos e a alegria do encontro, o encontro consigo mesmo.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando entrei correndo naquele túnel, muitas coisas passaram pela cabeça. Era o final de uma jornada que tinha começado há quase dois anos, encerrava-se ali minha passagem pelo mundo das corridas de rua como pesquisadora. Também se iniciava um novo ciclo. Eu estava completando a primeira corrida depois de quase sete anos – um acidente fez com que eu ficasse um longo período afastada para tratar do rompimento dos ligamentos do joelho.

O medo de recomeçar, os afazeres do dia a dia e a preguiça, foram aliados do sedentarismo. Protelei minha volta o quanto pude. Por conta da pesquisa, entrei em um grupo de corridas em julho de 2012, treinei, acompanhei vários eventos, tive muita vontade de participar. Algumas vezes, sentei em frente ao computador a fim de realizar minha inscrição para as provas, mas algo fazia com que eu não me sentisse preparada.

Chegou o mês de agosto de 2013. Eu estava treinando, trabalhando e finalizando a dissertação. Chegava dos encontros com o grupo e escrevia, escrevia. No entanto, faltava algo. Não era possível terminar o trabalho e não participar de uma prova. Logo eu, que sempre gostei muito mais de atuar do que de assistir. Era preciso deixar-me afetar. Olhei o calendário, escolhi a prova e me inscrevi. Durante os treinamentos só pensava na corrida, no tempo que faria e na estratégia que adotaria. Nos momentos de cansaço, me imaginava cruzando a linha de chegada.

Domingo, 29 de setembro, o grande dia. Eu iria colocar a prova, muito do que escrevi. Será que teria as mesmas sensações descritas pelos meus colegas corredores nas redações? Será que sentiria algo parecido com o que Murakami escreveu no livro? Até ali, o aprendizado tinha sido grande e intenso. Aprendi fisiologia, um pouco de física e muito sobre nutrição. Entendi como funcionam grupos com interesses comuns. Vivenciei o consumo, o mercado e os eventos. Acima de tudo, aprendi a me entender, a me aceitar e a conviver comigo.

Um dia, enquanto corria, fiquei tentando monitorar o que pensava. Para minha surpresa, descobri que não penso em nada enquanto corro. Talvez a corrida seja minha forma de meditação, de encontro comigo. O máximo que faço é me auto incentivar. Vai, falta pouco. Respira, tá quase chegando, termina lá naquela árvore. Se correres um pouco mais rápido dá para passar aquele moço de camiseta amarela. Na maior parte do tempo, mente limpa e esforço apenas físico.

Chegar até ali, significava muito para mim. Eu não senti cansaço algum. Nos últimos metros olhei para frente e coloquei como meta superar alguns corredores. Fui passando um a um e meu orgulho só aumentava. Faltando cerca de quinhentos metros encontrei minha treinadora. Ela gritou- “estas inteira, aproveita e acelera”. Foi o que fiz. Acho que foram os quinhentos metros mais rápidos da minha vida. Fiquei com uma vontade enorme de olhar para o relógio. Resisti. Quando cruzei a linha de chegada a primeira coisa que fiz foi apertar o botão e parar o cronômetro. Tinha superado a minha meta, vencido meus medos, terminado o que havia proposto. Foi apenas uma corrida. Mas para mim, foi muito mais que isso. Eu estava muito orgulhosa do que eu acabara de conquistar. Pensei nos treinos, no trabalho, no joelho, nos professores, enfim em todo o processo que fez com que eu chegasse até ali.

Agora que escrevo essas últimas linhas, proponho o mesmo. Que repensemos as perguntas que fiz no início do trabalho. Que resgatemos o processo para que dele tiremos algumas conclusões, mesmo que temporárias. Acredito que tanto para mim enquanto corredora, quanto para este trabalho enquanto pesquisa acadêmica, o mais importante seja o percurso, não os resultados.

Não sei se a corrida veio para ficar, ou se é mais um modismo esportivo-cultural-social. Entendo que ela conquistou um grande espaço e tornou-se um fenômeno mundial justamente por unir essas três possibilidades. A corrida é cultura entre os africanos, é um mercado entre os americanos, é um lazer para os europeus, enfim é abrangente, é um pouco de tudo para todos.

Talvez as características desse esporte o façam tão popular. Ele é praticado na rua, onde se resgata não só a função social desse espaço, hoje tomado por carros, prédios, viadutos *eoutdoors*, mas também promove a interação entre o corredor e a cidade onde vive, o corredor e os espaços muitas vezes ignorados por ele em outro corre-corre, o do dia a dia. A corrida também produz encontros durante os treinamentos e os eventos. Ela transforma desconhecidos em participantes de uma mesma tribo. Ela é um espaço de lazer e sociabilidade, é igualmente um espaço de exibição. A mesma corrida que é considerada por muitos uma atividade democrática, também exclui, classifica e rotula.

Para alguns, ela deixa de ser uma atividade lazer, para transformar-se em uma obrigação motivada pela necessidade de “apresentar-se” desta ou daquela maneira. A corrida mobiliza muitos tipos de indústria e o consumo de produtos e serviços vinculados à sua prática faz com que o mercado, através das mais diversas mídias, sustente a sua continuidade e desenvolvimento.

Proponho um regresso à linha de partida, onde apresentei o objetivo do trabalho: *“investigar e mostrar as relações da corrida e dos eventos de corrida com a produção de sujeitos. Entender a corrida como uma prática que influi na construção de modos de viver, levando em consideração sua articulação com o mercado de produtos e serviços (incluindo aí os eventos e os grupos de corredores) e a educação”*.

Após um ano e meio de convivência com corredores, grupos de corrida, eventos e com a própria corrida, entendo que ela é uma atividade capaz de precipitar mudanças e transformações nos hábitos dos praticantes. Percebi que os corredores estão sempre em busca de ressignificações, seja para o tempo, para o espaço ou para a vida. Transformam a corrida em um momento de socialização e aprendizado. Usam essa atividade para conhecerem um pouco mais sobre si, para terem um tempo consigo mesmos. Buscam romper com o tédio do dia a dia, com a solidão. Estão atrás de divertimento e de fruição. Procuram algo que os faça sair da rotina e que contribua para que consigam suportar a mesma.

Os corredores aprendem através do consumo, da sociabilidade e dos eventos. Le em revistas, trocam informações nas redes sociais, viajam juntos, conversam sobre novas técnicas, exercícios e tecnologias. Tudo isso é motivado pela preparação para os eventos, que são escolhidos pelo percurso, pelo preço e pelas possibilidades de superação.

Entendo que toda a estrutura que configura e faz acontecer os eventos de corrida de rua e a disseminação dessa cultura, produzem um emaranhado de produtos culturais que estão em circulação o tempo todo. Seja nas convocações para as provas, nos chamados envolventes dos meios virtuais e da publicidade, no apelo ao espetáculo que promete prazer e liberdade ou ainda, conforme Bauman (2008b), pela necessidade de tornarem-se uma mercadoria atraente e disputada.

Através das redações, das observações e das minhas anotações no caderno de campo foi sendo possível rascunhar uma identidade de corredor, uma vez que dentro desta cultura, um conjunto de discursos – incluindo-se os *sites* e *blogs* (onde as informações circulam), as comunidades virtuais, os treinamentos e os eventos – vêm produzindo sujeitos contemporâneos. A cultura da corrida pode ser vista como uma junção neotribal, implicada na vivência coletiva de experiências. A partilha, repetida em cada treinamento coletivo e em cada prova, ritualiza-se no reconhecimento e na reafirmação de determinados valores e práticas entre seus participantes. (BORTOLAZZO, 2010).

Os treinamentos para os eventos são repletos de lições. Os corredores aprendem a seguir um planejamento e a respeitarem seus limites. Quando saem da linha, o corpo reclama ou o desempenho fica aquém do esperado. Os corredores são expostos ao cansaço, a dor, a condições climáticas desfavoráveis, mas aprendem a persistir. A corrida também proporciona lições de vida através do encontro de iniciantes com experientes, de jovens com idosos, de maratonistas com aqueles cujo sonho é correr 10km.

Muitas dos participantes da pesquisa relataram que suas primeiras experiências com a corrida não foram prazerosas. Foi necessário um tempo, foi preciso persistência, foi indispensável traçar uma meta. O mesmo aconteceu com este trabalho. No início me vi um pouco perdida diante de todas as possibilidades de estudo suscitadas por esse tema. Escolhi um caminho e passei por ele. Procurei articular o assunto com diversas áreas do conhecimento. Encontrei histórias que mereciam ser contadas e detalhes para enfeitar. Muitas vezes o cadarço desamarrou e tropecei. Nos tropeços descobri que a corrida não é apenas uma atividade de lazer, ela pode ser também um instrumento de dominação.

Os corredores/consumidores são expostos a uma série de mensagens de venda. De tempos em tempo criam-se novos produtos e serviços e os corredores remetem ao uso e a posse dos mesmos o desejo de um melhor desempenho. É preciso estar correndo atrás. Afinal logo, logo vem o próximo evento, o próximo desafio. E aí, não basta treinar. É preciso estar sempre à frente, possuir os melhores equipamentos, estar na moda, aparecer em meio à multidão, seguir os padrões.

O que caracteriza a corrida é justamente a capacidade de transpor para a rua e colocar a prova os desejos, as necessidades, as frustrações e as superações. A corrida é capaz de construir ou alterar modos de vida. A corrida ensina, produz uma série de comportamentos que vão do alcance de metas até a exibição de corpos e desempenhos. A corrida nos proporciona infinitas possibilidades, e considerada democrática justamente por isso. Cada um faz dela o uso que considera mais conveniente.

Termino com um trecho do livro de Murakami (2010) que, em minha opinião, transmite o significado da corrida para mim e para a maioria dos corredores que fizeram parte deste trabalho.

Meu tempo, a posição que atingi, minha aparência externa – tudo isso é secundário. Para um corredor como eu, o que realmente importa é atingir o

objetivo a que me propus, com minhas próprias forças. Dou tudo de mim, suporto o que for necessário e sou capaz, a meu próprio modo, de ficar satisfeito. Dos fracassos e alegrias sempre tento sair tendo alcançado uma lição concreta. (Tem de ser concreta, por menor que seja). E espero que, com o tempo, à medida que uma corrida se siga a outra, no fim, eu chegue a um lugar em que esteja contente. Ou talvez tenha um vislumbre dele. (sim, esse é um jeito mais apropriado de ver a coisa). (p.145)



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACÁCIO, Eduardo. Por que eu corro. [Internet]. O não democrático mundo das corridas. Postagem 06 maio 2013. Disponível em: <http://goo.gl/EncQWf>. Acesso em 22 junho 2013.

ALBUQUERQUE, Rubens Caetano de. **Comportamento do consumidor de materiais esportivos para a prática da corrida de rua na região metropolitana de Belo Horizonte**. 2007. Dissertação (Mestrado em Administração). Faculdades Integradas Pedro Leopoldo. Pedro Leopoldo – MG, 2007,

ALLEN, Johnny, O'Tolle William, McDonell, Ian, HARRIS, Robert. **Organização e gestão de eventos**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

ANDRÉ, Maristela Guimarães. **Consumo e Identidade: itinerários cotidianos da subjetividade**. São Paulo: DVS Editora, 2006.

AUGUSTI, Marcelo, AGUIAR, Carmen Maria. Corrida de rua e sociabilidade. Efdeportes.com. Buenos Aires. Ano 16 n.159, ago 2011. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd159/corrida-de-rua-e-sociabilidade.htm>. Acesso em: 07 de abril de 2012.

BANKOFF, Antonia Dalla Pria. DE MARCHI NETTO, Francisco Luiz. A promoção da saúde pela via da atividade física e do esporte. **Vita et sanitas**. Trindade, v.1, n.1, 2007.

BARROS, Turíbio Leite. Entrevista Dr. Turíbio Leite de Barros. **Corpore**, São Paulo, 15 outubro 2010. Disponível em: <http://goo.gl/UdqLc>. Acesso em: 25 ago. 2012.

BAUMAN, Zygmund. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

_____. **A Sociedade Individualizada: vida contadas e histórias vividas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008a.

_____. **Vida para Consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008b.

BARBOSA, Livia. CAMPBELL, Colin. O estudo do consumo nas ciências sociais contemporâneas. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Colin (org). **Cultura, Consumo e Identidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

BARNUEVO, Sara. **Gente e Mercado**. 2012. Disponível em: <http://goo.gl/KCNzUz>. Acesso em: 14 maio 2013.

BBC Brasil. Londres 2012: **Patrocinadores 'não-saudáveis' provocam polêmica**. São Paulo, 2012. Disponível em: <http://goo.gl/b9TnB6>. Acesso em: 13 maio 2013.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BRITTO, Janaína, FONTES, Nena. **Estratégias para eventos**: uma ótica do marketing e do turismo. 2 ed. São Paulo: Aleph, 2006.

BORTOLAZZO, Sandro Faccin. **Vivendo no espetáculo, aprendendo com o espetáculo-cultura RAVE e produção de Jovens Contemporâneos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Luterana do Brasil. Canoas: 2010. Disponível em: <http://goo.gl/flaRAr>. Acesso em: 05 abril 2013.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 8 ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

CANTON, Antonia Marisa. Eventos. In: ANSARH, Marcela Gomes dos Reis (Org.). **Turismo: como aprender, como ensinar**. São Paulo: SENAC, 2004.

CARTAXO, Camila Augusta. **Amizade, Corpo e Consumo entre corredores de rua de assessorias esportivas na Zona Sul do Rio de Janeiro**. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal Fluminense: Rio de Janeiro, 2012.

CHOZICK, Amy. Reality Shows tipoexportação. **Folha de São Paulo**. 2011 Dez 05. Disponível em: <http://goo.gl/MNb3hK>. Acesso em: 17 jul. 2013

CORPORE. Evolução de Participantes das corridas organizadas pela Corpore (1994 a 2011). Disponível em: <http://goo.gl/6wVgs5>. Acesso em: 04 março 2012.

COSTA, Vera Lúcia de Menezes, COICEIRO, Geovanna Alves. Ritos e rituais contemporâneos de corredores de longa distância. **Efdeportes.com**. Buenos Aires. Ano 10 n.86, jul 2005. Disponível em: <http://www.efdeportes.com/efd86/ritos.htm>. Acesso em: 12 mar. 2013.

COSTA, Marisa Vorraber. O consumismo na sociedade de consumidores. In COSTA, Marisa Vorraber (Org). **A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009a.

_____. Educar-se na sociedade de consumidores. In COSTA, Marisa Vorraber (Org). **A Educação na Cultura da Mídia e do Consumo**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009b.

COSTA, Marisa Vorraber, ANDRADE, Paula Deporte de. **Na produtiva confluência entre educação e comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas**. 36ª Reunião Nacional da ANPED. Goiânia, 2013. Disponível em: <http://goo.gl/Wt5zYW>. Acesso em: 05 outubro 2013.

CORRIDAS EM SANTA CATARINA. Calendário 2012. Disponível em: <http://goo.gl/92gPU3>. Acesso em: 04 agosto 2012.

DALLARI, Martha. **Corrida de rua: um fenômeno sociocultural contemporâneo**. 2009. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo: São Paulo, 2009.

DOUGLAS, Mary; ISHERWOOD, Baron. **O Mundo dos Bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2006.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

FANTIN, Mônica. RIVOLTELLA, PierCesare. Crianças na Era Digital: desafios da comunicação e da educação. In: **REU**. Sorocaba, SP, v.36, n.1, p.89-104, junho/2010.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”. **Cadernos de campo**. Sao Paulo: USP, n.13, 2005.

FELINTO, Erick. **Tecnognose**: tecnologias do virtual, identidade e imaginação espiritual. In Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia. EDIPUCRS: Porto Alegre, n. 18, p.15, 25 ago. 2002. Disponível em: <http://goo.gl/LBmrmA>. Acesso em: 12 jul. 2013.

FREITAS, Estanislau de. Hábito de correr e competir vira mania entre os paulistanos. **Folha de São Paulo**, 2004 Set 19. Disponível em: <http://goo.gl/HWjlfA>. Acesso em: 02 fev. 2012.

FUSCO, Camila. Corrida de rua, 2º esporte mais popular do Brasil, movimentada R\$ 3 bi ao ano. **Folha de São Paulo**. 2010 set 14. Disponível em: <http://goo.gl/wiilC> Acesso em: 01 fev. 2012.

GIROUX, Henry A., McLAREN, Peter. Por uma pedagogia crítica da representação. In: SILVA, Tomas Tadeu da, MOREIRA, Antônio Flávio (orgs.). **Territórios Contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 22, nº2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

_____. **Da diáspora**. Identidades e Mediações Culturais. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

ISTO É DINHEIRO. A Corrida dos lucros. Disponível em: <http://goo.gl/cYVuEt>. Acesso em 15 nov. 2011.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KLEIN, Gabriela Falcão. **Aprendendo a (vi)ver com a Capricho**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós Graduação em Educação. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2012.

KULLER, Aline Bellati. O boom das corridas de rua. **Meio & Mensagem**. São Paulo, ano 31, n.1370, p.30, 3, ago.2009.

LOPES, Denilson. **No coração do mundo**: paisagens transculturais. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

LOVISOLO, Hugo Rodolfo. **Atividade física, educação e saúde**. Rio de Janeiro: Sprint, 2000.

MAFESSOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Festa no Pedraço: cultura popular e lazer na cidade**. 3ed. São Paulo: Hucitec/UNESP, 2003.

_____. Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C. & TORRES, Lilian de Lucca. (Orgs.) **Na Metrópole: Textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: EDUSP, 1996. Disponível em: http://n-a-u.org/novo/wp-content/uploads/2012/03/campo_cidade.pdf. Acesso em: 05 ago. 2013.

_____. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, junho-2002, v. 17, n. 49 (p. 11-29). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf> Acesso em 30 jun. 2013.

_____. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. Os urbanistas: **Revista digital de Antropologia Urbana**. Ano 1, vol. 1, n.º 0, 2003. Disponível em: <http://www.osurbanitas.org/antropologia/osurbanitas/revista/RUA.html>. Acesso em: 25 jul. 2013.

MARTIN, Vanessa. **Manual Prático de Eventos**. São Paulo: Atlas, 2008.

MOURA, Cintia Altoéde, PALMA, Alexandre, COSTA FILHO, Paulo Nunes, ALMEIDA, Marcelo Nunes de. **Características associadas aos corredores da maratona do Rio de Janeiro**. *Fitness & Performance Journal*. 2010. jan-mar;9(1). Disponível em: <http://goo.gl/zgToKp>. Acesso em: 03 março. 2013.

MORFIN, Jo Ana. Unstable Events. In: Event as an artistic, cultural and political practice. Amsterdam School for Analysis Cultural. **Event Abstracts**. Amsterdam: University of Amsterdam, 2013. Disponível em: <http://goo.gl/925IW0>. Acesso em: 04 julho 2013.

MURAKAMI, Haruki. **Do que eu falo quando falo de corrida**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

ORTEGA, Francisco. Práticas de ascese corporal e constituição de bioidentidades. **Cadernos de Saúde Coletiva**. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <http://goo.gl/AtrSJd>. Acesso em março 2013.

PALHARES, Juliana Meirelles, BASTOS, Flávia da Cunha, PEDRO, Mário Antonio Dawid Corrida de Rua: estudo exploratório da produção científica em universidades estaduais paulistas. **Revista Mineira de Educação Física** (UFV). v. 17, p. 76-87, 2009.

PALHARES, Juliana Meirelles ; BENETTI, M. P. ; MAZZEI, Leandro Carlos ; BASTOS, Flávia da Cunha. Perfil e preferências de praticantes de corrida de rua: um estudo preliminar. **Revista Mineira de Educação Física** (UFV). v. XX, p. 1664-1673, 2012.

PEIRANO, Mariza. **Etnografia, ou a teoria vivida. Ponto Urbe**. Ano 2, ed.2, fevereiro 2008 Disponível em: <http://goo.gl/wI6slP>. Acesso em 03 junho 2013.

POPOSKI, Zoran. Event and Situation in Chen Guang's Tiananmen Paintings. In: Event as an artistic, cultural and political practice. Amsterdam School for Analysis Cultural. Event Abstracts. Amsterdam: University of Amsterdam, 2013. Disponível em: <http://goo.gl/925IW0>. Acesso em: 04 julho 2013.

POWERS, Scott K. ; HOWLEY, Edward T. **Fisiologia do Exercício : Teoria e Aplicação ao Condicionamento e ao Desempenho**. 6 ed. Barueri: Manole, 2009.

RIBEIRO, Andersson Teixeira. **Eventos de Corrida de Rua em Fortaleza-Ce como comunicação de marca**. Dissertação (Mestrado em Administração), Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade (FEAAC) – UFC, Fortaleza: 2009.

ROMANINI, Carolina. Correr é fazer amigos. **Veja**, 2009 24 jun. edição 2118. Disponível em: <http://goo.gl/3pLFgm>. Acesso em 01 fevereiro 2012.

RUNNERS WORLD. **Corridas de rua têm maior crescimento dos últimos 4 anos.** 2011. Disponível em: <http://goo.gl/vSOt2Y>. Acesso em: 21 janeiro 2012.

SALGADO, José Vitor Vieira, MIKAIL, Mara Patricia Taina Chacon. Corrida de rua: análise do crescimento do número de provas e de praticantes. **Conexões(UNICAMP)**. V. 4, n.1, 2006. Disponível em: <http://goo.gl/ux4twK>. Acesso em: 12 março 2012.

SCHMIDT Saraí Patrícia. **Ter atitude:** escolhas da juventude líquida: um estudo sobre mídia, educação e cultura jovem global. 2006. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://goo.gl/NPqKvC>. Acesso em 05 março 2012.

SEGALEN, Martine. **Ritos e Rituais contemporâneos.** Rio de Janeiro: FGV, 2002.

SHIRKY, Clay. **A cultura da participação:** criatividade e generosidade no mundo conectado. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SOBRAL, Eliane. A corrida das marcas. **Gazeta Esportiva**, edição 717, jul. 2011.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CARDIOLOGIA. Metade dos brasileiros não pratica atividade física, aponta pesquisa da SBC. Ceará, 2012. Disponível em: <http://goo.gl/6wVgs5>. Acesso em: 02 março 2013.

SOUZA, Daiana de. Gomes, Mayra de Azevedo, Albergaria, Marcia. Motivação para prática da corrida de rua. **Fiep Bulletin on line**. V. 82. Disponível em: <http://goo.gl/uXIVHf>. Acesso em: 22 junho 2013.

TRUCCOLO, Adriana Barni, MADURO, Paula Andreatta, FEIJÓ, Eduardo Aguirre. Fatores motivacionais de adesão a grupos de corrida. **Motriz**, v.14 n.2, Rio Claro: abr./jun. 2008. Disponível em: <http://goo.gl/aMRtD0>. Acesso em 05 fev. 2012.

URIARTE. Urpi Montoya. O que é fazer etnografia para os antropólogos. **Ponto Urbe**. Ano 6, ed.11, dezembro 2012. Disponível em: <http://goo.gl/YH1YeZ>. Acesso em 03 junho 2013.

VENTURA, Carlos Gomes. **Runnig News** [Internet] A primeira corrida de rua no Brasil. Postagem 15 Novembro 2010. Disponível em: <http://carlosventura8085.blogspot.com.br/>

WEINECK, Jürgen. **Atividade física e esporte: para quê?** São Paulo: Manole, 2003.

WORTMANN, Maria Lúcia. C. Análises Culturais - um modo de lidar com as histórias que interessam a educação. In COSTA, Marisa Vorraber (Org). **Caminhos Investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: Lamparina, 2007.p. 71-90.

ZUIN, Antonio. O Orkut como fonte de pesquisa em Educação. In: BIANCHETTI, Lucídio. MEKSENAS, Paulo (orgs.) **A Trama do Conhecimento: teoria, método e escrita em ciência e pesquisa.** 2 ed. Campinas, SP: Papirus, 2008.

ANEXO

ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de recusa você não será penalizado (a) de forma alguma.

INFORMAÇÕES SOBRE A PESQUISA:

Título do Projeto: Corridas de Rua: Aprendizagens no tempo presente

Pesquisador Responsável: Jane Petry da Rosa

Orientador: Prof. Dr. Leandro Belinaso Guimarães

Telefone para contato: (48) 9923-9977 (Jane)

- **Objetivo da pesquisa:** investigar e mostrar as relações da corrida e dos eventos de corrida com a produção de sujeitos. Entender a corrida como uma prática que influi na construção de modos de viver, levando em consideração sua articulação com o mercado de produtos e serviços (incluindo aí os eventos e os grupos de corredores) e a educação”.
- **Metodologia:** usaremos como principais métodos de pesquisa a observação dos treinamentos e eventos, redações solicitadas aos corredores e acesso as páginas do *facebook* dos participantes.
- A pesquisa será realizada entre os meses de março e agosto de 2013

CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO

Eu, _____, RG _____, CPF _____ abaixo assinado, concordo em participar do estudo **Corridas de Rua: Aprendizagens no tempo presente**. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora **Jane Petry da Rosa** sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Afirmando que aceitei participar por minha própria vontade, sem receber qualquer incentivo financeiro e com a finalidade exclusiva de colaborar para o sucesso da pesquisa. Fui informado (a) dos objetivos estritamente acadêmicos do estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve à qualquer penalidade.

A pesquisadora me ofertou uma cópia assinada deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Local e data _____

Nome e Assinatura do sujeito ou responsável: _____

CONSENTIMENTO DO USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu _____, RG _____, CPF _____ abaixo assinado, depois de conhecer e entender os objetivos, procedimentos metodológicos, riscos e benefícios da pesquisa, bem como de estar ciente da necessidade do uso de minha imagem e/ou depoimento, especificados no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizo, através do presente termo, a pesquisadora Jane Petry da Rosa, do projeto de pesquisa intitulado **“Corridas de Rua: Aprendizagens no tempo presente”**,

a realizar/utilizar fotos que se façam necessárias e a colher meu depoimento, sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes.

Ao mesmo tempo, libero a utilização dessas fotos e depoimentos para fins científicos e de estudos (livros, artigos, *slides*, etc.), em favor da pesquisadora acima identificada